



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO – NÚCLEO UFAM

IRENE SILVA DE SOUSA SILVA

PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA: UMA
CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DA FILOSOFIA DO ENCONTRO
DE MARTIN BUBER

MANAUS – 2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO – NÚCLEO UFAM

IRENE SILVA DE SOUSA SILVA

**PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA: UMA
CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DA FILOSOFIA DO ENCONTRO
DE MARTIN BUBER**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFILO), Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como exigência para obtenção do título de Mestra em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Rodolfo Fernandes Silva.

MANAUS - 2025

IRENE SILVA DE SOUSA SILVA

**PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA
O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DA FILOSOFIA
DO ENCONTRO DE MARTIN BUBER**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Pedro Rodolfo Fernandes Silva – UFAM (Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Rodrigo Marcos de Jesus – UFMT (Membro Externo)

Prof. Dr. Deodato Ferreira da Costa – UFAM (Membro Interno)

Profª. Dra. Silvia Cristina Conde Nogueira – UFAM (Suplente Externo)

AGRADECIMENTOS

Fazer agradecimentos é uma tarefa difícil, pois sempre há a chance de esquecermos alguém que contribuiu de alguma forma em nossa trajetória acadêmica. Somente ao final do trabalho é que nos damos conta da nossa gratidão por aqueles que nos incentivaram com palavras encorajadoras, sugestões de leitura, conselhos, entre outros.

Início minhas considerações expressando minha sincera gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Amazonas, que me proporcionou a possibilidade de desenvolver esta pesquisa, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado, essencial para a realização deste estudo.

Meu especial agradecimento vai ao meu orientador, Professor Dr. Pedro Rodolfo Fernandes Silva, palavras não são suficientes para demonstrar minha gratidão. Sua empatia, dedicação e apoio incondicional, principalmente nos momentos mais desafiadores, foram fundamentais para o progresso deste trabalho. Sua competência e orientação formaram a base sólida desta pesquisa.

Agradeço também aos integrantes da minha banca de qualificação, Prof. Dr. Deodato Ferreira da Costa, da UFAM, e Prof. Dr. Rodrigo Marcos de Jesus, da UFMT, pelas valiosas orientações que contribuíram para a finalização desta pesquisa.

Aos amigos que conquistei durante o curso, em especial à minha querida amiga Adriana Prado, com quem compartilhei preocupações e ansiedades, que me apoiou durante a qualificação, meu muito obrigada. Cada um de vocês deixou uma marca significativa em minha jornada. Aprendi imensamente com todos e sou eternamente grata.

Minhas palavras de gratidão vão também para minha mãe, Maria Silva de Sousa (analfabeta, mas uma verdadeira mestra na minha formação enquanto ser humano), e para meu pai, Ambrozio José de Sousa (semianalfabeto e igualmente um mestre na formação do meu caráter, além de ser um grande entusiasta da minha vida). Este trabalho é dedicado a eles, que embora não estejam mais fisicamente presentes, sempre estarão em meu coração.

Aos meus filhos, Paula Brenda de Sousa Silva e Glauber de Sousa Vasconcelos, que sempre me apoiaram e me incentivaram nos momentos de dúvida, minha mais sincera gratidão.

Por fim, minha eterna gratidão ao meu Amor e Companheiro de Outras Vidas e que nesta também se faz presente, Fábio Rodrigo Severiano Guelber. Você foi quem me encorajou a me inscrever no mestrado, mesmo em uma área diferente da minha formação, e quem me proporcionou ideias valiosas ao longo dessa jornada. Sem seu suporte constante, este sonho não teria se tornado realidade.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

Figura 1 - Imagem representando um encontro inter-religioso.



Fonte: Foto criada por Inteligência Artificial a partir do prompt: encontro inter-religioso.

“Toda vida atual é encontro”
Martin Mordechai Buber (1889-1965)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a pluridiversidade religiosa na escola, abordada como contribuição para o Ensino de Filosofia na Educação Básica, a partir da Filosofia do Encontro de Martin Buber. O objetivo central consiste em investigar conceitos e práticas relacionadas à diversidade de crenças no contexto brasileiro, buscando construir caminhos pedagógicos que favoreçam o diálogo inter-religioso e o encontro com a alteridade no espaço escolar. Parte-se da hipótese de que o pensamento buberiano, com seus conceitos fundamentais de relação “Eu-Tu” e de “entre”, pode oferecer fundamentos teóricos consistentes para práticas educativas mais dialógicas e inclusivas. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada no método fenomenológico, e foi desenvolvida em uma escola pública, por meio de rodas de conversas com estudantes, professores e representantes de diferentes tradições religiosas — como o catolicismo, protestantismo, umbanda e candomblé, entre outras. Como produto formativo, elaborou-se um *podcast* educativo com reflexões sobre a convivência entre as religiões no espaço escolar. Os resultados evidenciam a necessidade de consolidar uma cultura escolar que valorize o reconhecimento do outro, o respeito às diferenças e a escuta ativa como elementos centrais da prática filosófica. Conclui-se que a Filosofia do Encontro oferece uma contribuição significativa ao Ensino de Filosofia, ao propor uma pedagogia do encontro capaz de promover a convivência plural e a formação ética no contexto educacional.

Palavras-chave: Pluridiversidade; Martin Buber; Ensino de Filosofia; Encontro; Diálogo; Comunidade; Alteridade.

ABSTRACT

This research focuses on the theme of *religious pluridiversity* in schools, approached as a contribution to the teaching of Philosophy in Basic Education, based on Martin Buber's *Philosophy of Encounter*. The central objective is to investigate concepts and practices related to the diversity of beliefs within the Brazilian context, seeking to construct pedagogical pathways that foster interreligious dialogue and the encounter with otherness in the school environment. The study is grounded on the hypothesis that Buber's thought, with its fundamental concepts of the *I-Thou* relationship and the *between*, can offer consistent theoretical foundations for more dialogical and inclusive educational practices. The research adopts a qualitative approach, based on the phenomenological method, and was conducted in a public school through discussion circles with students, teachers, and representatives of different religious traditions—such as Catholicism, Protestantism, Umbanda, and Candomblé, among others. As a formative product, an educational podcast was developed, featuring reflections on coexistence among religions within the school space. The results highlight the need to consolidate a school culture that values the recognition of the other, respect for differences, and active listening as central elements of philosophical practice. It is concluded that the *Philosophy of Encounter* offers a significant contribution to the teaching of Philosophy, by proposing a *pedagogy of encounter* capable of promoting plural coexistence and ethical formation within the educational context.

Keywords: Pluridiversity; Martin Buber; Philosophy Teaching; Encounter; Dialogue; Community; Otherness.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

RCA: Referencial Curricular Amazonense

UFAM: Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem representando um encontro inter-religioso.	6
Figura 2 - As palavras princípio para Martin Buber.....	37
Figura 3 - Recenseador do IBGE 2022.....	58
Figura 4 - Distribuição da população por raça.....	57
Figura 5 - Martin Buber.....	119
Figura 6 - O Caminho do Homem.....	119

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: A FILOSOFIA DO ENCONTRO DE MARTIN BUBER...25	25
1.1 Martin Buber: breve apresentação de sua trajetória.....	25
1.2 O Eu e o Tu.....	29
1.3 O Encontro com o “Tu” como forma de superação dos preconceitos.	31
1.3.1 Do encontro ao diálogo.....	34
1.4 A escola como lugar de vivência comunitária na perspectiva buberiana.	38
1.5 Pluridiversidade e pluriversalidade.....	44
1.5.1 Pluridiversidade religiosa e a Filosofia do Encontro de Martin Buber na comunidade escolar	47
CAPÍTULO 2: A PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA E O ENSINO DE FILOSOFIA.	52
2.1 A Pluridiversidade Religiosa.	52
2.2 O Ensino de Filosofia como formação para o Diálogo Religioso.	54
2.3 Aspectos legais do Ensino de Filosofia para a pluridiversidade religiosa.	55
2.3.1 A distribuição da população brasileira por religião.	57
2.4 Pluridiversidade religiosa e os marcos legais.	62
CAPÍTULO 3: PRÁTICAS E VIVÊNCIAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS QUE PROMOVEM O RESPEITO À PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA	66
3.1 Práticas e Vivências dialógicas.....	67
3.2 As rodas de conversa e o encontro com o outro	68
3.2.1 O registro das atividades e a produção do <i>podcast</i>	70
3.3 Relato de experiência: produção do <i>podcast</i> sobre pluridiversidade religiosa na escola	72
3.3.1 Relato de experiência dos estudantes participantes da gravação do <i>podcast</i>	74
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICES	83
APÊNDICE A: Rodas de conversas	83
APÊNDICE B: Escuta ativa	84

APÊNDICE C: Estúdio de gravação	85
APÊNDICE D: Chegada dos alunos ao estúdio de gravação.	86
APÊNDICE E: Composição da mesa dos convidados.	87
APÊNDICE F: Conversa com a mestrande e o babalorixá	88
APÊNDICE G: Conversa com o padre e o pastor.	89
APÊNDICE H: Os entrevistadores.	90
APÊNDICE I: Equipe que participou da gravação.....	91
APÊNDICE J: Convite para a gravação do <i>podcast</i>	92
APÊNDICE K: Roteiro da gravação do <i>podcast</i>	93
APÊNDICE L: Gravação do <i>podcast</i>	94
APÊNDICE M: Transcrição do <i>podcast</i>	98
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

O presente texto é o resultado da dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Mestrado Profissional em Filosofia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGFILO-UFAM).

Nosso objeto de pesquisa se insere em um contexto bastante conhecido, mas, ao mesmo tempo, bastante singular pelos vários acontecimentos sócio-políticos que o envolvem, dentre os quais a Pandemia¹ de Covid-19², que sobreveio ao mundo em 2019 e trouxe consigo algumas mazelas que estavam há tempos escondidas no interior dos seres humanos, dentre elas a falta de empatia.

O Brasil, como os demais países, também foi afetado. No entanto, a diferença do restante do mundo, é que no Brasil a condução da saúde pública no enfrentamento da pandemia, pelo Governo de então, foi decisiva para que o país, com menos de 3% da população global, fosse responsável por mais de 10% das mortes causadas pelo Covid-19 no mundo³. O presidente à época negava, a todo custo, a gravidade da situação, com vários e constantes discursos atacando as instituições de pesquisa e o sistema de saúde. O desrespeito e a falta de empatia para com as famílias que perderam seus entes queridos, a propagação exacerbada do uso de uma medicação sem eficácia comprovada contra o vírus⁴, entre outras ações e omissões, levaram milhares de pessoas a acreditarem nos discursos de morte do governo.

O atraso do início da vacinação da população brasileira foi outra omissão do governo no enfrentamento do vírus, pois recorrentemente afirmava que não havia urgência na vacinação e que as vacinas poderiam transformar os vacinados em jacaré⁵ ou transmitir o vírus da AIDS caso não fossem devidamente testadas. Enfim, esses ataques vis à ciência, às vacinas e ao sistema de saúde em geral ocasionaram, segundo o Instituto

¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. <https://brasilescola.uol.com.br/doencas/pandemia.htm>

² O termo Covid é a junção de letras que se referem a (corona (vírus (d)isease que, na tradução para o português, seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados. <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid->

³ FERRARI, Leon. **Brasil teve 10% das mortes oficiais pela covid-19 no mundo**. 5 maio 2023. https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/brasil-teve-10-das-mortes-oficiais-pela-covid-19-no-mundo-entenda,e73666966d4ceb50a6a8dd69925053efj3ikhuas.html?utm_source=clipboard Acesso em 11 set. 2025.

⁴ DW. **Em pronunciamento, Bolsonaro defende uso da cloroquina**. 09/04/20209 de abril de 2020. <https://www.dw.com/pt-br/em-pronunciamento-bolsonaro-defende-uso-da-cloroquina-contra-covid-19/a-53069991>. Acesso em 11 set. 2025.

⁵ MUNDO: **Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema seu'**. [S. l.], 19/12/20 Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/> Acesso em 11 set. 2025.

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶, a elevação do número de mortes no país, atingindo cerca de 1,8 milhão em 2021, maior taxa de óbitos de toda a série histórica iniciada em 1974.

O contexto no qual a pesquisa foi elaborada também é marcado pela disseminação do mote “Deus, Pátria e Família”⁷, o qual anestesiou a mente de milhares de brasileiros, provocando uma verdadeira letargia crítica em boa parte da população, difundindo certa ideologia religiosa como hegemônica, com base num único credo⁸ e com alguns valores, ocasionando, com isso, o fundamentalismo religioso e o aumento da intolerância religiosa⁹, sobretudo com relação às religiões de matriz africana, tais como o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda.

Cabe ressaltar que a opção por dar centralidade nesta pesquisa às religiões de matriz africana não se constitui em uma exclusão das demais tradições religiosas presentes no Brasil, como as dos povos originários, a islâmica ou mesmo as perspectivas não teístas e ateístas. A delimitação temática está relacionada à própria experiência da pesquisadora que se reconhece como pertencente a uma tradição afro-religiosa e, portanto, fala a partir de um lugar de vivência e escuta sensível, o que confere ao estudo um caráter situado, coerente com a ética da pesquisa qualitativa em ciências humanas. Essa escolha metodológica dialoga diretamente com a proposta filosófica de Martin Buber, para quem o conhecimento autêntico surge do encontro entre sujeitos concretos e não da observação distanciada. Assim, abordar a pluridiversidade religiosa a partir da vivência afro-religiosa é também um gesto de coerência ética com a filosofia do diálogo, na qual o encontro entre o “Eu” e o “Tu” emerge sempre de um contexto relacional real.

⁶ MIATO, Bruna. **Número de mortes no Brasil bate recorde em 2021, enquanto nascimentos têm o menor registro da série histórica, diz IBGE**: A pandemia de Covid-19 foi a grande responsável pelos números recordes, afirma a pesquisadora responsável pelo levantamento [S. l.], 16 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/02/16/numero-de-mortes-no-brasil-bate-recorde-em-2021-mas-nascimentos-tem-o-menor-registro-da-serie-historica-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 5 out. 2024.

⁷ VEIGA, Edison. **Como “Deus, Pátria e Família” entrou na política do Brasil**: Manifesto divulgado 90 anos atrás pelo autor Plínio Salgado lançou o integralismo. Movimento de extrema direita é antecessor de discursos ultraconservadores da atual política nacional. [S. l.], 7 out. 2022.

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/02/16/numero-de-mortes-no-brasil-bate-recorde-em-2021-mas-nascimentos-tem-o-menor-registro-da-serie-historica-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 11 set. 2025.

⁸ GONÇALVES, Eduardo. **A efervescente mistura entre Estado e religião no Brasil de Bolsonaro Leia mais em**: <https://veja.abril.com.br/religiao/a-efervescente-mistura-entre-estado-e-religiao-no-brasil-de-bolsonaro/>: O país caminha firme para se tornar a segunda maior nação evangélica do mundo. Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/religiao/a-efervescente-mistura-entre-estado-e-religiao-no-brasil-de-bolsonaro/> [S. l.], 8 jan. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/a-efervescente-mistura-entre-estado-e-religiao-no-brasil-de-bolsonaro/>. Acesso em 11 set. 2025.

⁹ MACHADO, Leandro. **Eleições 2022: intolerância religiosa vai piorar seja qual for o eleito, diz pesquisadora**. São Paulo, 6 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63152672>. Acesso em 11 de set. 2025.

Além disso, o recorte se justifica pelo fato de que as religiões de matriz africana estão entre as mais estigmatizadas e perseguidas no contexto brasileiro, tanto por razões históricas quanto por construções sociais que associam o sagrado africano ao “outro” a ser combatido. Essa condição de vulnerabilidade simbólica e social torna urgente a reflexão filosófico-educacional sobre o lugar dessas tradições no espaço escolar, particularmente quando se busca promover o respeito à pluriversidade religiosa e o diálogo inter-religioso. Nesse sentido, ao iluminar as experiências afro-religiosas dentro do campo educacional, esta pesquisa não apenas denuncia as estruturas de exclusão e intolerância, mas também propõe caminhos filosófico-pedagógico que favoreçam o encontro, a escuta ativa e o reconhecimento mútuo entre as diferentes expressões de fé e ateias.

É importante destacar ainda que o enfoque nas religiões afro-brasileiras não implica desconsiderar a relevância das cosmovisões dos povos originários, das expressões islâmicas ou das concepções teístas e ateístas. Cada uma delas possui uma riqueza própria que também merece ser valorizada. No entanto, para os fins desta pesquisa, tornou-se necessário delimitar um campo de análise que possibilitasse um aprofundamento coerente com a trajetória pessoal e acadêmica da pesquisadora, bem como com a proposta filosófica de Martin Buber. Afinal, como Buber afirma, “toda vida verdadeira é encontro”, e este só se realiza quando o sujeito se coloca diante do outro com autenticidade, enraizado em sua própria experiência e aberto à alteridade.

Desta forma, tendo em vista as especificidades do Brasil e antes de adentrar na caracterização da investigação de mestrado aqui apresentada, considero importante expor a correlação do meu percurso acadêmico-profissional com o tema e o objeto de pesquisa.

Na época da graduação em Pedagogia (1995 a 1999), sentia curiosidade sobre como era o Ensino de Filosofia nas escolas públicas no que tange à questão do sagrado, do religioso e quais eram as realidades dessas escolas. Como professora e pedagoga, trabalhando com a modalidade do ensino médio, somente no final de 2019 comecei a lecionar a disciplina filosofia após anos atuando em cargos administrativos e de gestão. No ano de 2020, a Pandemia do Covid-19 sobreveio subitamente ao mundo com a sua letalidade, obrigando a adoção de novas formas de ensino e novas metodologias de trabalho, como é o caso das aulas remotas e o Ensino à Distância (EAD).

Em junho de 2020, os professores do Amazonas tiveram que retornar à sala de aula no sistema híbrido ainda sem terem sido vacinados. Foi realmente um ato de coragem voltar à sala de aula nessas condições, sem os protocolos de segurança confiáveis, com a

resistência de alunos e de alguns colegas em utilizar as máscaras. A insegurança, o medo, as perdas familiares por conta do vírus, situações que tornaram aquele contexto extremamente traumático. No entanto, era necessário voltar e a nova realidade apresentada no chão da sala de aula é o que mais me motivou a pesquisar e abordar o tema em questão. Assim, o contexto no qual se insere a presente pesquisa refere-se aos anos de 2020 a 2025 no Amazonas.

O interesse pelo tema da pluridiversidade¹⁰ religiosa surgiu em meados de 2020, quando nós, professores da rede pública de ensino do Estado do Amazonas, retornamos às nossas atividades presenciais com condições precárias de trabalho. Além disso, encontramos uma parcela significativa de jovens que acreditavam fielmente nas informações transmitidas por parte do Governo Federal, resistindo à vacinação, intolerantes e agressivos.

Foi necessária muita resiliência para retornarmos as nossas atividades laborais, principalmente quando, nos períodos subsequentes, o que vimos foi ainda mais ataques e discursos de ódio e, dessa vez, contra as instituições públicas educacionais, materializadas nas ameaças da possibilidade de exclusão das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do currículo do ensino médio, na implementação de projetos nas escolas militares/cívico-militares para segregar “alunos especiais/atípicos”, na autorização para as escolas rejeitarem esse “tipo de clientela”¹¹ e no corte de verbas às Universidades e aos Institutos Federais.

A massificação do discurso de defesa da família tradicional e a aversão aos variados tipos e modelos de família (compostos por casais homoafetivos, avós, tios, irmãos, etc.), além da perceptível intolerância religiosa, foram os principais desafios vivenciados nos últimos quatro anos e, como tudo o que ocorre na sociedade reverbera na escola e na sala de aula, o que assistimos foi o aumento perceptível da intolerância religiosa dentro da própria escola, envolvendo alunos, professores e demais funcionários. Nesse contexto, a presente pesquisa pretende investigar a pluridiversidade religiosa na escola, visando oferecer uma contribuição para o Ensino de Filosofia na Educação Básica por meio de produções didático pedagógicas (incluindo a produção de *podcasts*) que poderão ser utilizadas pelos docentes na abordagem do tema em sala de aula.

¹⁰ A pluridiversidade é um conceito que se refere à diversidade cultural, étnica, linguística, religiosa e de gênero. (Virginia, 2010).

¹¹ BARIFOUSE, Rafael. **Decreto de Bolsonaro para alunos com deficiência é retrocesso de 30 anos, diz pedagoga da Unicamp**. São Paulo, 28 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58347504>. Acesso em 11 set. 2025.

O problema da pesquisa formula-se, então, a partir da observação da falta de tolerância e de respeito à pluridiversidade religiosa na realidade escolar, sobretudo nos anos de 2020 a 2022, quando foram constatadas manifestações feitas pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro que potencializaram certas posturas preconceituosas que estavam latentes em boa parte da população, incluindo adolescentes e jovens que frequentam o ensino fundamental e médio.

A idealização, construção e execução da pesquisa podem ser vistas como resultado de vários questionamentos que se apresentam de forma pertinente acerca da pluridiversidade vivenciada na escola e que, por esse motivo, necessita de olhares mais plurais. A partir daí, várias perguntas foram e continuam sendo feitas: qual o lugar de fala na qual a pesquisa será articulada? Como inserir tais temáticas nos espaços do componente de filosofia? Como seriam tratadas as questões de preconceito (religioso, gênero, sexualidade, raça) dentro de uma dinâmica em que todos os eixos fossem contemplados? Que tipos de recursos serão utilizados para implantação e execução da pesquisa? Quais procedimentos poderão dar eficácia às ações pedagógicas?

Espera-se presenciar uma desconstrução que vem sendo criada historicamente, sobretudo com relação às questões da construção da “verdade”, “da religião verdadeira”. Ao mesmo tempo é fundamental compreender que, dentro desse modelo que tenta impor uma hegemonia religiosa de cunho machista e patriarcal, as demais religiões podem conquistar seu espaço por meio de uma nova consciência.

A abrangência do tema pluridiversidade religiosa permite-nos vislumbrar várias temáticas a serem articuladas ao mesmo tempo, como gênero, sexualidade e raça. Dessa forma, pretende-se mostrar que os dilemas de exclusão/subordinação são potencializados quando se trata de religiões de matriz africana (em particular Candomblé, Umbanda e Quimbanda). Espera-se que os/as próprios/as alunos/as percebam que é necessário o aprofundamento dessas questões, já que elas fazem parte do cotidiano da escola e precisam também ser vistos por meio da ótica da Filosofia e dos Direitos Humanos.

É também necessário manter o olhar atento ao sexismo, homofobia e racismo, pois tudo isso está presente nas relações aparentemente sutis, mas que silenciam e violentam, fortalecendo discursos morais/religiosos que humilham, diminuem, acuam e fragilizam pessoas.

A partir do problema e considerando os pressupostos supracitados, elencamos como objetivo geral investigar conceitos e práticas da pluridiversidade religiosa existente no Brasil como forma de apontar caminhos para o encontro com a alteridade e o diálogo

inter-religioso (embasado no pensamento do filósofo Martin Buber e suas obras *Eu e Tu* *Diálogo e o Dialógico* e *Sobre Comunidade*) que irão nos orientar a partir do Ensino de Filosofia.

A escolha de Martin Buber como base teórica desta investigação é fundamental devido à profundidade e relevância de sua filosofia do encontro para o estudo da pluridiversidade religiosa no contexto educacional. Buber também se destaca pela complexidade de sua obra e pela ênfase na capacidade humana de estabelecer vínculos autênticos. Sua teoria das relações, moldada por suas experiências de vida, tanto com seu avô na infância, quanto com o Hassidismo, motiva-nos a estudá-lo, seguros de que estamos investigando um pensador cujas concepções estão profundamente ligadas à vida prática.

Buber fundamenta o desenvolvimento de sua reflexão na riqueza e força vital de suas experiências concretas. Seu pensamento, reflexão e ação (*logos* e *práxis*) estão intimamente relacionadas (cf. Buber, 2001, p. 5,6). Ele se descreveu como um homem atípico (*atypischer mensch*), comprometido principalmente com a experiência concreta e a vida. Encontrar seu pensamento nos levou a um caminho marcado pela generosidade e abertura à sua mensagem, permitindo-nos compreender a relação indissociável entre conhecimento e vida. Sua inquietação e compromisso com as relações humanas refletem nossos próprios valores, e foi isso que nos levou a iniciar um diálogo profundo, culminando nesta pesquisa que ainda está em andamento.

Buber (2001) enxerga na vida relacional a possibilidade de o homem retornar à sua condição essencial e natural, a vida dialógica. A perda da capacidade de ver o outro como ele realmente é, e de entrar em uma relação autêntica, resulta dos acontecimentos que marcam a modernidade, como as revoluções científicas e tecnológicas, o surgimento e desenvolvimento do capitalismo, a Segunda Guerra Mundial, etc. Entretanto, Martin Buber resiste a essa nova forma de relação humana hegemônica trazida pela cultura moderna e nos propõe, por meio de sua filosofia do diálogo, um retorno à "terra natal". A possibilidade desse retorno reside na forma como nos vinculamos ao outro, na maneira como nos relacionamos.

A tentativa de responder à questão proposta parte do pressuposto de que a religião tem passado por diversas transformações conceituais e práticas na forma como se relaciona com o ser humano, e como este, por sua vez, se relaciona com os outros e consigo mesmo. Essas mudanças persistem na contemporaneidade e exercem influência direta no pensamento e nas ações humanas. Imersos nesse contexto, no qual o Eu muitas

vezes evita a necessidade ontológica de reconhecer o Tu, encontramos o pensamento buberiano buscando promover um diálogo na contemporaneidade, especialmente no campo religioso.

A modernidade revela que as relações humanas estão fragmentadas. Essa fragmentação reflete a falta de reconhecimento do outro em sua totalidade e singularidade, criando um ambiente desfavorável para as relações humanas e o diálogo. No mundo moderno, o outro é frequentemente visto como um meio para realizações pessoais, tornando sua unidade e unicidade irrelevantes.

Quando discutimos a questão da pluridiversidade religiosa no contexto das práticas humanas modernas, o que nos torna semelhantes e, de certo modo nos une enquanto comunidade, é a capacidade individual de reconhecer e seguir regras apenas quando nos convém. Consequentemente, em um ambiente onde não há um ir e vir nas relações, onde o outro é simplesmente uma extensão do Eu e onde o espírito de humanidade não se desenvolve devido à falta de relações dialógicas que permitam a introspecção, não conseguimos reconhecer a importância do outro para o florescimento de nossa própria existência.

Assim, utilizando a perspectiva de Buber como base conceitual, buscamos investigar a pluridiversidade religiosa por meio do encontro e do diálogo. Essa proposta se concretiza à medida que os indivíduos envolvidos, com suas biografias distintas, se vinculam ao outro de forma plena, aceitando-o incondicionalmente, sem reservas, e valorizando sua singularidade. A filosofia do encontro de Buber justifica nossa escolha teórica, pois oferece uma nova forma de relação humana que não diminui a importância do outro. Portanto, destacamos novamente que, a partir do pensamento de Buber, é possível pensar, questionar e viver um modelo alternativo de relação humana, orientado pelo vínculo dialógico.

Ao nos envolvermos na árdua, porém, instigante exploração do pensamento buberiano, sentimo-nos compelidos a responder às provocações sobre o existir humano e suas inter-relações. Entendemos que essa resposta não se inicia com este trabalho, mas remonta ao nosso primeiro contato com seus textos e livros (que nos auxiliaram na redação), tanto teoricamente quanto na prática, ao nos colocarmos em questão, promovendo uma mudança em nossa maneira de ser no mundo.

Como em todo encontro genuíno, a vida se manifestou para nós de forma real. A realidade cotidiana revelou, dia após dia, à luz dos eventos, pensamentos e ações

humanas, a urgência de refletir sobre o lugar do outro na perspectiva de um diálogo contemporâneo; esta é a proposta desta pesquisa.

Com o objetivo de propor uma investigação filosófica sobre a pluridiversidade religiosa, fundamentada no pensamento de Martin Buber, traçamos um caminho metodológico dividido em três capítulos que não são destinadas a uma compreensão fragmentada do trabalho, como se um contradissesse o outro, mas sim para facilitar a compreensão do leitor sobre o diálogo com o pensamento buberiano, visando um maior esclarecimento de seu legado filosófico e como este pode auxiliar no Ensino de Filosofia para alunos da Educação Básica nas escolas públicas.

Assim, o primeiro capítulo dedica-se à apresentação e à análise da Filosofia do Encontro de Martin Buber, situando-a no contexto de sua trajetória intelectual e espiritual. São abordados aspectos marcantes de sua formação, as influências do misticismo judaico e do pensamento comunitário, bem como sua participação no movimento sionista e suas reflexões sobre espiritualidade e convivência humana. A partir dessa base, o capítulo explora os fundamentos da relação dialógica “Eu-Tu” e sua distinção em relação à atitude “Eu-Isso”, evidenciando como a autenticidade do encontro com o outro constitui o núcleo de sua filosofia. Essa perspectiva é examinada também em sua dimensão educativa, ao propor que a escola seja um espaço privilegiado de vivência comunitária, capaz de promover o diálogo, o respeito à alteridade e a valorização da pluridiversidade religiosa e cultural.

O segundo capítulo volta-se à reflexão sobre a pluridiversidade religiosa e o Ensino de Filosofia no contexto brasileiro, destacando os desafios e as potencialidades que a pluralidade de crenças traz para o ambiente escolar. Argumenta-se que a presença de diferentes tradições religiosas deve ser entendida não como obstáculo, mas como oportunidade para o exercício do diálogo e da formação crítica dos estudantes. Nessa direção, o Ensino de Filosofia é concebido como espaço privilegiado para o desenvolvimento do pensamento autônomo, da escuta e do reconhecimento mútuo. O capítulo examina ainda os fundamentos legais que amparam uma educação pautada no respeito à diversidade — entre eles, a liberdade religiosa, a laicidade do Estado e os princípios constitucionais que sustentam a valorização da diferença —, reafirmando o compromisso ético e político de uma prática filosófica aberta à pluralidade e à convivência democrática.

O terceiro capítulo apresenta as práticas e vivências educativas dialógicas desenvolvidas durante a pesquisa, inspiradas na filosofia buberiana do encontro. As

experiências realizadas, como rodas de conversa e a produção colaborativa de um *podcast*, foram concebidas como instrumentos formativos voltados ao fortalecimento da convivência plural e do respeito à diversidade religiosa. A partir de uma abordagem qualitativa e fenomenológica, o capítulo descreve o processo de escuta e partilha entre estudantes e professores, registrando os efeitos pedagógicos e humanos do diálogo inter-religioso no cotidiano escolar. Ao articular teoria e prática, esta parte da dissertação evidencia como a filosofia do encontro pode traduzir-se em ações concretas que cultivam a alteridade, a empatia e o reconhecimento do outro como fundamentos da formação ética e da cultura de paz.

Como objetivos específicos, elencamos: 1) definir o que são pluridiversidade religiosa, diálogo inter-religioso, e quais as relações entre tais conceito e as leis e normas da educação brasileira; 2) analisar em que medida o Ensino de Filosofia pode contribuir para a prática da alteridade e do diálogo inter-religioso; 3) verificar a diversidade religiosa na comunidade na qual se encontra a Escola Estadual Jorge Karam, a partir de dados censitários disponíveis e/ou a partir da observação da própria realidade 4) elaborar atividades prático-propositiva para o Ensino de Filosofia com a temática pluridiversidade Religiosa.

A metodologia usada para poder responder aos objetivos propostos utilizou a abordagem qualitativa e o método fenomenológico. A pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2021, p. 14).

Quanto ao método fenomenológico, o investigador que o utiliza pretende conhecer e compreender o objeto, ou seja, o seu problema de investigação, estudando um número limitado de sujeitos através de um envolvimento prolongado e intenso, de forma a analisar os significados (Sousa; Baptista, 2011).

Ainda, segundo Minayo (2021, p. 14), explicita-se, a seguir, os instrumentos, as técnicas e a organização e sistematização dos resultados.

Fase exploratória: tempo dedicado às interrogações preliminares sobre o objeto, os pressupostos, as teorias e as metodologias (pesquisar as fontes bibliográficas).

A) Trabalho de campo: recorte empírico da construção teórica.

B) Tratamento do material: ordenação; classificação (análise propriamente dita).

Para a organização e sistematização de resultados serão elaborados resumos e relatórios que apresentarão formalmente os progressos obtidos durante o processo de

investigação. As buscas estão ocorrendo nas seguintes bases científicas: *Scielo*, *Google Acadêmico*, portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e repositório de teses e dissertações da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Além disso, ao selecionar os livros para compor esse *corpus* bibliográfico, utilizamos as seguintes estratégias: buscas na biblioteca da UFAM, levantamento de obras disponíveis em formato digital, aquisição de livros indicados no processo de orientação e leitura, e fichamento do material bibliográfico.

Nas primeiras aulas do ano pretende-se entender como os/as alunos/as compreendem o que é preconceito e quais as religiões de matriz africana existentes conhecidas por eles. Também serão verificados, por meio de debates e atividades discursivas, quais são os olhares dos/as alunos/as sobre a pluridiversidade religiosa.

Para isso, será necessário trabalhar o universo simbólico da religião desde a sua construção e imposição já nos primeiros anos de vida. Outro recurso a ser utilizado, e que esperamos ser impactante para os/as alunos/as, será a utilização do vídeo: 1) *Principais religiões do mundo*¹²; 2) *Liberdade religiosa: o que é como surgiu*¹³; e o documentário 3) *Intolerância religiosa*¹⁴, que aborda temas relacionados ao preconceito religioso, de gênero e racial. Espera-se que a exibição desses vídeos instigue os estudantes a pensar quais as concepções morais e religiosas que embasam certas posturas e concepções preconceituosas.

É importante ressaltar que não constitui nosso objetivo orientar os estudantes com relação às questões religiosas de foro íntimo, mas, a partir do conhecimento e da existência da necessidade de se discutir a pluridiversidade Religiosa, promover ambiente de respeito e harmonia em relação às diversas realidades existentes na escola. Em outras palavras, não se pretende promover o proselitismo, mas, antes, ao contrário, combatê-lo, inclusive porque a Lei 9.475, de 22 de julho de 1997, ao estabelecer nova redação ao artigo 33 da Lei 9.394 de 20 de dezembro 1996 (LDB), proíbe expressamente quaisquer práticas de proselitismo no ensino público.

Após essas aulas iniciais, que terão o propósito de realizar esse diagnóstico para perceber as compreensões dos estudantes sobre a pluridiversidade religiosa, as aulas

¹²PRINCIPAIS religiões do mundo Nova versão. [S. l.: s. n.], 16/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G46w8b0LhTQ>. Acesso em: 11 setembro 2025.

¹³LIBERDADE Religiosa: o que é e como surgiu? [S. l.: s. n.], 24/05/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5IQWpvPQey0>. Acesso em: 11 setembro 2025.

¹⁴DOCUMENTÁRIO: Intolerância Religiosa. [S. l.: s. n.], 03/12/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PicQzw2Kw5w>. Acesso em: 11 setembro 2025.

subsequentes pretendem verificar as seguintes dimensões: as tradições religiosas; o fenômeno religioso; a tolerância e o diálogo religiosos; a diversidade religiosa.

Ao final deste trabalho, pretende-se apresentar como produto um *podcast* que servirá para auxílio aos docentes na ministração das aulas, uma vez que a intenção é fazer com que o Ensino de Filosofia contribua para uma melhor compreensão do que será trabalhado. Esse *podcast* será um conjunto de entrevistas com representantes dos mais variados seguimentos religiosos, desde as religiões de origem europeia às africanas, onde serão tratadas questões como: diálogo inter-religioso, alteridade, preconceitos, intolerâncias religiosas, fundamentalismo religioso etc. O *podcast* além de ser interessante para a aprendizagem, a interdisciplinaridade e a acessibilidade, ele também favorece as múltiplas inteligências já que contribui sobretudo com aqueles estudantes que tem maior facilidade de aprendizagem por meio da audição, e poderá auxiliar também os docentes na abordagem do tema.

CAPÍTULO 1

A FILOSOFIA DO ENCONTRO DE MARTIN BUBER

O presente capítulo traz uma breve apresentação da trajetória de vida de Buber, destacando momentos-chave que moldaram sua filosofia, como sua formação em filosofia e misticismo judaico, sua atuação no movimento cultural sionista, e suas reflexões sobre o papel da comunidade e da espiritualidade no mundo moderno. Serão exploradas as influências e o contexto histórico que ajudaram a forjar sua visão de mundo, oferecendo uma base sólida para compreender as implicações de sua filosofia no campo da educação e das relações humanas em contextos de pluralidade cultural e religiosa.

Além disso, neste primeiro capítulo apresenta-se uma análise da filosofia do encontro de Martin Buber, em que se examinam as bases de seu pensamento dialógico. O conceito central de sua obra, a distinção entre as relações "Eu-Tu" e "Eu-Isso" serão abordados como ponto de partida para entender como Buber construiu sua filosofia em torno da ideia de encontro autêntico com o outro e do diálogo. A filosofia do "Eu-Tu" enfatiza que uma existência plena só pode ser alcançada quando o indivíduo se envolve em uma relação genuína, sem objetificar o outro, mas reconhecendo sua alteridade e reciprocidade. Esse pensamento é fundamental não apenas no campo filosófico, mas também para a educação, as vivências comunitárias e as práticas de respeito à pluridiversidade.

1.1 - Martin Buber: breve apresentação de sua trajetória

Martin Mordechai Buber nasceu em Viena em 8 de fevereiro de 1878 e faleceu em Jerusalém em 13 de junho de 1965. "Aos três anos, o casamento de seus pais se desfez de maneira até hoje inexplicada. Sua mãe, Elise Buber, abandonou a casa, deixando seu pai com a guarda do menino" (Bartholo Jr, 2001, p. 15). Após a separação dos pais em 1881, Buber foi morar com seus avós paternos em Lvov, na Polônia, onde passou sua primeira infância. Junto com eles, especialmente com seu avô Salomão Buber, ele experimentou a combinação entre a tradição judaica e o espírito liberal da Haskalah¹⁵. Salomão se empenhou em transmitir a herança da fé judaica ao neto, o que despertou em

¹⁵ Movimento do iluminismo judaico, influenciado por intelectuais europeus, que buscava oferecer uma educação secular aos judeus da Europa. Fonte: <https://www.dictionary.com/browse/haskalah>. Acessado em 11 de setembro de 2025.

Buber um interesse pela literatura hassídica e pelo sionismo¹⁶. Esse período também permitiu que Martin Buber aprendesse a língua hebraica e se aprofundasse nas tradições judaicas.

Salomão Buber era um renomado erudito e hebraísta, além de um profundo conhecedor da tradição Midráshica¹⁷.

A ausência da mãe na infância fez Buber experimentar o sentimento de desencontro desde cedo. Essa sensação, conhecida como *Verfehlung*¹⁸, pode ter instigado sua necessidade de desenvolver uma filosofia do diálogo e do encontro.

Já depois de mais ou menos dez anos, eu havia começado a senti-la como algo que não dizia respeito somente a mim, mas também ao ser humano. Mais tarde, apliquei a mim mesmo o sentido da palavra 'desencontro' através da qual estava descrito, aproximadamente, o fracasso de um verdadeiro encontro entre seres humanos. (Buber, 1991, p. 8).

A separação dos pais pode ter sido fatores cruciais na formação de sua filosofia. Esta por sua vez entra na vida de Buber por meio de dois livros: *Prolegômenos* de Immanuel Kant, onde ele encontrou uma resposta para suas inquietações relacionadas ao tempo e espaço, percebendo que "o espaço e o tempo não são mais que formas através das quais efetuamos a percepção das coisas e que elas em nada afetam o ser das coisas existentes" (Buber, 2001, p. 8,9); e *Assim Falava Zaratustra* de Friedrich Nietzsche. A visão de Nietzsche sobre o tempo como eterno foi fundamental para Buber entender o conceito de tempo como contínuo.

No ano de 1896, Buber matricula-se na Universidade de Viena para estudar Filosofia e História da Arte. Durante esse período, ele viveu uma vida social e cultural intensa, o que foi essencial para seu desenvolvimento como amante da literatura, filosofia, arte e teatro.

Em 1901 entrou na Universidade de Berlim onde foi aluno de Dilthey e G. Simmel. Em Leipzig e Zurich dedicou-se ao estudo da psiquiatria e

¹⁶ O movimento sionista é um movimento político e filosófico que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado judaico independente e soberano no território onde historicamente existiu o antigo Reino de Israel. (Cf. PT.cyclopaedia.net/wiki/movimento – sionista). Acesso em 10/07/2013.

¹⁷ Midrástica é uma expressão hebraica que pode ser traduzida por “busca”, cujo significado relaciona-se à interpretação não literal dos textos bíblicos. Refere-se, ainda, à coleção de antiquíssimos comentários rabínicos sobre a bíblia, com teor homiléticos, que visavam trazer ao povo uma mensagem atualizada dos textos bíblicos no primeiro milênio a.C. (Santiago, 2008, p. 22)

¹⁸ "Verfehlung" refere-se a um desencontro no sentido de não encontrar ou não alcançar algo ou alguém.

da sociologia. No ano de 1904 recebeu, em Berlim, o título de doutor em Filosofia (Buber, 2001, p. 9).

Na cidade de Berlim Buber entra em contato com uma comunidade que havia sido fundada pelos irmãos H. e J. Hart, descrita como um "oásis para a jovem geração" (Buber, 2001, p. 9). Essa comunidade proporcionava liberdade de expressão aos jovens, promovendo seminários que facilitavam a troca de ideias. O principal objetivo dessa comunidade era viver profundamente a humanidade do homem¹⁹.

É nesse contato e vivência como membro ativo da comunidade que Buber fez duas exposições: uma sobre Jakob Boehme e outra intitulada "Antiga e nova comunidade" em que afirmou: nós não queremos a revolução, nós somos a revolução" (Buber, 2001, p. 9). Sua contribuição teórica já mostrava uma discordância com a visão de comunidade defendida pelo grupo, pois embora defendesse a ideia de uma comunidade universal, não rejeitava a necessidade da pluralidade de comunidades concretas (Santiago, 2008). Assim vemos que as ideias de Martin Buber eram apoiadas por sua forte personalidade e determinação. "Em Buber, reflexão e ação (logos e práxis), foram intimamente relacionadas. [...]" (Zuben, *In*: Buber, 2001, p. 14).

Os valores judaicos que Buber conheceu inicialmente por meio de seu avô Salomão e posteriormente através do movimento sionista, inspiraram seu pensamento filosófico que alinhado a sua personalidade que foi moldada por uma formação que contrastava o judaísmo da Europa Ocidental com o mundo moderno e secular, o que teve um impacto significativo em suas obras. Esse contraste refletia o conflito existencial presente na agitação cultural da Europa Ocidental, que se movia entre a fé no progresso ininterrupto e os dilemas existenciais, como as desigualdades sociais e os conflitos de classe.

Dessa forma, Buber pode ser caracterizado como um pensador paradoxal, uma marca distintiva de sua filosofia. "O pensador sem paradoxo é como um amante sem paixão, medíocre" (Zuben, *In*: Buber, 2001, p. 5).

Ainda para Buber (2001), dualidades como bem e mal, unidade e dualidade, Eu e Tu não são excludentes, mas sim interdependentes, o que sustenta sua adesão à concretude da existência. A noção de plenitude caracterizava tanto sua personalidade quanto sua existência, pois, ao ser interpelado pelo mundo, Buber respondia a essa chamada de forma completa. Sua formação acadêmica estava em sintonia com suas crenças políticas, sempre

¹⁹ Termo encontrado na introdução da obra Eu e Tu (Buber, 2001.p. 9).

à frente de grupos estudantis e engajado no movimento sionista, que, segundo Zuben (2003, p. 16), aponta que “o sionismo visa a instaurar um novo humanismo hebraico com a missão precípua de elaborar uma nova ética apropriada para superar a brecha entre a moral e a política”.

As obras de Buber são um reflexo direto de sua vida, e sua confiança na humanidade guiava sua missão de, por meio do diálogo, levar as pessoas a entenderem a realidade concreta do mundo. Ele sustentava que um sistema de conceitos desconectado da realidade prática carecia de sentido, caindo na simples discussão de valores.

Assim, Buber via no diálogo uma oportunidade de realização existencial e de conexão com o absoluto, um conceito central em sua vida e obra. Ele expressa essa ideia ao afirmar: "O abismo e a luz do mundo, urgência e anseio pela eternidade, visão, evento e poesia; era e é diálogo contigo" (Buber, 1982a, p. 30).

Descrito como um *atypischer mensch* (Buber, 2001, p. 11), ou seja, um homem atípico por não se deixar prender a uma filosofia hermética, Buber dialogava com seu tempo e tradição, resgatando elementos essenciais para sua filosofia, especialmente com as contribuições de Platão. A noção socrática de maiêutica²⁰, para Buber, permitia ao indivíduo encontrar seu próprio caminho.

A vida de Buber, encontra sentido em seu legado conceitual, que não está fundamentado em teorias distantes da realidade, mas sim em sua própria existência. Suas palavras refletem seu ser, e seus pensamentos revelam seu modo de viver, enquanto sua trajetória intelectual é rica em sua pluralidade: além da filosofia e da teologia, ele teve um papel importante no campo da educação, propondo uma pedagogia baseada no encontro e na relação dialógica. Seus textos (Buber, 2001 p.37) sobre educação defendem que a escola deve ser um espaço onde se constroem relações humanas autênticas e diálogo reflexo de seu ideal de comunidade.

Buber passou os últimos anos de sua vida em Jerusalém, continuando a escrever e influenciar diversas áreas do saber, incluindo a ética, a antropologia filosófica e a política. Sua contribuição para a filosofia contemporânea, especialmente no que se refere às relações interpessoais e à construção de comunidades, segue sendo um ponto de referência essencial para estudiosos das comunidades.

²⁰ Arte da parteira; no *Teeteto* de Platão, Sócrates comparava seus ensinamentos a essa arte que consistia em dar à luz conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos. (Cf. Abbagnano, 2000. p. 637).

1.2 – O Eu e o Tu

Martin Buber desenvolveu uma filosofia centrada no Encontro e no Diálogo. Em sua obra mais conhecida, *Eu e Tu*, ele propõe uma reflexão profunda sobre as relações humanas, demonstrando como estas moldam nossa percepção do mundo e de nós mesmos. Segundo Zuben (in Buber, 2001, p. 7), apesar das influências do budismo, mística alemã, taoísmo, mística judaica e do hassidismo presentes em *Eu e Tu* é importante destacar que Buber não deve ser visto como um representante de um misticismo irracional. Suas obras apresentam uma reflexão ontológica que transcende uma visão linear e pronta da filosofia. O pensamento de Buber nos conduz a examinar nossas perspectivas sobre a existência, mostrando que, por lidar com a complexidade humana, essas questões não podem ser abordadas de forma objetiva e sem contradições. Eles envolvem risco e um processo de desenvolvimento contínuo.

Compreender essas formas de relacionamento é essencial para entender como as pessoas se conectam com o mundo e com os outros, influenciando diretamente a forma como percebemos e interagimos com a diversidade.

Buber (2001) nos convida a considerar a importância do diálogo autêntico e do reconhecimento do outro como sujeito pleno, não apenas como objeto ou meio. Ele diferencia dois tipos fundamentais de relações: "Eu-Tu" e "Eu-Isso". Na relação "Eu-Isso", o outro é percebido como um objeto, utilizado para satisfazer desejos e necessidades. Já na relação "Eu-Tu", há coincidência, reciprocidade e um encontro genuíno com o outro como ser único e insubstituível.

Ao abordar o conceito de "Eu e Tu", é importante entender que, para Buber (2001), a relação Eu-Tu é um evento primordial. Ele afirma que "o Eu está incluído no evento primordial da relação, em virtude da exclusividade desse evento. Apenas dois parceiros participam plenamente: o homem e aquilo que o confronto" (Buber, 2001, p. 56). Esse evento é marcado pela autenticidade de ambos, onde cada um confirma o outro como sujeito pleno. Assim, o Eu se constitui na relação com o Tu; sem o Tu, não há relação.

As duas palavras-princípio — Eu-Tu e Eu-Isso — determinam a forma como o outro é percebido: como um Tu ou como um Isso. Da mesma forma, o Eu de Eu-Tu é uma pessoa plena, enquanto o Eu de Eu-Isso é um indivíduo centrado em si mesmo, operando como o centro de toda ação, em-si-mesma.

Em *Eu e Tu*, Buber oferece uma resposta à alienação e fragmentação da sociedade moderna. Ele argumenta que o verdadeiro sentido da vida está em nos relacionarmos de

forma autêntica com os outros e com o mundo, confirmando a sacralidade de cada encontro interpessoal. A obra busca resgatar a importância do diálogo, da comunidade²¹ e da conexão humana em uma era marcada pelo individualismo e alienação. O individualismo, que valoriza a autonomia e a separação, é confrontado pela visão de Buber, que destaca a interdependência e a comunhão entre os seres humanos.

Ao constatararmos essa visão com a atualidade, vemos que as sociedades contemporâneas, descritas como "líquidas" por Zygmunt Bauman²² (2007), são marcadas pela instabilidade e transitoriedade nas relações. Essas conexões superficiais e efêmeras contrastam com a profundidade e permanência buscadas na relação Eu-Tu, descrita por Buber. Na relação Eu-Tu, há um compromisso genuíno e uma presença real, em que o outro é plenamente reconhecido em sua singularidade e humanidade.

Enquanto Bauman discute a disputa nas relações, Buber apresenta uma distinção clara entre as formas de se relacionar por meio dos conceitos Eu-Tu e Eu-Isso. Na relação Eu-Isso, o outro é tratado como objeto, algo a ser usado ou manipulado. Embora essa relação seja necessária na vida cotidiana, ela não permite um encontro autêntico. Já na relação Eu-Tu, há uma abertura que transcende a utilidade, permitindo um encontro profundo entre os indivíduos, onde o outro é reconhecido em sua totalidade (Buber, 2001).

Esse encontro genuíno é transformador e nos permite alcançar nossa plena humanidade. A relação Eu-Tu nos desafia a sair de nós mesmos, superar nossas limitações e nos conectar de forma autêntica com o outro. Tal conexão é essencial para a construção de uma verdadeira comunidade, onde os indivíduos estão interligados por relações significativas.

Dessa forma, a filosofia de Martin Buber, com seu foco no Encontro e na relação Eu-Tu, oferece uma perspectiva transformadora sobre as relações humanas. Ela convida a nos engajar em encontros autênticos, confirmando e afirmando a humanidade plena do outro (Buber, 2001). Essa visão desafia as práticas relacionais predominantes e nos aponta um caminho para a construção de comunidades mais verdadeiras e humanas.

²¹ Para Buber, a comunidade tem por finalidade a vida em si mesma. Ela acontece quando homens maduros estão dispostos comunitariamente num fluxo de doação e entrega criativa que os faz crescer e dar sentido às suas vidas. Ela pretende ser a vida liberta de limites e conceitos de tal modo que comunidade e vida se tornam uma coisa só. Buber diz que “[...] toda vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. Ela é fim e fonte de vida. Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser” (Buber, 1987, p. 34).

²² Zygmunt Bauman (Poznań, Polônia, 19 de novembro de 1925 – Leeds, Reino Unido, 9 de janeiro de 2017) foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

1.3 - O encontro com o “Tu” como forma de superação dos preconceitos

O que o Eu seria sem o Outro? Para que o encontro entre o “Eu” e o “Tu” aconteça de forma satisfatória, quatro condições precisam ser atendidas: a Reciprocidade, que permite ao Eu tanto receber quanto agir na dinâmica da relação; a Presença, que exige uma postura distinta ao outro, partindo do próprio ser; Imediatez, que elimine quaisquer conceitos ou interesses que possam obstruir a conexão; e, finalmente, a Responsabilidade, que surge como uma resposta sincera ao Tu (Buber, 2001).

Ao nos depararmos com a obra de Buber faz-se necessário apresentar a distinção de dois termos o “Tu” e o “outro” e como esses dois são apresentados pelo filósofo. Especialmente em *Eu e Tu (Ich und Du)*, a palavra "Tu" refere-se a uma relação genuína e direta entre o Eu e o Outro Ser. Essa relação é caracterizada pela presença, reciprocidade e mutualidade (Buber, 2001). Quando Buber fala de "Tu", ele se refere a um encontro autêntico onde o "Eu" se relaciona com o outro não como um objeto ou coisa, mas como um ser pleno, sem qualquer tentativa de categorização, uso ou objetificação. Nesse tipo de encontro, há uma abertura total, uma aceitação da alteridade, e uma conexão profunda que transcende as limitações do tempo e do espaço.

Na relação "Eu-Tu", o Tu não é um objeto de conhecimento ou algo que possa ser manipulado ou instrumentalizado. É uma presença viva que exige uma resposta pessoal. O "Tu" envolve uma totalidade, um reconhecimento do outro como um ser completo e singular, capaz de uma interação viva e direta com o "Eu".

Por outro lado, o termo "outro" é mais frequentemente associado à relação "Eu-Isso" (*Ich-Es*) na filosofia buberiana. O "outro" aqui se refere a um ser que é percebido ou tratado como um objeto de conhecimento ou experiência, um ente separado do "Eu". O "Outro" é algo que o "Eu" pode analisar, categorizar ou utilizar; é visto através de um prisma de conceitos e definições que o transformam em um "Isso" ou "Aquilo" (Buber, 2001).

Quando nos relacionamos com alguém como "Outro", estamos mais distantes de um verdadeiro encontro, porque essa relação não é baseada na reciprocidade ou mutualidade, mas sim em uma forma de conhecimento objetivo ou uso. O "Outro", nesse sentido, é parte do mundo das coisas, das categorias e das relações mediadas.

A diferença essencial entre "Tu" e "outro" em Buber reside na qualidade da relação estabelecida. Enquanto "Tu" implica uma relação de encontro autêntico e direto, caracterizada pela mutualidade e presença, "Outro" sugere uma relação de

distanciamento, onde o "Eu" mantém o "outro" à distância como um objeto de experiência, manipulação ou uso.

"Tu": Relação existencial e recíproca, caracterizada pela abertura, autenticidade e presença viva. É um encontro de seres inteiros.

"Outro": Relação objetiva e mediada, onde o "Eu" se relaciona com o outro de forma instrumental ou categórica, transformando-o em um objeto.

Para Buber (2001a) capacidade de se relacionar com o outro como "Tu" é o que realmente torna possível o diálogo genuíno e a verdadeira comunhão humana, enquanto tratar o outro como "Outro" mantém a separação e a alienação. Essa distinção é fundamental para sua filosofia do encontro, que busca superar a fragmentação e o isolamento humano em busca de uma comunidade baseada em relações autênticas e vivas. E, é exatamente o que oferece a filosofia do encontro: uma poderosa concepção teórico-prática para superar preconceitos e promover a compreensão mútua entre as pessoas baseado na reciprocidade e na presença genuína além de transformar a forma como os indivíduos percebem e interagem com o outro, especialmente em contextos de diversidade religiosa.

Para o filósofo, o encontro Eu-Tu é uma relação em que os indivíduos se veem como parceiros integrais em um diálogo profundo, em vez de objetos a serem utilizados ou categorizados. Ele afirma: "Toda vida verdadeira é encontro" (Buber, 2001, p. 49). Neste encontro, o outro é reconhecido em sua totalidade, sem preconceitos ou estereótipos que possam distorcer a percepção. Este reconhecimento autêntico é fundamental para a construção de uma convivência harmoniosa em ambientes pluridiversos, como é o caso das escolas, onde a filosofia buberiana se torna tão importante quando abordamos questões sobre diálogo e pluridiversidade religiosa.

No ambiente escolar os preconceitos, muitas vezes, surgem da falta de conhecimento e do medo do desconhecido tão fortemente reforçado dentro da própria família. Assim, o cuidado ao expor aos estudantes temáticas sobre as diferentes tradições religiosas e culturais é essencial para evitar mal-entendidos e conflitos. A abordagem de Buber sugere que, por meio do encontro genuíno, é possível desmistificar o outro e promover uma compreensão mais profunda e de cidadãos em uma sociedade pluralista. Ao aprender a valorizar e respeitar a pluridiversidade religiosa (por exemplo), os alunos se preparam para participar de uma sociedade global onde a convivência pacífica e produtiva com o diferente é não apenas desejável, mas necessária. Como Buber observa, "O Eu se torna Eu em virtude do Tu." (Buber, 2001, p. 27), sugerindo que o

reconhecimento e a aceitação do outro são essenciais para o desenvolvimento da própria identidade.

Para Buber (Buber, 2001), o mundo das relações se manifesta em três esferas distintas: a primeira é a esfera da vida com a natureza; a segunda é a esfera da vida com outros seres humanos; e a terceira é a esfera da vida com seres espirituais. Em cada uma dessas esferas, Buber vê a possibilidade de encontros autênticos que podem transformar a nossa compreensão de nós mesmos e do outro, promovendo assim a superação dos preconceitos.

No cerne da filosofia de Buber está o conceito de diálogo, que ele divide em duas formas fundamentais de relação: Eu-Tu e Eu-Isso. Na relação Eu-Tu, o encontro é genuíno e recíproco, onde o outro é percebido como um sujeito pleno e não apenas como um objeto. Buber afirma que "a palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade" (Buber, 2001, p. 43). Essa relação é essencial para o desenvolvimento de uma compreensão profunda e empática do outro, crucial para a superação dos preconceitos.

O filósofo acredita que a superação dos preconceitos começa com o reconhecimento do Outro como um "Tu", um ser com sua própria subjetividade e dignidade. Em suas palavras: "O Eu está incluído no evento primordial da relação, devido à exclusividade desse evento. Nesse evento, apenas dois parceiros participam plenamente, o homem e aquilo que o confronta" (Buber, 2001, p. 56). Esse reconhecimento exige uma abertura e uma disposição para o diálogo genuíno, onde o outro é visto e ouvido em sua totalidade.

López Quintás²³ (1995, p. 58) reforça a importância desse encontro autêntico ao afirmar que a relação Eu-Tu promove um espaço de comunhão e entendimento mútuo, onde os preconceitos são desafiados e desfeitos. Ele afirma que o encontro é o entrelaçamento de duas realidades que se enriquecem mutuamente.

Ao entrarmos em uma relação Eu-Tu, abandonamos as nossas perspectivas limitadas e abrimo-nos para uma compreensão mais ampla e acolhedora do outro. Este é

²³ Alfonso López Quintás, nascido na França, Corunha, em 21 de abril de 1928, é um frade mercedário e pedagogo católico. Doutor em Filosofia, foi professor na Universidade Complutense de Madrid e é membro da Real Academia Espanhola de Ciências Morais e Políticas, além de integrar a *Académie Internationale de l'Art*, em Berna. Autor de diversas obras que abordam temas como ética, educação e formação de lideranças sociais, sua atividade intelectual ganhou destaque após a fundação da *Escuela de Pensamiento y Creatividad*, em 1987, em Madrid. Essa instituição tem como objetivo principal não apenas ensinar a pensar, mas incentivar os participantes a descobrir, por meio da experiência pessoal, a profundidade da vida humana quando orientada pelo encontro. A noção de "encontro" ocupa um lugar fundamental em seu pensamento.

um processo transformador que nos permite superar as barreiras dos preconceitos e estereótipos.

Buber, por sua vez, observa que o mediador do encontro é necessariamente o diálogo, pois não existe encontro sem diálogo. Ele distingue três tipos de diálogos: o autêntico, onde cada participante realmente considera o outro e busca estabelecer uma reciprocidade viva; o técnico, movido pela necessidade de um entendimento objetivo; e o monólogo disfarçado de diálogo, onde cada pessoa fala consigo mesma apesar de estar em companhia de outros (Buber, 1982, p. 53 - 54).

A filosofia de Buber oferece uma perspectiva poderosa para a superação dos preconceitos na sociedade contemporânea. Em um mundo marcado por divisões e polarizações, a ênfase de Buber no encontro autêntico e no diálogo genuíno é uma chamada urgente para uma prática de vida mais humana e compassiva. O filósofo argumenta que a capacidade de ver o outro como um "Tu" é fundamental para a construção de uma sociedade justa e inclusiva: "se o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem" (Buber, 2001, p. 30).

Em um mundo onde as diferenças e crenças muitas vezes se tornam fontes de conflito e divisão, a visão de Buber nos convida a Ver e a Ouvir o outro em sua totalidade, promovendo assim uma cultura de paz e de entendimento mútuo. Com seu foco no encontro e na relação à obra Eu-Tu, oferece uma abordagem profunda e transformadora para a superação dos preconceitos. Esta visão não é só uma resposta aos desafios contemporâneos, mas também um caminho para a construção de uma sociedade mais justa, onde todos os indivíduos são reconhecidos e valorizados em sua plena humanidade.

1.3.1 - Do encontro ao diálogo

A transição do encontro para o diálogo é um aspecto crucial na filosofia de Martin Buber, especialmente no contexto da diversidade religiosa. Segundo Buber (2001), o encontro, no qual o ser humano se faz presente por completo e existe plena reciprocidade, é uma manifestação da relação Eu-Tu. Esse tipo de encontro constitui a base de um diálogo autêntico, onde cada pessoa é respeitada em sua singularidade e totalidade. Tal interação é vital para superar barreiras culturais e religiosas, promovendo convivência e respeito mútuo.

Buber (2001) não concebe o ser humano como uma entidade isolada, mas como parte integrante das "palavras-princípio": Eu-Tu e Eu-Isso. Portanto, tanto o diálogo quanto a relação, em sua filosofia, são entendidos como princípios fundamentais da

existência humana. O diálogo é o fundamento ontológico da relação entre os seres humanos, que se concretiza através do encontro.

O conceito de diálogo, para Buber, vai além de uma simples troca verbal; ele envolve uma abertura genuína para o outro, incluindo a disposição de ouvir e ser transformado pela interação. No ambiente educacional, isso implica a criação de um espaço onde os estudantes possam expressar suas ideias e questionamentos de maneira livre e respeitosa.

Conforme Zuben (2001) a obra de Buber se divide em três grandes áreas: judaísmo, ontologia e antropologia. A filosofia do encontro e do diálogo passa por esses três campos, sendo que a "ontologia da relação" (da palavra enquanto diálogo) serve de base para os demais temas.

Para Buber (2001), o diálogo genuíno é marcado por três elementos essenciais: presença, reciprocidade e mutualidade. A presença implica que os participantes estejam completamente atentos e engajados no momento do diálogo. A reciprocidade envolve o reconhecimento mútuo, no qual cada pessoa é vista e reconhecida em sua totalidade como ser humano. Já a mutualidade se refere à influência mútua, gerando uma relação dinâmica e transformadora.

Buber (Buber, 2001, p. 18) afirma que “No princípio é a relação. A relação, o diálogo, será o testemunho originário e o testemunho final da existência humana”. O diálogo é a base existencial de uma postura onde o Eu se encontra diante do Tu. O ser humano se define como sujeito (Eu) na medida em que se relaciona com o outro (Tu). A realização do Eu-Tu ocorre no diálogo, que envolve reciprocidade e totalidade, além da doação e reconhecimento do outro como um ser.

Ao tratar do encontro e do diálogo em Buber, é fundamental também considerar as características inter-humanas, que se situam no campo existencial e destacar a presença do Eu e do Outro em um evento de encontro mútuo. Esse encontro acontece na totalidade e reciprocidade, com ênfase na relação Eu-Tu. Para Buber (2001), o Eu-Tu é manifestado pela palavra, que, sendo dialógico, assume um papel central em sua filosofia. Através da palavra, o ser humano entra na existência e se torna verdadeiramente humano, situando-se no mundo como os outros. Buber (2001, p. 23) afirma que “a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem”, e que a palavra não é apenas conduzida pelo ser humano, mas também o orienta, estabelecendo-o.

Para Buber (2001, p. 24) a palavra é o veículo do diálogo, constituindo o fundamento ontológico das relações humanas. Nesse sentido, a palavra é criadora e

expressa o ser; ao proferi-la, o indivíduo se afirma. A presença se efetiva no "entre", uma categoria ontológica que possibilita a existência dos dois polos envolvidos na relação. O "entre" é o espaço em que a palavra proferida se revela e pode ser vivenciada em sua totalidade. Nesse espaço ocorre uma participação dialógica, que constitui a base ontológica da existência inter-humana. As duas formas de existência – Eu-Tu, que se baseiam na relação dialógica, e Eu-Isso, que corresponde a uma ação instrumentalizadora do outro – materializam-se na ação sobre o outro, tratado como objeto manipulável.

De acordo com Buber (2001, p. 43), “as palavras-princípio não são vocábulos isolados, mas pares de vocábulos. Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso [...] o Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente da palavra-princípio Eu-Isso”. O Eu, na palavra-princípio Eu-Tu, manifesta-se a partir de um conjunto do ser, sendo essa totalidade fundamentada na reciprocidade que caracteriza o mundo das relações. Assim, o Tu (o outro) é visto na perspectiva da alteridade. Em contrapartida, a palavra-princípio Eu-Isso se refere a uma postura que não abrange essa totalidade, representando uma experiência que objetiva o outro. O Eu, nessa dinâmica, torna-se egocêntrico e não se conecta de forma pura com o Tu, transformando-o em um Isso, ou seja, um objeto. Nesse processo, a natureza ontológica de Tu é anulada, uma vez que ele não é reconhecido em sua alteridade, mas é tratado como uma coisa.

No contexto da educação, a atitude Eu-Isso se traduz em uma prática antidialógica, de modo que a cultura do outro é invadida, moldada e descartada conforme as necessidades do Eu. Segundo Zuben:

Em suma, existem dois modos de presença. Sendo originários, a relação Eu-Tu e o conceito da presença recebem seu sentido autêntico na doação originária do Tu. No encontro dialógico, ocorre uma presentificação recíproca do Eu e do Tu. No relacionamento Eu-Isso, mesmo que o Isso esteja presente ao Eu, não podemos afirmar que o Eu está na presença do Isso. A verdadeira alteridade só se instala na relação Eu-Tu; no relacionamento Eu-Isso, o outro não é encontrado em sua alteridade. Na relação dialógica, o Eu se apresenta como pessoa e o Tu como outro. (Zuben, 2001, p. 29)

A palavra-princípio Eu-Tu, portanto, constitui a base para uma vida dialógica, na qual o outro é reconhecido como sujeito. A reciprocidade é o que sustenta essa relação, permitindo que o Eu se constitua plenamente como sujeito diante de Tu, em um encontro entre dois sujeitos que se respeitam mutuamente e se reconhecem na ação recíproca que os totaliza. Por outro lado, a palavra-princípio Eu-Isso reflete um cenário de

desvalorização e distanciamento, no qual o outro não é reconhecido. Como explica Zuben (2001, p. 29), o Eu-Isso “instaura o mundo do Isso, o lugar e o suporte da experiência, do conhecimento, da utilização”, negando o outro enquanto sujeito, gerando-o a um objeto manipulado.

Assim, o diálogo é uma plenitude que se realiza no encontro através da palavra-princípio **Eu-Tu**. É nessa relação que o ser humano se revela em sua totalidade, especialmente no campo existencial e ontológico (Buber, 2001). Já no contexto da palavra-princípio **Eu-Isso**, embora o outro seja inicialmente tratado como um objeto, ele pode ressignificar sua posição e, ao entrar na relação, transformar-se em um **Tu**. Para que esse movimento aconteça, é necessário que haja a abertura do outro em sua totalidade. Isso indica que o mundo existencial é suscetível a mudanças através das relações, pois o Isso, embora objetificado, pode assumir a posição de Tu no contexto de uma relação dialógica. A figura a seguir busca sistematizar esses conceitos. Ela destaca as duas palavras-princípio — **Eu-Tu** e **Eu-Isso** — que estruturam modos distintos de relação.

Figura 2 - As palavras princípio para Martin Buber

Eu-Tu	Encontro	Reciprocidade	Mutualidade	Ontologia
Palavra Princípio	Pares de vocábulo	Só pode ser proferida na totalidade		
Eu-Isso	Experiência	Utilização	Atitude Objetivante	Cognoscível

Fonte: Autoria própria

No contexto educacional e no Ensino de Filosofia, promover o diálogo (e nesse caso, o inter-religioso) significa ir além da mera transmissão de informações sobre diferentes religiões. Trata-se de engajar os estudantes em conversas significativas que explorem as implicações éticas e filosóficas das suas crenças e das crenças dos outros. Em Buber (2001) é possível perceber que no diálogo genuíno, cada interlocutor se dispõe a acolher o outro em sua singularidade, criando, assim, um espaço de encontro no qual a transformação mútua se torna viável.

Implementar essa abordagem no Ensino de Filosofia pode envolver várias estratégias pedagógicas. Por exemplo, os professores podem organizar círculos de diálogo

onde os alunos discutem temas filosóficos e religiosos relevantes, incentivando-os a compartilhar suas perspectivas pessoais enquanto ouvem atentamente as dos outros. Essa prática não só enriquece o entendimento dos estudantes sobre diferentes tradições religiosas, mas também promove habilidades críticas de escuta e empatia. A filosofia do encontro proposta por Martin Buber, com ênfase no diálogo autêntico, indica que a função do educador é fundamental na facilitação dessas interações. O educador deve não apenas atuar como mediador dos diálogos, mas também exemplificar comportamentos de abertura e respeito.

O educar envolve uma relação face-a-face e a compreensão do outro. Assim, os processos de humanização e de educação não estão indissociados da vida, que está em constante movimento. O filósofo reafirma o diálogo como elemento basilar para a efetivação da convivência com o Outro, além da compreensão da prática comprometida eticamente com a teoria e com a experiência existencial de relacionar-se com o outro

No ambiente escolar, a prática do diálogo (em especial o inter-religioso) pode ter um impacto significativo na formação dos estudantes como cidadãos conscientes e empáticos. Ao aprender a valorizar e respeitar a diversidade religiosa por meio do diálogo, os alunos se preparam para viver em um mundo cada vez mais plural. Eles desenvolvem não apenas um conhecimento mais profundo das religiões, mas também as habilidades sociais e emocionais necessárias para construir pontes entre diferentes comunidades.

A transição do encontro ao diálogo, conforme articulada por Martin Buber, oferece uma abordagem transformadora para o Ensino de Filosofia em contextos de pluridiversidade religiosa. Ao promover o diálogo genuíno, os educadores podem ajudar os estudantes a superar preconceitos, desenvolver empatia e construir uma convivência mais harmoniosa. Esta prática não só enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais tolerante e compreensiva.

1.4 – A escola como lugar de vivência comunitária na perspectiva buberiana

Vivemos um período marcado por intensas fragilidades nas relações humanas. Caracterizam essa realidade o fortalecimento do individualismo, o enfraquecimento dos laços comunitários, a intensificação da lógica competitiva e a falta de atenção ao próximo — elementos que, como já advertia Martin Buber, exercem forte influência sobre a vida em sociedade. Isso é algo que se observa, por exemplo, na despersonalização das relações, frequentemente comuns nas escolas.

Nesse contexto, a escola, enquanto espaço para o desenvolvimento humano, enfrenta o desafio de se repensar além da mera transmissão de conteúdos e de se compreender como um local de encontro, de escuta e de verdadeira convivência, espaço de intersubjetividade onde acontecem as relações, possibilitando o crescimento ético dos sujeitos.

É exatamente neste horizonte que a filosofia do diálogo de Martin Buber se torna uma referência importante. A partir do pensamento de Buber, sobretudo de "*Sobre Comunidade*" (1987), pode-se perceber que ele se dedica a uma concepção de vida que está longe de pensamentos e resumos abstratos: ele nos instiga a contemplar o sentido profundo de comunidade como uma experiência viva, não apenas como uma associação de pessoas, mas como uma relação viva caracterizada pela presença autêntica do "Eu" diante de um "Tu". Assim, a verdadeira comunidade, segundo Buber, nasce do entrelaçamento de vínculos dialógicos, ou seja, das relações autênticas e genuínas entre os indivíduos. Esses vínculos são baseados na interação Eu-Tu, onde cada pessoa se abre ao outro de forma plena, sem instrumentalizá-lo ou reduzi-lo a um meio para alcançar objetivos.

Na perspectiva de Buber, o diálogo é o fundamento da comunidade, pois é nele que ocorre a manifestação do "entre", a esfera onde o divino e o humano se encontram. É nesse espaço relacional que os indivíduos se reconhecem como seres únicos e se conectam de maneira profunda, criando uma união orgânica que transcende as estruturas artificiais da sociedade ou da massa.

A verdadeira comunidade, portanto, não é construída por regras ou convenções externas, mas emerge espontaneamente da vontade dos indivíduos de se relacionarem de forma autêntica. Esse entrelaçamento de vínculos dialógicos é o que dá à comunidade seu caráter espiritual e sua capacidade de transformar a vida humana em uma experiência compartilhada e significativa. Para Buber (1987, p. 58-60), “a aspiração autêntica por um vínculo profundo está inevitavelmente ligada à dimensão do divino, e, de modo inverso, a busca sincera pelo divino desemboca na experiência comunitária” Assim, é na procura por Deus que os homens se voltam para a construção de uma vida em comunidade.

Com base nessa citação, podemos pensar a escola como um lugar de vivência comunitária, de modo que todas as práticas educativas e relações cotidianas sejam marcadas pelo espírito do encontro. Aqueles que trabalham em escolas²⁴ sabem bem o

²⁴ Escrevo aqui como professora do chão da escola, que conhece e aprende continuamente com colegas, alunos e a comunidade escolar.

quanto o cotidiano está repleto de obstáculos relacionais (entre alunos, professores e até entre a equipe gestora e a comunidade).

Compreender a escola sob a perspectiva comunitária não significa tratá-la como um ideal inalcançável, mas reconhecê-la como uma exigência concreta da vida educativa. Mais do que uma simples estrutura administrativa, a escola pode assumir-se como espaço onde o “nós” se torna realidade, sustentado pelo reconhecimento recíproco e pela corresponsabilidade. Inspirar-se pelo pensamento de Martin Buber implica repensar não apenas os modos de ensinar e aprender, mas também a convivência escolar em sua totalidade, orientando-a para uma educação que desperte sujeitos capazes de estabelecer relações éticas e dialógicas.

A reflexão buberiana revela, de modo recorrente, sua inquietação com a natureza das relações humanas e com a possibilidade de construir comunidades autênticas. Nesse horizonte, a noção de comunidade ocupa papel central em sua filosofia social e política. Suas experiências junto às comunidades hassídicas foram decisivas para consolidar sua concepção de diálogo. Como recorda Zuben (2001, p. 18), “Buber é reconhecido tanto no campo da filosofia do diálogo quanto em seus estudos dedicados ao o Hassidismo”²⁵ (Zuben, 2001, p. 18).

Diante do contexto contemporâneo, marcado por um acentuado individualismo e pelo domínio do neoliberalismo, a noção de comunidade proposta por Buber assume um caráter quase profético, desafiando as estruturas políticas que minam modelos comunitários voltados para a humanização e para a preservação da essência relacional do ser humano.

Ainda em sua obra *Sobre Comunidade* (1987), Buber reflete sobre o que constitui uma comunidade autêntica, distinguindo-a de meros agrupamentos de indivíduos. Assim, os princípios da concepção buberiana de comunidade pode ser aplicada, em alguma medida, ao ambiente escolar, transformando-o em um espaço onde as relações interpessoais genuínas sustentam a educação e o desenvolvimento humano. Como destacado na introdução da coletânea *Sobre Comunidade*

Da vida no Kibutz, experiência comunal autêntica, à tirania mascarada comunitária que o nazismo tentou impor à raça pura, da luta pela

²⁵ “O Hassidismo surgiu na Polônia, no século XVIII. Caracterizava-se por um esforço de renovação da mística judaica. Um traço comum a todas essas comunidades hassídicas é por sua santidade, piedade e união com Deus, aspiravam a uma vida santificada aqui na terra. Esta nova manifestação do judaísmo é uma vida nova, na qual o antigo e o tradicional são aceitos e se mostram transfigurados na simples e cotidiana existência de cada um, para lhe proporcionar uma nova luz” (ZUBEN, 2001, p. 19).

reconstrução judaica em Israel à resistência contra as forças exterminadoras do totalitarismo fascista, eis alguns parâmetros principais de uma vivência coletiva, judaica e humana, em que Buber colheu elementos para uma ampla e profunda discussão sobre formas de existência coletiva, sobretudo em sua expressão comunitária -tema que supera as experiências mais particulares para desembocar numa reflexão sobre a própria possibilidade de os homens conviverem em sociedade sem se devorarem e sem se aniquilarem [...].(Zubén, 1987, p. 2)

O filósofo examina a distinção entre a comunidade autêntica e um mero agrupamento de indivíduos no contexto da resistência judaica ao fascismo, bem como na luta pela formação de Israel, enfatizando que uma verdadeira comunidade emerge da liberdade e da corresponsabilidade entre seus integrantes. Ele aponta que a convivência coletiva só pode ser sinceramente fundamentada no respeito à dignidade humana, evitando o autoritarismo e a imposição de uniformidade. A sua principal preocupação é a coexistência humana, que transcende o contexto judaico e se estende a uma perspectiva mais ampla e universal.

Essa análise vai além das experiências judaicas específicas, propondo uma crítica filosófica e ética sobre a possibilidade de convivência social em diferentes tempos e lugares, sem que ocorra destruição mútua. Buber procura estabelecer um caminho pelo qual os seres humanos possam viver juntos em comunidade, sem que a individualidade de cada um seja sufocada ou destruída pela opressão do outro. Para ele, uma comunidade autêntica não pode ser construída com base em dominação ou exclusão, mas deve se apoiar no diálogo, no encontro e no reconhecimento mútuo.

O compromisso de Buber com a busca por formas de vida coletiva, nas quais a alteridade seja respeitada, é evidente, e o encontro humano ocupa um lugar central na construção de comunidades genuínas. Esse desafio se aplica tanto a experiências históricas quanto a questões filosóficas universais. Ele faz uma distinção clara entre sociedade e comunidade, destacando que uma comunidade verdadeira é definida por um espírito de reciprocidade e presença mútua.

“A comunidade é o lugar onde os indivíduos se encontram de forma plena, e não apenas em aspectos fragmentados de suas vidas” (Buber, 1987, p. 40). Para Buber, a comunidade não é simplesmente um conjunto de pessoas, mas um espaço de interação profunda, onde o "Eu-Tu" se revela e onde os participantes compartilham um senso de responsabilidade mútua.

Se compreendida nessa perspectiva de comunidade, de Buber, a escola deveria ser mais do que um local dedicado apenas à instrução acadêmica; ela deveria ser um ambiente onde as interações significativas entre alunos, professores e a comunidade escolar fossem ativas.

Para que a escola funcione como uma verdadeira comunidade, é fundamental que seja um espaço de encontros autênticos. Buber destaca que "o verdadeiro fundamento de uma comunidade está na disposição dos indivíduos para se relacionarem uns com os outros de maneira integral e sincera" (Buber, 1987, p. 58). Isso significa que, na escola, as relações entre professores e alunos devem ir além da mera transmissão de conhecimento; devem ser relações baseadas no respeito, no reconhecimento e na abertura genuína para o outro, para o diálogo.

Ele também alerta para o risco das “pseudo-comunidades”, onde há uma aparência de relacionamento, mas o encontro real não se concretiza. “Uma pseudo-comunidade é aquela em que as conexões entre os indivíduos são superficiais e o espírito de comunidade é apenas uma fachada” (Buber, 1987, p. 76). Para evitar esse cenário, as escolas precisam promover um ambiente em que as relações interpessoais apreciadas sejam a norma, incentivando um sentimento de pertencimento e responsabilidade compartilhada, sem se limitar a metas e resultados.

A noção de comunidade possui um significado central para refletirmos sobre a escola como um espaço propício ao seu desenvolvimento. Para Martin Buber (1987), a comunidade é um conceito que oferece uma base profunda e significativa para compreendermos a escola como um verdadeiro espaço comunitário. No entanto, o que frequentemente se observa são ambientes escolares “endurecidos”, onde prevalecem os números, os indicadores de desempenho e os marcos de referência, restando pouco – ou quase nenhum – espaço para um convívio genuinamente comunitário.

Pensar a escola de forma diferente implica reconfigurar os vínculos entre todos os seus atores — educadores, gestores, estudantes, famílias — a fim de fundar um espaço em que a aprendizagem e o desenvolvimento humano caminhem juntos. Ideais como a alteridade, o diálogo e a integridade devem constituir a tessitura da vida cotidiana na comunidade escolar, orientando práticas, relações e sentidos compartilhados.

Em relação à educação, Buber Martin Buber vê a comunidade como a estrutura social essencial para que o ser humano realize sua natureza relacional e dialógica. Para ele, a comunidade deve ser formada por relações autênticas e espontâneas entre os indivíduos, baseadas no princípio do "Eu-Tu", onde cada pessoa se conecta genuinamente

com o outro. A comunidade não é algo imposto ou artificial, mas nasce do desejo humano profundo de viver e se relacionar com os outros.

Quanto à educação, Buber acredita que ela é o caminho para formar indivíduos capazes de viver em comunidade. Ele critica modelos educacionais que apenas ajustam o indivíduo ao Estado ou à sociedade, propondo, em vez disso, uma educação que promova a comunialidade e as relações genuínas. A educação, para Buber, deve ser uma relação direta e autêntica entre mestre e discípulo, onde o educador ensina não apenas com palavras, mas com sua vida e testemunho.

A escola, nesse contexto, se apresenta como um microcosmo da comunidade, um espaço onde professores, alunos e administração formem uma verdadeira comunidade. (Buber, 1987, p. 90).

Quanto à educação, ela deve ocorrer de forma espontânea, permitindo que os indivíduos se desenvolvam plenamente como seres relacionais. Além disso, Buber defende que a educação deve integrar o indivíduo à realidade social, promovendo relações entre escola e lar, entre diferentes classes etárias e entre os sexos, além de ensinar sobre a comunidade por meio de disciplinas como história e línguas. (Buber, 1987, p. 91-95).

Já o papel do educador é fundamentalmente relacional para Buber (1987). Em outras palavras, o professor não deve ser apenas o transmissor de informações, mas um mediador entre o aluno e o mundo. Em vez de importar verdades pré-fabricadas, viajamos ao lado dos participantes na busca pelo sentido, cultivando a liberdade intelectual e o desenvolvimento pessoal. O compromisso do professor se estende além de ensinar: ele precisa ter um compromisso real com a formação humana do aluno.

Assim, a proposta educacional fundamentada na filosofia do encontro de Buber exige a construção de um contexto apoiado em um diálogo real, uma escuta ativa e uma abertura para os outros. Desta forma, a educação é um encontro — não apenas um ato técnico de ensino. Pois, como o próprio Buber articula, “a educação se caracteriza por uma relação direta e altruísta, cujo intuito é, por si só, capacitar para relações valorizadas com os indivíduos ao nosso redor” (Buber, 1987, p. 93). A relação é educativa na medida em que há um “lugar” no qual professor e aluno se encontram, cada um no outro, como sujeitos únicos no processo e, por isso, são transformados.

Pensar na escola como um ambiente de vivência comunitária é mais do que uma proposição filosófica: é uma demanda ético-política. Num momento de crescente isolamento e fragmentação, a educação pode — e deve — ser o lugar de escuta, de cuidado com os outros e onde o reconhecimento mútuo é cultivado. Isso não quer dizer

que Buber tenha uma resposta pronta, mas sua concepção sobre comunidade abre caminhos à possibilidade de uma escola mais humanista, mais sensível e comprometida com a formação integral de cada sujeito.

1.5 – Pluridiversidade e pluriversalidade

A noção de pluridiversidade tem-se consolidado como um conceito central nos debates decoloniais e nas epistemologias do Sul. É uma noção que designa a variedade das formas de ser, de conhecer e de viver no mundo e, ao mesmo tempo, denuncia a presença de uma racionalidade hegemônica, historicamente imposta pelo projeto colonizador moderno. Embora vários autores tenham trabalhado arduamente nessa noção, podemos citar Walter D. Mignolo que desenvolveu essa crítica à colonialidade dos sistemas de conhecimento e de poder (Mignolo, 2008).

No entanto, é na obra *"Inflexión Decolonial: Fuentes, conceptos y cuestionamientos"*, de Eduardo Restrepo (2010) e Axel Rojas (2010), que a pluridiversidade encontra centralidade e profundidade analítica quando comparada como expressão de uma pluralidade epistêmica e ontológica. Segundo os autores, a pluridiversidade deve ser compreendida como uma resposta direta às pretensões universalizantes da modernidade ocidental, valorizando formas de vida e saberes historicamente subalternizados:

A tendência é considerar a cultura como um sistema de significados ou modo de vida essencialmente autônomo ou, quando se pensa na relação constitutiva, como resultado de uma resistência imanente à imposição da cultura ocidental. (Restrepo; Rojas, 2010, p. 210, tradução nossa).²⁶

Essa ideia gera uma crítica às interpretações essencialistas da cultura, defendendo que a cultura seja considerada um campo de batalha e ressignificação simbólica. Nesse sentido, a pluridiversidade não deve ser entendida como mera celebração da diversidade – o trabalho continua, para a construção de novos reconhecimentos de outras racionalidades, ontologias e histórias de existência – mas também como a efetivação da disponibilidade de legitimidade de outras racionalidades, ontologias e histórias de existência historicamente silenciadas.

²⁶ La tendencia es considerar la cultura como un sistema de significados o una forma de vida esencialmente autónoma o, al pensar en la relación constitutiva, como el resultado de una resistencia inmanente a la imposición de la cultura occidental. (Restrepo; Rojas, 2010, p. 210).

Autores como Enrique Dussel (2013) e Aníbal Quijano (2005) também são referências fundamentais a esse respeito, pois trazem contribuições para superar o paradigma eurocêntrico que subalterniza formas de conhecimento e impõe um modelo único de racionalidade. A colonialidade do poder, conceito fundamental de Quijano, indica a prevalência de uma interconexão entre a dominação capitalista e a dominação racial, epistêmica e de gênero. Essa estrutura não é propícia à durabilidade de um sistema operacional global que naturaliza formas específicas de ser e conhecer como universais e válidas. Como afirma o autor:

A colonialidade do poder é uma das mais pervasivas e duradouras formas de dominação do mundo moderno, articulando práticas de classificação social racializadas, de gênero e de sexualidade com os modos de produção e controle do saber. (Quijano, 2005, p. 122).

Frente a isso, a pluriversidade emerge como forma de resistência epistêmica e ontológica à lógica de dominação e uniformização da modernidade. Já o conceito de *pluriversalidade*, conforme discutido por Restrepo e Rojas (2010), complementa e aprofunda a crítica à universalidade imposta pelo projeto moderno-colonial. Trata-se de uma proposta ética, política e epistêmica que trabalha não apenas para recuperar conhecimentos subalternizados dentro da lógica, presunção e razão dominante, mas para reconhecer a presença simultânea e legítima de mundos alternativos, racionalidades e modos de vida. Os autores destacam:

A pluriversalidade, nesse sentido, não é apenas a coexistência pacífica de diferenças, mas a possibilidade de visibilizar e afirmar formas outras de conhecimento, existência e aspiração que foram historicamente silenciadas. (Restrepo; Rojas, 2010, p. 224, tradução nossa).²⁷

A pluriversalidade é uma ruptura radical com o universalismo excludente da modernidade, conduzindo, em vez disso, à justiça epistêmica e ontológica como base para a construção de sociedades mais democráticas, inclusivas e interculturais. Em linha com essa posição, Mignolo e Walsh (2018:12) argumentam que a pluriversalidade não é uma forma de relativismo epistêmico, mas sim o reconhecimento de que “outras formas de pensar, conhecer, sentir, aprender, estar em comunidade/viver juntos são possíveis, da

²⁷ La pluriversalidad, en este sentido, no es sólo la coexistencia pacífica de las diferencias, sino la posibilidad de visibilizar y afirmar otras formas de conocimiento, existencia y aspiración que han sido históricamente silenciadas. (Restrepo; Rojas, 2010, p. 224)

mesma forma que outras formas de vida e razões para viver são possíveis e legítimos. A pluriversalidade não é relativismo, mas o reconhecimento de que há múltiplas lógicas de vida e que nenhuma delas pode reivindicar o monopólio da razão. (Mignolo; Walsh, 2018).

Essa concepção torna-se particularmente relevante no campo educacional, pois demanda práticas pedagógicas comprometidas com o reconhecimento e a valorização das diversas epistemologias presentes na realidade dos sujeitos. A inflexão decolonial, nesse sentido, propõe uma ética da convivência e uma política do reconhecimento, desafiando os mecanismos de silenciamento que ainda marcam as instituições escolares.

Precisamos pensar o modelo escolar: a incorporação das noções de pluridiversidade e pluriversalidade no campo educacional implica uma profunda reconfiguração da escola — sobretudo da escola pública — como espaço de encontro e diálogo entre saberes historicamente marginalizados. Trata-se de repensar o currículo, a prática docente e a própria finalidade da educação, não como mera reprodução de um saber hegemônico, mas como construção coletiva de conhecimentos situados e diversos.

Entretanto, essa reconfiguração não se limita aos aspectos conceituais e pedagógicos: exige também uma reflexão sobre a materialidade dos espaços escolares. O desenvolvimento de práticas educativas dialógicas e criativas, como a gravação do *podcast* realizado com docentes e estudantes, precisou ocorrer em um estúdio alugado com recursos próprios, diante da inexistência de um espaço apropriado na escola. Esse fato evidencia que a promoção da pluridiversidade religiosa e do diálogo depende igualmente de condições concretas que sustentem o encontro – salas multifuncionais, equipamentos e acessórios audiovisuais, ambientes acolhedores e acessíveis.

À luz da filosofia do encontro de Martin Buber, o espaço escolar pode ser compreendido como um lugar relacional, em que o *entre* – o campo dialógico que se abre entre o Eu e o Tu – se materializa também na estrutura física da instituição. Um ambiente que favorece a escuta, o diálogo e a expressão simbólica dos sujeitos é parte essencial da experiência educativa autêntica. Assim, repensar o modelo escolar é, igualmente, repensar o próprio espaço concreto em que o encontro se dá, compreendendo que o diálogo verdadeiro necessita de um lugar que o acolha e o torne possível. Nesse sentido, a escola precisa ser vista não apenas como um edifício, mas como território de convivência, partilha e reconhecimento mútuo - um espaço que traduza em sua materialidade, a ética do encontro que fundamenta toda a proposta desta pesquisa.

No contexto brasileiro, tal proposta dialoga com os princípios estabelecidos pela Constituição Federal de 1988, a qual reconhece a diversidade cultural como um dos fundamentos do Estado Democrático de Direito (BRASIL, 1988). Assim, o compromisso com uma educação pluridiversa e pluriversal não se limita ao plano teórico, mas configura uma exigência ética, política e jurídica voltada à superação das desigualdades epistêmicas e à promoção da justiça cognitiva.

Segundo Walsh (2009, p. 25), a perspectiva decolonial na educação propõe que o conhecimento não deve ser centrado em um único ponto de referência, mas emergir das periferias, oferecendo múltiplas formas de existência e modos de conviver. Aplicada ao Ensino de Filosofia — tradicionalmente ancorado em uma matriz eurocêntrica —, essa abordagem demanda uma reinvenção da disciplina, estimulando o diálogo com diversas cosmovisões, como as indígenas, afro-brasileiras, populares e religiosas. Tal prática requer uma verdadeira hospitalidade epistêmica, na qual se reconhece que a expressão de mundos possíveis só se realiza plenamente no encontro plural de saberes e mais do que uma mudança curricular, tal movimento configura-se como um posicionamento político e existencial: afirmar que, em um mundo globalizado e interdependente, o reconhecimento da multiplicidade de saberes e formas de vida não é uma opção, mas uma condição necessária para a construção de uma convivência democrática, justa e equitativa.

1.5.1 - A pluridiversidade religiosa e a filosofia do encontro de Martin Buber na comunidade escolar

Pensar a pluridiversidade requer a superação da colonialidade do poder como condição fundamental para o surgimento de todas as formas de pluridiversidade, inclusive a religiosa, pois somente quando se rompe com a objetificação do outro, de sua cultura e religião, é que se pode estabelecer um autêntico encontro Eu-Tu.

Desse modo, a filosofia do encontro de Martin Buber oferece uma base sólida para abordar a pluridiversidade religiosa no contexto educacional. Ao enfatizar a importância das relações autênticas e do diálogo genuíno, Buber fornece uma estrutura teórica que pode ser aplicada para promover a compreensão e o respeito mútuo entre diferentes tradições religiosas.

A obra *Eu e Tu* de Buber é central para compreender sua filosofia do encontro. Buber distingue dois modos de relacionamento: "Eu-Tu" e "Eu-Isso". O relacionamento "Eu-Tu" é caracterizado pela reciprocidade, mutualidade e presença autêntica, em que cada indivíduo é reconhecido em sua totalidade. Buber afirma: "no princípio está a

relação" (Buber, 2001, p. 18). Este princípio sublinha que a existência humana se realiza plenamente por meio do encontro autêntico com o outro, tornando-se base para a convivência harmoniosa em contextos de diversidade.

Na pluridiversidade religiosa, a filosofia do encontro é particularmente relevante. Ao reconhecer o outro como um "Tu", em vez de um "Isso", os preconceitos e estereótipos podem ser superados. Este reconhecimento permite um engajamento genuíno e respeitoso com as diferentes tradições religiosas. O filósofo argumenta que "o Eu se realiza no Tu" (Buber, 2001, p. 49), sugerindo que a verdadeira identidade de uma pessoa se desenvolve plenamente por meio da interação autêntica com os outros. Isso é crucial em ambientes escolares onde a diversidade religiosa pode ser uma fonte de conflito ou de enriquecimento, dependendo de como é compreendida pelos membros da comunidade escolar.

O educador, sobretudo o de filosofia, tem um papel fundamental na aplicação da filosofia do encontro de Buber no contexto escolar. Ele deve criar um ambiente que encoraje o diálogo e a compreensão mútua e deve desenvolver sua capacidade de facilitar encontros "Eu-Tu" entre alunos de diferentes tradições religiosas, pois isso pode transformar a dinâmica da sala de aula, promovendo um respeito profundo e uma apreciação das diferenças. Buber destaca que "o educador autêntico não é aquele que apenas transmite conhecimento, mas aquele que forma relações verdadeiras" (Buber, 2001, p. 121).

Para operacionalizar a filosofia do encontro de Buber em um contexto de pluridiversidade religiosa, várias estratégias podem ser adotadas. Uma delas é a criação de espaços de diálogo inter-religioso, onde os alunos podem compartilhar suas crenças e práticas em um ambiente seguro e respeitoso. Esses espaços não são apenas para troca de informações, mas para o encontro genuíno, em que cada participante é ouvido e valorizado em sua singularidade.

Comentadores de Buber, como Maurice Friedman, também enfatizam a importância do diálogo genuíno em contextos de diversidade. Friedman afirma que "a visão de Buber sobre o diálogo como encontro genuíno é essencial para a construção de pontes entre diferentes comunidades religiosas" (Friedman, 1986, p. 88). Esta perspectiva reforça a relevância da filosofia do encontro para a pluridiversidade religiosa, destacando seu potencial para promover a paz e a compreensão mútua.

A filosofia do encontro de Buber também tem implicações éticas profundas para a pluridiversidade religiosa. Ao tratar o outro como um "Tu", reconhecemos a dignidade

e o valor intrínseco de cada pessoa, independentemente de suas crenças religiosas. Isso promove uma ética de respeito e inclusão, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Embora não seja objetivo desta pesquisa abordar as semelhanças e os distanciamentos entre os filósofos contemporâneos Emmanuel Levinas e Martin Buber, convém mencionar que Levinas também oferece insights valiosos sobre a relação com o Outro, quando critica a objetificação do outro, enfatizando a necessidade de uma ética da alteridade, onde o rosto do outro exige uma resposta ética. Ele argumenta que "a relação com o outro é uma relação com o mistério, que não pode ser reduzido a uma totalidade ou a um conceito" (Levinas, 1961, p. 45). A abordagem de Levinas pode ser entendida como complementar à filosofia de Buber ao reforçar a ideia de que o outro deve ser sempre visto em sua alteridade e dignidade.

Outro autor relevante é Paulo Freire, cuja obra *Pedagogia do Oprimido* ressoa os princípios da filosofia buberiana, como se verifica na seguinte passagem:

Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica num sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase ‘coisa’, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração. O eu antidialógico, dominador, transforma o tu dominado, conquistado num mero ‘isto’. O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não eu-, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu (Freire, 1970, p. 96).

Assim, Freire encapsula a essência da pedagogia do diálogo, onde a educação não é um ato de transmissão de conteúdos, mas um processo de construção compartilhada de saberes e de liberdade onde o diálogo é tido como um ato de amor e respeito, fundamental para a educação libertadora. Ele afirma: "o diálogo verdadeiro não pode existir a não ser entre iguais, entre os que se respeitam mutuamente" (Freire, 1970, p. 89). Essa perspectiva é essencial para criar um ambiente educacional onde a pluridiversidade religiosa é valorizada e respeitada. A sua pedagogia tem no diálogo uma das principais categorias, que está relacionada ao ato humano de conhecer o mundo e de educar-se por ele.

Freire (1970, p. 45) define o diálogo como “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

A ideia de que o diálogo é "mediatizado pelo mundo" significa que o ser humano e seu ato de dialogar estão sempre em relação com o mundo ao seu redor — as condições sociais, históricas e culturais. Percebemos que Freire acredita que o diálogo não é apenas uma troca de palavras, mas uma ação que pronuncia o mundo, transforma-o e ao transformar o mundo, os indivíduos se humanizam. Assim, à concepção de Buber do professor como construtor da comunidade, Freire acrescentou a dimensão política, ou seja, o construtor da comunidade é alguém que promove a liberdade política, central na formação de indivíduos críticos e na libertação dos oprimidos (Guilherme; Morgan, 2018, p. 789).

Tanto Paulo Freire quanto Martin Buber desenvolveram ideias e realizaram iniciativas que, embora de formas distintas, têm o diálogo como seu eixo central. Suas abordagens que desafiam teorias que privilegiam o indivíduo isoladamente, reconhecendo a importância do encontro, da conversa e das relações humanas como fundamentos essenciais para uma análise crítica da realidade e da história.

Na perspectiva dessa ação formativa, a integração dos princípios da filosofia do encontro no currículo escolar pode incluir a incorporação de textos de diferentes tradições religiosas em aulas de filosofia, promovendo uma análise comparativa e reflexiva. Além disso, atividades que incentivam a empatia e a escuta ativa, como debates estruturados e jogos, podem ajudar os alunos a vivenciar a filosofia do encontro em suas interações diárias.

A filosofia do encontro de Buber oferece um fundamento robusto para abordar a pluridiversidade religiosa nas escolas. Sua ênfase nas relações autênticas e no diálogo genuíno fornece as bases teóricas e práticas para promover a compreensão e o respeito mútuo. Ao aplicar esses princípios no Ensino de Filosofia, os educadores podem ajudar a transformar a dinâmica da sala de aula, promovendo um ambiente inclusivo e enriquecedor para todos os alunos.

Na filosofia buberiana, a transição do encontro para o diálogo pode ser compreendida como uma transformação necessária, uma vez que o conceito de "encontro" é intrinsecamente dialógico. O "Eu-Tu", núcleo da filosofia de Buber, não se trata apenas de um encontro estático, mas de uma relação viva e dinâmica, caracterizada pela presença genuína e pela reciprocidade. Quando o filósofo fala de "encontro", ele já está se referindo a um espaço de diálogo, onde há abertura, escuta e reconhecimento do outro em sua totalidade. Portanto, podemos dizer que o diálogo é a expressão plena do encontro, onde os envolvidos se relacionam de forma autêntica e transformadora.

Assim, a transição do encontro para o diálogo é uma ampliação do conceito de encontro, aplicando-o às interações humanas em diferentes contextos, como a educação, a vida comunitária e a espiritualidade, em que o diálogo é a prática que torna o encontro uma vivência concreta e ativa. Então, trata-se de uma transformação necessária que implica uma expansão da ideia do encontro para o âmbito das interações dialógicas, que reflete sua compreensão mais profunda das relações humanas e sua visão de uma sociedade mais harmoniosa e inclusiva.

No contexto das relações inter-religiosas, isso se traduz na ideia de reconhecer a humanidade uns nos outros, para além das diferenças religiosas, buscando uma compreensão mútua e uma apreciação das diversas experiências espirituais.

No entanto, à medida que Buber aprofundava sua reflexão, ele percebia que o simples encontro não era suficiente para promover uma verdadeira compreensão e cooperação entre diferentes grupos, pois havia a necessidade de levar esses encontros além, para o próximo nível de interação humana: o diálogo.

O diálogo, para Buber (2001) implica não apenas um encontro autêntico, mas também uma troca ativa e contínua de ideias, experiências e perspectivas, reconhecendo que, para superar as divisões e incompreensões entre pessoas de diferentes tradições religiosas, é necessário um compromisso com o diálogo constante e aberto. Assim, o diálogo na filosofia de Buber vai além do simples reconhecimento mútuo; ele exige um engajamento ativo na busca da compreensão mútua e na construção de pontes entre as diferenças. Isso implica não apenas ouvir o outro, mas também compartilhar nossas próprias experiências e pontos de vista de forma respeitosa e aberta.

Portanto, a transição do "encontro" para o "diálogo" na filosofia de Martin Buber representa uma progressão em direção a uma maior interação e cooperação entre pessoas de diferentes origens e tradições religiosas. Ao promover o diálogo autêntico e inclusivo, podemos criar uma base sólida para uma sociedade mais plural e harmoniosa, onde o respeito mútuo e a compreensão prevalecem sobre o preconceito e a divisão.

CAPÍTULO 2

A PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA E O ENSINO DE FILOSOFIA

A pluralidade de crenças, práticas e cosmovisões religiosas presentes no ambiente escolar brasileiro interpela de forma direta o campo educacional, exigindo novas posturas pedagógicas que valorizem o respeito e o reconhecimento da diferença como princípio ético e político. Neste capítulo, propõe-se refletir sobre a importância de incorporar a pluridiversidade religiosa ao Ensino de Filosofia, compreendendo-a não como um obstáculo, mas como uma oportunidade para fomentar o diálogo, a escuta e o encontro entre os estudantes.

A abordagem filosófica, quando aberta ao horizonte da diversidade, pode se tornar um potente instrumento para a promoção do pensamento crítico e da convivência democrática. A partir desse olhar, busca-se investigar de que modo o Ensino de Filosofia, especialmente na educação básica, pode contribuir para a construção de um espaço escolar que reconheça e valorize os distintos repertórios religiosos e culturais dos sujeitos que o compõem.

Serão também analisados os fundamentos legais e normativos que respaldam essa proposta no contexto educacional brasileiro, à luz dos princípios constitucionais da liberdade religiosa, da laicidade do Estado e da valorização da diversidade. A intenção é destacar que o compromisso com uma educação filosófica aberta à pluridiversidade religiosa não é apenas uma escolha pedagógica, mas uma exigência ética e cidadã no contexto de uma sociedade plural, marcada por múltiplas heranças culturais e espirituais.

Ao longo do capítulo, portanto, argumenta-se que o Ensino de Filosofia pode e deve assumir um papel ativo na promoção de uma cultura de paz, reconhecimento mútuo e justiça cognitiva, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, sensíveis à alteridade e capazes de dialogar com o outro sem negar sua própria identidade.

2.1 - A Pluridiversidade Religiosa

O termo pluridiversidade tem se consolidado, sobretudo no cenário latino-americano, por expressar mais do que a simples ideia de diversidade cultural. Ele aponta para o reconhecimento ativo das múltiplas formas de existência, saberes e experiências humanas, valorizando identidades que historicamente foram marginalizadas. No âmbito religioso, essa ideia ganha uma dimensão ainda mais significativa: não basta reconhecer a coexistência de distintas crenças, é necessário criar um espaço efetivo de encontro,

diálogo e valorização recíproca entre as diversas tradições espirituais. Ao contrário da visão que hierarquiza religiões com base em dogmas dominantes, a pluridiversidade religiosa propõe um encontro entre mundos simbólicos — cada um com sua própria lógica, linguagem e sentido. Aqui, as crenças não precisam se explicar a partir de categorias como "Deus", "diabo", "existência" ou "natureza", pois cada tradição constrói seu próprio modo de narrar o sagrado e o humano. É um convite à escuta genuína, onde nenhuma espiritualidade precisa se justificar diante da outra.

Na América Latina, esse cenário se complexifica. A presença de tradições indígenas e africanas, somada à herança colonial do cristianismo europeu e às influências de outras religiões trazidas por imigrantes — como as islâmicas, judaicas e orientais — compõe um mosaico espiritual único. Walter Mignolo (2003), ao refletir sobre a colonialidade do saber e do ser, mostra como essas cosmologias não ocidentais foram silenciadas ou inferiorizadas. Mas, ele também revela como esses saberes resistiram e continuam a influenciar profundamente o modo como muitos latino-americanos vivem sua espiritualidade — muitas vezes de forma híbrida, crítica e criativa.

Nesse cenário, a filosofia do encontro de Martin Buber contribui com uma perspectiva ética fundamental. Em sua obra, Buber (2001) afirma que o verdadeiro relacionamento só se realiza quando reconhecemos o outro como um "Tu" — um ser pleno, com dignidade, voz e presença. Essa ideia, levada ao diálogo inter-religioso, desafia as posturas de tolerância superficial e convida a uma escuta que acolhe o outro não para convertê-lo, mas para reconhecê-lo em sua alteridade.

Também Enrique Dussel (1993) oferece uma chave crítica importante. Ele questiona a narrativa tradicional da modernidade como conquista exclusivamente europeia, lembrando que esse processo veio acompanhado de opressão, violência e exclusão. Ao propor uma releitura da história, Dussel auxilia a recentrar as vozes e saberes que ficaram à margem — e, com isso, reforça a importância da pluridiversidade religiosa como horizonte ético e político.

Portanto, a pluralidade de tradições religiosas que coabitam nosso território não é uma ameaça à coesão social, mas uma oportunidade de construir novos pactos de convivência, baseados no respeito, na escuta e na justiça epistêmica. No Brasil, esse debate se torna ainda mais urgente, diante das persistentes intolerâncias e da invisibilização de práticas religiosas não hegemônicas. Reconhecer a pluridiversidade religiosa é, assim, mais do que um ato acadêmico — um compromisso com uma sociedade verdadeiramente democrática e aberta ao outro.

2.2 - O Ensino de Filosofia como formação para o diálogo religioso

O Ensino de Filosofia ocupa um lugar essencial na formação do pensamento crítico e reflexivo, pois amplia a capacidade de o indivíduo compreender a si mesmo, ao mesmo tempo em que favorece o reconhecimento do outro e do mundo no qual está inserido.

No contexto brasileiro, marcado por uma pluralidade cultural e religiosa, a filosofia apresenta-se como um caminho privilegiado para estimular o diálogo inter-religioso, promovendo relações de respeito e convivência pacífica entre diferentes tradições de fé.

Enquanto prática formativa, a filosofia instiga a problematização de conceitos, a revisão de preconceitos e a construção de uma postura crítica diante das narrativas que estruturam a vida social. No campo religioso, essa perspectiva permite aos estudantes perceberem que as manifestações espirituais não são estáticas nem isoladas, mas sim processos históricos e culturais profundamente entrelaçados a distintas visões de mundo.

Nessa perspectiva o pensamento de Martin Buber (2001) se mostra de grande relevância. Sua diferenciação entre as relações “Eu-Tu” e “Eu-Isso” ressalta a necessidade de reconhecer o outro como sujeito pleno, digno de escuta e presença. Transposto para o espaço escolar, tal princípio inspira uma ética do encontro que sustenta práticas pedagógicas abertas à diversidade religiosa, sem hierarquizações ou juízos excludentes.

Estratégias pedagógicas centradas no diálogo, como as rodas de conversa, constituem meios eficazes de criar espaços em que diferentes experiências religiosas possam ser compartilhadas e discutidas de modo construtivo. Nesses processos, a filosofia atua como mediadora, auxiliando na desconstrução de estereótipos e na ampliação da compreensão sobre a pluralidade de crenças.

Educar para a pluridiversidade religiosa significa, portanto, ir além da simples menção às distintas tradições. Trata-se de promover um ambiente de convivência sustentado pela escuta, pelo respeito mútuo e pela troca autêntica. Nesse percurso, a filosofia exerce papel decisivo ao oferecer instrumentos conceituais que possibilitam refletir tanto sobre as tensões quanto sobre as riquezas inerentes à multiplicidade religiosa.

O exercício filosófico no diálogo inter-religioso tem a potência de superar perspectivas etnocêntricas, favorecendo a valorização da diversidade como elemento

enriquecedor da experiência humana. A reflexão sobre noções como transcendência, ética, alteridade e liberdade conduz os estudantes a compreenderem a religião enquanto fenômeno histórico-cultural. Essa compreensão não se confunde com relativismo, mas representa abertura ao diálogo e reconhecimento do valor singular de cada tradição em seu próprio contexto.

Nas aulas de filosofia, o estudo do fenômeno religioso — a partir de pensadores como Agostinho, Tomás de Aquino, Kant e Feuerbach — permite investigar as múltiplas relações entre fé, razão e moralidade. Esse exercício amplia o horizonte formativo dos estudantes, estimulando empatia, capacidade de escuta e entendimento recíproco.

Assim, a mediação filosófica no diálogo inter-religioso não apenas rompe com leituras etnocêntricas, mas também reforça a diversidade como dimensão constitutiva da vida social. Desse modo, contribui para a formação de sujeitos críticos, éticos e preparados para atuar em uma sociedade democrática e plural.

2.3 - Aspectos legais do Ensino de Filosofia para a pluridiversidade religiosa

A Filosofia, enquanto componente constitutivo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Educação Básica, desempenha um papel central na formação crítica, ética e cidadã dos estudantes, oferecendo instrumentos para compreender, interpretar e valorizar as diversas formas de pensar, sentir e viver que compõem a experiência humana. Ao estimular a reflexão e o diálogo, a Filosofia favorece a construção de uma consciência autônoma, sensível à pluralidade cultural e religiosa presente na sociedade contemporânea. Essa perspectiva encontra respaldo na Constituição Federal de 1988, que estabelece, em seu artigo 5º, incisos VI e VIII, a liberdade de crença e de consciência, assegurando a todos o direito de professar ou não uma religião. Além disso, o artigo 19, inciso I, consagra o princípio da laicidade do Estado, ao vedar qualquer forma de dependência ou aliança entre o poder público e instituições religiosas. Esses dispositivos constituem o alicerce jurídico e ético de uma educação voltada à liberdade de pensamento e à convivência democrática.

Com base nesses fundamentos, a prática educativa deve promover o respeito à diversidade religiosa e cultural, orientando-se por uma postura reflexiva, inclusiva e isenta de proselitismo. Assim, o reconhecimento das múltiplas tradições espirituais no ambiente escolar deve ocorrer de modo crítico e dialógico, permitindo que o espaço educativo se afirme como lugar de formação integral do sujeito, de convivência plural e de exercício efetivo da cidadania em um Estado democrático e laico.

Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) — Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com suas alterações — reafirma, em seu artigo 2º, que a educação tem por finalidade “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, princípio preservado desde sua redação original. Em harmonia com esse propósito, o artigo 35-D, introduzido pela Lei nº 14.945, de 30 de setembro de 2024, estabelece que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio compreende quatro áreas do conhecimento — Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas —, sendo esta última integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia.

A inserção da Filosofia nesse conjunto expressa o reconhecimento de sua relevância para a formação integral do estudante, uma vez que o ensino filosófico contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão ética e do diálogo sobre questões fundamentais da existência humana, entre elas a religiosidade, a cultura e a convivência plural. Assim, a Filosofia não apenas complementa as demais áreas do conhecimento, mas também oferece fundamentos para a compreensão da diversidade de visões de mundo presentes na sociedade contemporânea.

Nessa mesma direção, o artigo 33 da LDB dispõe que o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui parte integrante da formação básica do cidadão, devendo ser ministrado nos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, com respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil e vedada qualquer forma de proselitismo. Ao lado da Filosofia, o Ensino Religioso deve, portanto, favorecer o reconhecimento e a valorização das diferentes tradições espirituais, em conformidade com os princípios constitucionais da liberdade de crença e de ensino.

Desse modo, tanto a Filosofia quanto o Ensino Religioso convergem na promoção de uma educação plural, inclusiva e democrática, fundada no respeito à diversidade e na tolerância como valores indispensáveis à convivência social. Ao abordar em sala de aula temas relacionados à pluralidade religiosa, professores e estudantes devem adotar uma postura de diálogo, respeito e ausência de proselitismo, conforme orientam a LDB e os fundamentos constitucionais da liberdade de consciência e da laicidade do Estado.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Resolução CNE/CEB nº 2/2012) também destacam a Filosofia como ferramenta para a formação cidadã, promovendo o pensamento crítico, o diálogo e o respeito às diferenças. Em consonância, o Plano Nacional de Educação (PNE – Lei nº 13.005/2014) propõe metas que incentivam

práticas pedagógicas voltadas à educação em direitos humanos, ao respeito à diversidade religiosa e à cultura de paz.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça o papel da Filosofia ao estabelecer competências gerais que incluem:

Competência Geral 1: valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo, incluindo dimensões culturais.

Competência Geral 3: valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, reconhecendo-se como parte de uma coletividade.

Competência Geral 7: argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, formulando e defendendo ideias.

Competência Geral 9: exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação.

Competência Geral 10: agir com responsabilidade e cidadania.

A BNCC (2017) orienta ainda que a disciplina deve ir além das grandes questões metafísicas, contribuindo também para a formação social e ética dos estudantes, preparando-os para conviver com diferentes crenças de forma respeitosa e dialógica. Ela reafirma ainda que a diversidade cultural e religiosa é um elemento fundamental na construção da identidade individual e coletiva. Nesse sentido, o ensino deve

- 1 - Promover o respeito às diferentes manifestações religiosas
- 2 - Fomentar o pensamento crítico
- 3 - Garantir a laicidade do ensino
- 4 - Desenvolver a empatia e a convivência harmoniosa.

Esses marcos legais evidenciam que o Ensino de Filosofia pode — e deve — ser um espaço para o reconhecimento e valorização da pluridiversidade religiosa, sem contrariar o princípio da laicidade. A escola, nesse contexto, torna-se um lugar de construção da paz, combate à intolerância e promoção da convivência entre distintas visões de mundo.

2.3.1 - A distribuição da população brasileira por religião

Na figura abaixo, vemos a imagem de um recenseador do IBGE trabalhando coletando os dados para o Censo 2022 (uma vez que essa edição era para ter ocorrido em 2020, mas que, por conta da pandemia da covid-19 não ocorreu). Esses dados coletados são de extrema importância para tratarmos e discutirmos a pluridiversidade religiosa no

Brasil, além de exigir uma análise cuidadosa desse cenário nacional, tendo em vista que o país é marcado por uma expressiva miscigenação cultural e espiritual.

Figura 3 - Recenseador do IBGE 2022



Foto:© Tânia Rêgo/Agência Brasil²⁸

O Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fornece dados atualizados sobre a distribuição da população brasileira segundo a religião, evidenciando mudanças significativas em relação às últimas décadas. No Censo de 2022, os recenseadores foram responsáveis por coletar informações sobre a população brasileira, por meio de entrevistas domiciliares e, em alguns casos, por telefone. Eles aplicaram questionários com perguntas sobre características demográficas, sociais e econômicas, e foram a peça-chave para a obtenção de dados mais precisos e atualizados, especialmente em um país com dimensões continentais como o Brasil.

Principais dados do Censo 2022

Entre os dados mais relevantes do Censo 2022 destaca-se o crescimento do número de pessoas que se identificam como "sem religião" (cerca de 12% da população), o que aponta para um processo de secularização que acompanha uma tendência observada em outros países. Esse movimento também pode estar relacionado a uma busca mais individualizada por espiritualidade, distante das instituições religiosas tradicionais. Nesse segmento, encontramos desde ateus e agnósticos até pessoas que se consideram espirituais, mas que não seguem uma religião institucionalizada.

O catolicismo ainda é a religião com o maior número de adeptos no país, mas segue em queda. Em 2022, 50% da população brasileira declarou-se católica, uma

²⁸© Tânia Rêgo/Agência Brasil

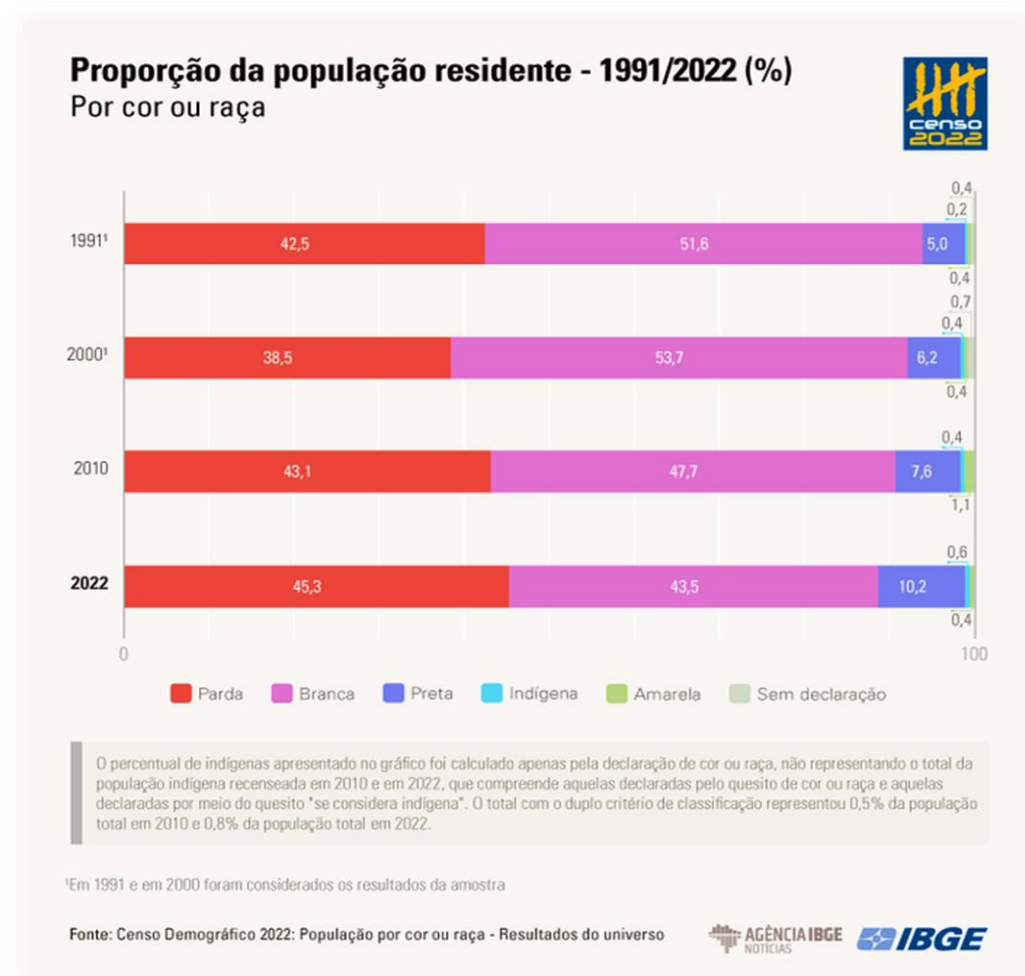
redução expressiva em relação a décadas anteriores. Por outro lado, os evangélicos continuam crescendo e já representam 31% da população, consolidando-se como o segundo maior grupo religioso do Brasil. Esse crescimento pode ser atribuído a diversos fatores, como a presença marcante nas mídias, o trabalho social em comunidades periféricas e rurais, além da identificação com valores conservadores que dialogam com parte da população. É importante lembrar, no entanto, que o campo evangélico é bastante diverso, composto por diferentes denominações, com rituais e teologias variadas.

O espiritismo permanece com presença significativa, abrangendo 4,4% dos brasileiros. Já as religiões de matriz africana — como o Candomblé e a Umbanda — aparecem com 0,3%, número que possivelmente não reflete com exatidão a real presença dessas tradições na sociedade. Outras crenças — como as religiões orientais (budismo, hinduísmo), tradições indígenas e algumas denominações cristãs — foram agrupadas na categoria “outras religiões”.

Tendências e interpretações

Esses dados revelam transformações sociais e culturais profundas. A queda do catolicismo, por exemplo, já vinha sendo observada em censos anteriores e reflete o avanço da pluralização religiosa no Brasil. O crescimento das igrejas evangélicas, por sua vez, confirma uma tendência de reorganização do campo religioso, com forte presença nos espaços sociais e políticos. Já o aumento do número de pessoas sem religião evidencia mudanças na forma como muitos brasileiros vivenciam a fé e a espiritualidade na contemporaneidade.

Figura 4 – Distribuição da população por raça



Fonte: Agência Brasil (2023)²⁹

É possível perceber no gráfico acima o crescimento da autodeclaração de Pardos e Pretos, o que consequentemente influenciou na declaração da religiosidade no Brasil no Censo 2022.

Essa mudança tem impactos diretos na identificação religiosa, especialmente considerando o vínculo histórico e cultural entre identidade étnico-racial e as religiões de matriz africana. Ainda assim, essas tradições continuam subnotificadas. Muitas vezes, o medo da intolerância ou o preconceito levam os praticantes a omitirem sua crença no momento do recenseamento. Além disso, o sincretismo religioso — bastante presente na cultura brasileira — torna mais complexa a categorização das práticas religiosas. Há quem

²⁹ AGENCIAGOV. Censo 2022 mostra que 45% da população brasileira é parda e 43% é branca. <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202312/censo-2022-mostra-que-45-da-populacao-brasileira-e-pardos-e-43-5-branca>. Acesso em 11 de setembro de 2025.

participe, por exemplo, de rituais da Umbanda, frequente missas católicas e ainda mantenha elementos do espiritismo em sua vivência cotidiana.

A diversidade e o reconhecimento das minorias religiosas

As religiões de matriz africana, mesmo representando uma parcela pequena da população segundo os dados oficiais, desempenham um papel central na história e na cultura do Brasil, especialmente em estados como a Bahia e o Rio de Janeiro. Sua presença se manifesta na música, na culinária, nas festas populares e em diversas expressões artísticas. No entanto, essas tradições continuam sendo alvo de discriminação e enfrentam múltiplos desafios. A intolerância religiosa se expressa em ataques a terreiros, perseguições simbólicas e restrições impostas em diferentes espaços sociais. Trata-se de um problema grave, que evidencia o racismo estrutural ainda presente na sociedade brasileira.

Essa subnotificação do número de praticantes das religiões de matriz africana se torna ainda mais significativa quando se observa a composição étnico-racial do país. O Censo 2022³⁰ revelou que 45,3% da população se declarou pardos, 43,5% brancos, 10,2% pretos, 0,8% indígenas e 0,4% amarelos. Esses dados reforçam a necessidade de olhar para a religiosidade brasileira considerando as interseções com a raça e a cultura. O possível apagamento de religiões afro-brasileiras nos dados censitários pode ser entendido, em parte, como reflexo das desigualdades históricas que ainda afetam esses grupos/ racismo estrutural.

Intolerância religiosa e desafios contemporâneos

As religiões de matriz africana figuram entre as que mais sofrem com a intolerância religiosa no Brasil³¹, enfrentando ataques a terreiros, perseguições simbólicas e práticas discriminatórias em espaços públicos e privados. Tal cenário reforça a urgência de políticas públicas que promovam a liberdade religiosa, a valorização das tradições minoritárias e a convivência pacífica entre diferentes grupos.

³⁰ BELANDI, Caio; GOMES, Irene. *Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda..> acesso em 11 de setembro de 2025.

³¹PUFF Jefferson. *Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?* BBC Brasil, Rio de Janeiro, 21 janeiro 2016. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm. Acesso em 11 de setembro de 2025.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar as políticas públicas de valorização da liberdade religiosa e de reconhecimento das tradições minoritárias. A promoção de uma cultura de respeito, que compreenda a diversidade como valor, é um passo essencial para fortalecer a convivência democrática. O Brasil é, inegavelmente, um país de muitas fés — e essas múltiplas expressões devem ser vistas não como obstáculo, mas como riqueza.

Os dados do Censo 2022 evidenciam que o Brasil é um país com uma ampla e complexa diversidade religiosa. Essa pluralidade deve ser compreendida e valorizada como parte constitutiva da identidade nacional. Para além dos percentuais numéricos, é necessário reconhecer as histórias, os saberes, as práticas e os desafios enfrentados por cada grupo religioso.

Assim, promover a pluridiversidade religiosa, seja no campo educacional ou social, não é apenas um gesto de tolerância: é um compromisso ético com a dignidade humana e com o direito à diferença.

2.4 - A pluridiversidade religiosa e os marcos legais

Embora o Estado brasileiro seja oficialmente laico, conforme disposto na Constituição Federal de 1988, artigo 5º, inciso VI, o período de 2018 a 2022 foi marcado por tentativas de imposição de uma hegemonia religiosa no país. No entanto, é fundamental destacar que o Estado não deve favorecer nem restringir a manifestação de qualquer religião, crença ou visão filosófica, garantindo a liberdade de consciência e de crença, bem como o direito de professar livremente convicções religiosas ou não religiosas, desde que juridicamente protegidas.

Analisar filosoficamente esse cenário e evidenciar possibilidades de diálogo inter-religioso constituiu desafios desta pesquisa aplicada em ambiente escolar, onde foi possível observar o impacto negativo de determinadas influências políticas sobre os jovens.

No que se refere ao arcabouço legal acerca da intersecção religião e educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), em seu Título II — Dos Princípios e Fins da Educação Nacional — (BRASIL, 2018), estabelece que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

- III – Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV – Respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V – Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI – Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII – Valorização do profissional da educação escolar;
- VIII – Gestão democrática do ensino público, na forma da lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX – Garantia de padrão de qualidade;
- X – Valorização da experiência extraescolar;
- XI – Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

À luz do princípio IV da LDB, é possível afirmar que a escola constitui um espaço privilegiado para o ensino e a vivência da tolerância em seus múltiplos aspectos. Nesse sentido, compreende-se que a abordagem filosófica pode contribuir significativamente para o processo de construção identitária dos estudantes, promovendo o desenvolvimento do senso crítico, da sensibilidade humana e da capacidade de convivência em uma sociedade plural. Tais habilidades são fundamentais para a consolidação de uma sociedade mais justa, equitativa e respeitosa no tocante à diversidade étnico-racial, cultural e religiosa.

A disciplina de filosofia, inserida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, tem como objetivo central promover uma formação humana integral. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essa área busca oferecer uma nova perspectiva para os processos de ensino-aprendizagem na educação básica, reunindo os componentes curriculares de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Essa concepção está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e com a Lei nº 14.945/2024.

Dentre os Temas Contemporâneos Transversais propostos pela BNCC, destacam-se aqueles diretamente relacionados à proposta desta pesquisa no âmbito da Filosofia:

Educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº 1/2012);

Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008; Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004); Saúde, vida familiar e social, educação para o consumo,

educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010).

O Ensino de Filosofia, nesse contexto, assume o papel de conduzir os estudantes ao exercício do pensamento independente, reflexivo e crítico, favorecendo uma formação humanística e menos suscetível ao preconceito. Em uma conferência proferida em Praga, em 1935, Martin Buber afirmou que os jovens muitas vezes acreditam que o preconceito é típico de pessoas mais velhas e experientes. No entanto, essa percepção não é precisa. Segundo o filósofo, o preconceito não é resultado da experiência vivida em si, mas sim da rigidez de quem transforma vivências em certezas inquestionáveis, recusando-se a aprender com novas experiências. Conforme Buber (1978b, p. 123), o preconceituoso "não quer se submeter a nenhuma outra experiência, senão àquela que respeita suas posições já adotadas".

O Referencial Curricular Amazonense (RCA,2019) apresenta a Filosofia como componente curricular que conduz o estudante à oportunidade de desenvolver um pensamento independente e crítico, isto é, um pensamento que permite o aluno experimentar uma reflexão individual num ambiente coletivo. É preciso dar oportunidade aos alunos no desenvolvimento da criticidade nas atitudes e comportamentos enquanto seres existenciais.

Assim, o Referencial Curricular Amazonense (RCA), referente a área Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, relaciona-se com a Proposta Pedagógica Curricular (PCP, 2022) que está estruturada em seis Competências Específicas correlacionados com as dez Competências básicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC,2018). Nessa estrutura, temos quarenta e seis (46) habilidades a serem trabalhadas ao longo do ensino médio, sendo quatorze (14) exclusivas para o Amazonas, identificadas com a sigla AM no final do código alfanumérico (RCA, 2019).

Dentro das competências específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, três delas merecem destaque quanto ao componente curricular Filosofia, a saber, competências 1, 5 e 6; e as Habilidades do bloco EM13CHS101:

Competência 1 (C01): Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Habilidade (EM13CHS101): Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos, históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Competência 5 (C05): Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os direitos humanos.

Habilidade (EM13CHS502): Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc. desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Competência 6 (C06): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade

Habilidade (EM13CHS605): Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

CAPÍTULO 3

PRÁTICAS E VIVÊNCIAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS QUE PROMOVEM O RESPEITO À PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA

Este capítulo apresenta o conjunto de práticas e vivências educativas desenvolvidas ao longo da pesquisa, as quais tiveram como finalidade promover respeito à pluridiversidade religiosa no contexto escolar, a partir da filosofia do encontro de Martin Buber. As atividades aqui descritas foram concebidas como experiências dialógicas e formativas, voltadas à construção de uma cultura de convivência, escuta ativa e reconhecimento mútuo entre os sujeitos.

A proposta de abordar práticas e vivências dialógicas parte da compreensão de que o diálogo é o eixo estruturante da formação humana e o caminho privilegiado para o encontro com o outro, especialmente em contextos marcados pela diversidade religiosa. Nesse sentido, o capítulo foi organizado de modo a contemplar diferentes dimensões do processo educativo vivenciado: inicialmente, as práticas e vivências dialógicas são discutidas enquanto fundamento pedagógico e filosófico da proposta; em seguida, exploram-se as rodas de conversas como espaços concretos de encontro e troca de saberes; posteriormente, apresenta-se o registro das atividades e a produção do *podcast*, compreendidos como recursos de expressão e reflexão coletiva; e, por fim, os relatos de experiência na produção do *podcast* e dos estudantes participantes, que expressam o sentido vivido do diálogo inter-religioso na escola.

Do ponto de vista metodológico, este capítulo resulta de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na escuta ativa e das experiências realizadas. O processo envolveu o acompanhamento das práticas educativas desenvolvidas com os estudantes e professores, o registro das atividades em diferentes formatos (escritos, fotográficos e sonoros) e a produção colaborativa de um *podcast* sobre pluridiversidade religiosa na escola. Essa metodologia dialógica e experiencial possibilitou compreender como as relações interpessoais e o reconhecimento da alteridade podem se traduzir em práticas pedagógicas concretas que fortalecem o respeito e a convivência plural.

As seções desse capítulo articulam teoria e prática, mostrando como a filosofia do encontro de Buber pode se traduzir em ações educativas que valorizam a alteridade e a pluralidade de crenças. As experiências relatadas não se restringem à dimensão teórica, mas manifestam a potência do diálogo como prática formadora e transformadora no cotidiano escolar, reafirmando que o respeito à pluridiversidade religiosa nasce do

reconhecimento do outro em sua singularidade e da disposição para o encontro verdadeiro.

3. 1 – Práticas e vivências dialógicas

Baseado na filosofia do encontro de Martin Buber, o diálogo é entendido como uma interação interativa e respeitosa, em que cada participante se abre ao outro sem preconceitos ou expectativas de assimilação. No ambiente escolar, essa abordagem pode transformar o espaço educativo em um local de troca de saberes, onde as diferentes opiniões e tradições religiosas não apenas coexistem, mas se complementam por meio do diálogo.

As práticas dialógicas incluem atividades que incentivam a escuta ativa, a reflexão compartilhada e a livre expressão de ideias e sentimentos, sempre dentro de um espírito de respeito mútuo. A proposta é criar um ambiente de convivência em que a diversidade religiosa seja compreendida como parte da riqueza do coletivo escolar. Assim, as vivências dialógicas tornam-se fundamentais para a formação de sujeitos capazes de respeitar e valorizar o outro, em sua alteridade.

A implementação dessas práticas envolve a criação de espaços de diálogo estruturados, como rodas de conversas, debates, projetos interdisciplinares e reflexões em grupo. O objetivo é estimular o encontro entre diferentes “eus” e “tus”, como propõe Buber, onde cada indivíduo pode se manifestar em sua singularidade, enquanto se abre para entender o ponto de vista do outro. Por meio dessas vivências, os alunos não apenas aprendem sobre outras religiões, mas também desenvolvem uma postura ética de abertura e respeito, essencial para a convivência harmoniosa e humana.

As Vivências Dialógicas realizadas nas turmas do Ensino Médio criaram momentos de escuta ativa bastante significativos. O momento de fala e escuta do face a face foi marcante para todos os envolvidos, pois trouxe questões que eles tinham como “verdades absolutas” e que, no momento do diálogo, do verdadeiro encontro com o outro, têm-se a percepção que “clareia” essas “verdades”, ou seja, cada indivíduo que participou dessas vivências se predispôs a ouvir atentamente o outro; pode experienciar o verdadeiro encontro, o verdadeiro diálogo. Segundo Buber (2001), o encontro **eu-tu** possibilita que cada indivíduo se apresente em sua plenitude e especificidade. Nessa dinâmica não se fazem presentes ilusões ou bloqueios, mas sim a legitimidade da identidade de cada um.

Ao realizarmos esses momentos, compreendemos que as práticas dialógicas não se limitam a uma metodologia pedagógica, mas se configuram como uma verdadeira

experiência existencial no interior da escola. O encontro proposto por Buber não é mero intercâmbio de informações, mas a possibilidade de que os sujeitos se percebam como seres em relação, onde a palavra não é apenas instrumento de comunicação, mas mediação de presença. Quando o professor e os estudantes se colocam em diálogo, instaura-se uma dinâmica que rompe a lógica de transmissão unilateral do conhecimento e abre caminho para a construção conjunta de sentidos.

Nesse contexto, a pluridiversidade religiosa não é tratada como obstáculo, mas como oportunidade pedagógica. O espaço escolar passa a ser compreendido como um “entre” – termo caro a Buber – em que a singularidade de cada tradição ou visão de mundo encontra-se com a alteridade, produzindo reconhecimento e enriquecimento mútuo. As diferenças não são apagadas, mas acolhidas como partes constitutivas do coletivo. A escola/sala de aula portanto, pode se tornar um lugar de ensaio para a vida em sociedade, em que o respeito à pluralidade se concretiza em experiências reais de escuta e de corresponsabilidade.

Vale destacar que, para Buber (2001), a autenticidade do diálogo só acontece quando cada sujeito se oferece ao outro sem reservas, permitindo que surja uma relação ética marcada pela reciprocidade. Isso significa que a vivência dialógica não se reduz a um simples exercício de tolerância, mas exige disponibilidade interior para acolher o diferente como legítimo em sua dignidade. Tal exigência confere ao diálogo um caráter formativo profundo: ao mesmo tempo em que promove aprendizagens cognitivas, desenvolve competências socioemocionais, como empatia, solidariedade e abertura para a alteridade.

Assim, as práticas e vivências dialógicas, inspiradas na filosofia do encontro, revelam-se como caminho fértil para a construção de uma educação humanizadora, em consonância com a perspectiva de Paulo Freire, que também enfatiza o diálogo como fundamento da pedagogia da libertação. No diálogo genuíno, educadores e educandos se reconhecem como sujeitos inacabados e aprendentes, e é nesse processo de reconhecimento que a escola pode efetivamente contribuir para a formação de cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a convivência pacífica em meio à diversidade.

3.2 – As rodas de conversas e o encontro com o outro

A prática das rodas de apresenta-se como uma metodologia essencial para o desenvolvimento do diálogo e da compreensão entre alunos de diferentes opiniões e tradições religiosas. Inspirada pela filosofia do encontro de Martin Buber, essa prática

pedagógica promove um espaço de abertura para que os indivíduos possam interagir de maneira genuína, ou seja, onde cada pessoa é vista e ouvida em sua singularidade, sem que haja a imposição de julgamentos ou preconceitos.

As rodas de conversas funcionam como um ambiente seguro e democrático, onde todos os participantes têm a oportunidade de falar e ouvir ativamente. Essa metodologia incentiva a expressão de pensamentos e sentimentos, permitindo que os alunos compartilhem suas experiências religiosas e culturais, enquanto vivenciam as experiências de outros. Para Buber (2001) o encontro verdadeiro só ocorre quando há uma disposição de se relacionar com o outro como um "Tu", regularizando sua individualidade e seu valor, sem reduzi-lo a um simples "Ele".

A prática dessas rodas facilita o que Zuben chama de diálogo genuíno (Zuben *apud* Buber, 2001, p. 39), pois, durante as rodas, surgem oportunidades para que os estudantes reflitam sobre suas próprias ideias à luz das opiniões dos outros, criando um ambiente empático e de reflexão crítica. Além disso, essas conversas favorecem a desconstrução de estereótipos e preconceitos, que muitas vezes surgem quanto à diversidade religiosa, promovendo o diálogo inter-religioso e fortalecendo o ambiente escolar como um espaço de diversidade. Por meio do encontro com o outro, os alunos se envolvem em processos de transformação pessoal, desenvolvendo habilidades de convivência importantes para a formação de uma sociedade mais tolerante.

Dessa forma, as rodas de conversa não apenas cumprem uma função pedagógica, mas também ética e social, pois contribuem para a formação de sujeitos capazes de reconhecer a dignidade do outro e de exercitar a convivência em um mundo plural. A experiência de expor e escutar diferentes perspectivas permitiu aos estudantes perceberem que a diversidade não é ameaça, mas possibilidade de enriquecimento mútuo. Essa tomada de consciência reflete diretamente no cotidiano escolar, reduzindo situações de intolerância (não somente religiosa) e promovendo relações mais solidárias.

É importante ressaltar que a eficácia dessa metodologia depende da mediação cuidadosa do professor, que deve assumir uma postura de facilitador do diálogo e não de detentor exclusivo do saber. Inspirado pela filosofia buberiana, o educador se coloca no círculo como parte integrante da experiência, disposto a aprender junto com os alunos. Nessa perspectiva, o professor se torna também um sujeito do encontro, alguém que se abre ao diálogo e que estimula nos estudantes a mesma abertura. Assim, a autoridade docente não é anulada, mas ressignificada como serviço ao crescimento coletivo.

Além disso, as rodas de conversa funcionam como uma oportunidade para desenvolver nos alunos habilidades socioemocionais fundamentais, como empatia, respeito às diferenças e capacidade de argumentar sem hostilizar. Essas competências, valorizadas tanto pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) quanto pelo Referencial Curricular Amazonense (Amazonas, 2019), são essenciais para que a escola forme cidadãos conscientes de sua responsabilidade no fortalecimento de uma cultura de paz.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as rodas de conversa materializam, no ambiente escolar/sala de aula, a proposta de Buber de uma educação voltada para a comunidade. Ao promoverem o encontro autêntico, essas práticas favorecem não apenas o aprendizado acadêmico, mas também a vivência de valores humanos e espirituais, como a solidariedade, o respeito e a abertura à alteridade. A escola, então, deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e se torna um verdadeiro laboratório de convivência democrática, onde cada voz encontra lugar e cada identidade é reconhecida em sua singularidade.

3.2.1 – O registro das atividades e a produção do *podcast*

O registro das rodas de conversas e outras práticas educativas dialógicas permite que as reflexões e aprendizagens dos alunos não se percam, tornando-se material de consulta, avaliação e divulgação de ideias. Além disso, o uso de ferramentas multimídias, como os *podcasts*, amplia o alcance dessas experiências, permitindo que elas ultrapassem o espaço da sala de aula.

O registro das atividades, seja em forma de anotações, vídeos ou áudios, oferece a possibilidade de reflexão sobre o processo educacional de maneira mais profunda.

Quando os alunos participam do registro, eles se tornam protagonistas de suas próprias experiências de aprendizagem, o que fortalece a construção de uma consciência crítica sobre a importância do respeito à pluridiversidade religiosa. Essas reflexões, posteriormente, podem ser utilizadas para discutir o impacto das práticas dialógicas e identificar áreas que precisam de maior atenção ou aprimoramento.

A produção de *podcasts*, em particular, se apresenta como uma ferramenta poderosa para compartilhar as experiências e vivências educativas discutidas nas rodas de conversas. Os *podcasts* permitem que as reflexões sobre a diversidade religiosa e o diálogo inter-religioso sejam disseminados de maneira acessível e criativa, alcançando não apenas a comunidade escolar, mas também as famílias e outros educadores.

Ao gravar e editar os *podcasts*, os alunos podem organizar seus pensamentos, consolidar o aprendizado e desenvolver habilidades de comunicação, como a expressão clara de ideias e o respeito ao tempo de fala do outro. Esse processo envolve um compromisso coletivo, em que cada voz é importante, e no qual os alunos aprendem a trabalhar colaborativamente para transmitir mensagens que promovem o respeito e a alteridade. Além disso, os *podcasts* podem servir como uma forma de diálogo contínuo, permitindo que as discussões e reflexões evoluam com o tempo. Eles também incentivam a participação ativa dos alunos em um formato que é atraente e adaptado às tecnologias contemporâneas, engajando-os de maneira significativa no debate sobre a pluridiversidade religiosa.

Uma vez que o ambiente de sala de aula e o próprio ambiente escolar são bastante dinâmicos (e, porque não dizer, barulhentos) o que inviabiliza a gravação do *podcast*, passamos a analisar as possibilidades da escolha do local para a gravação por conta da qualidade do material produzido. Optou-se por ambientes mais silenciosos (no caso, um estúdio de gravação), que proporcionassem condições adequadas para a captação de áudio e, ao mesmo tempo, favorecessem a concentração dos participantes. Esse cuidado técnico se mostrou essencial não apenas para a clareza da gravação, mas também para a criação de um ambiente propício ao diálogo, no qual os estudantes se sentissem à vontade para expor suas ideias.

Sob a ótica da filosofia do encontro de Buber (2001), o registro das vozes dos estudantes não é apenas um recurso metodológico, mas uma forma de preservar a presença que se manifesta no diálogo. Ao serem gravados, os relatos e reflexões tornam-se memória viva da experiência, possibilitando que outros sujeitos — dentro e fora da escola — também participem, ainda que indiretamente, desse encontro. Assim, os *podcasts* funcionam como prolongamento da relação “Eu-Tu”, estendendo no tempo e no espaço a possibilidade de diálogo.

Além disso, a escuta posterior das gravações permitiu aos próprios alunos revisitarem suas falas e as dos colegas, exercitando um olhar crítico sobre o que foi dito. Esse movimento de retorno favorece a metacognição, isto é, a capacidade de refletir sobre os próprios processos de pensamento e aprendizado. Em outras palavras, o registro não congela o diálogo, mas o reanima, convidando à reflexão contínua e ao aprimoramento das práticas educativas.

A produção dos *podcasts* também possibilitou a integração entre diferentes áreas do conhecimento, como Língua Portuguesa, Filosofia, História e Sociologia,

transformando-se em uma atividade interdisciplinar. Esse caráter integrador reforça a visão de Buber de que a educação deve estar ancorada na vida comunitária, em experiências que promovam o encontro real entre pessoas e saberes. Mais do que uma prática pedagógica inovadora, a gravação dos *podcasts* revelou-se como uma ação concreta de formação para a cidadania, pois mobilizou competências de escuta, cooperação, criatividade e respeito ao outro.

Por fim, é importante destacar que a circulação dos *podcasts* para além da escola possibilitou a ampliação do diálogo com a comunidade. Pais, familiares e demais membros da sociedade podem ter acesso às reflexões produzidas pelos estudantes através das plataformas digitais (*spotify*) e páginas da escola fortalecendo o papel da escola como espaço de mediação cultural e de promoção da convivência democrática. Nesse sentido, o registro das práticas e a produção dos *podcasts* não apenas documentaram experiências, mas se tornaram instrumentos de transformação social, ao divulgar valores de respeito, alteridade e reconhecimento mútuo.

3.3 - Relato de experiência: produção do *podcast* sobre pluridiversidade religiosa na escola

Como parte das atividades e do desenvolvimento desta pesquisa, realizei a produção de um *podcast* educativo com a participação de alguns estudantes do Ensino Médio, dentre os quais, representantes do Grêmio Estudantil com o objetivo de promover uma reflexão sobre a pluridiversidade religiosa no ambiente escolar. Essa atividade foi concebida não apenas como um recurso didático, mas, sobretudo, como uma estratégia metodológica capaz de fomentar o diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva de saberes em torno do tema alinhada aos princípios da Filosofia do Encontro, de Martin Buber.

A elaboração do *podcast* exigiu um processo de planejamento que envolveu desde a definição dos objetivos pedagógicos; organização do roteiro; dos representantes religiosos que seriam entrevistados pelos alunos e a escolha das perguntas que nortearam a conversa. Busquei construir um espaço de fala e de escuta, por meio das rodas de conversas realizadas nas salas de aula, que valorizasse a participação dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos de saber, capazes de refletir criticamente sobre a realidade que vivenciam.

Durante a gravação, optamos por utilizar na fala dos estudantes nomes fictícios. Foi possível observar ainda, que os estudantes demonstraram grande interesse em

compreender as diferentes manifestações religiosas e refletir sobre seus próprios conceitos e preconceitos. As falas evidenciaram que, muitas vezes, a falta de informação e de espaços de diálogo favorecem a reprodução de estereótipos, a intolerância e a indiferença diante das crenças e práticas religiosas que diferem das suas.

A experiência revelou-se extremamente significativa, pois proporcionou não apenas um momento de aprendizagem, mas também de sensibilização. O diálogo inter-religioso, promovido por meio da atividade, permitiu que os estudantes ressignificassem suas compreensões sobre o que é a pluridiversidade religiosa e reconhecessem a importância do respeito às diferenças no contexto escolar e na sociedade como um todo. A disponibilização aos professores, estudantes, comunidade escolar e comunidade em geral do *podcast* facilitou bastante o acesso a essa informação.

Ao final da atividade, os relatos dos participantes demonstraram uma mudança perceptível na forma como passaram a compreender o outro e a própria diversidade presente no cotidiano escolar. Os estudantes passaram a compreender que a pluridiversidade religiosa não significa apenas reconhecer a existência de diferentes tradições de fé, mas, sobretudo, desenvolver uma postura ética de respeito, de empatia e de aceitação da alteridade. Entenderam também que a tolerância não se limita a "suportar" o outro, mas envolve o reconhecimento da legitimidade de suas crenças e práticas, mesmo que sejam diferentes das suas próprias.

Do ponto de vista acadêmico e formativo, essa vivência prática, portanto, reafirma a importância de metodologias que valorizem o protagonismo discente, a escuta ativa e o desenvolvimento de competências socioemocionais, éticas e cidadãs. A realização do *podcast* confirmou ainda a importância de práticas pedagógicas dialógicas e participativas na abordagem de temas sensíveis e, muitas vezes, negligenciados no espaço escolar. A experiência também reforçou a compreensão de que o Ensino de Filosofia — enquanto campo privilegiado da reflexão crítica e ética — pode e deve atuar na promoção de espaços de encontro, de escuta e de reconhecimento da pluralidade, contribuindo efetivamente para a construção de uma educação humanizadora, inclusiva e comprometida com os direitos humanos.

Portanto, a realização do *podcast* não apenas dialoga com os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa, como também se consolida como uma prática concreta que demonstra a viabilidade e a relevância de se trabalhar a pluridiversidade religiosa no ambiente escolar, a partir de uma perspectiva que valoriza o diálogo, a empatia e o respeito mútuo.

Por fim, é possível afirmar que esta experiência não apenas validou as escolhas teóricas e metodológicas desta pesquisa, como também se apresentou como um exemplo concreto da aplicabilidade dos pressupostos da filosofia do encontro no ambiente escolar. O *podcast*, enquanto prática pedagógica, materializa o exercício do encontro, da escuta e do reconhecimento da alteridade, elementos fundamentais para a promoção de uma educação que verdadeiramente contribua para a formação de sujeitos críticos, éticos e sensíveis à pluralidade que compõem a sociedade contemporânea. Além disso, o *podcast* viabiliza o registro e a divulgação de atividades pedagógicas que podem contribuir com a formação de outros estudantes.

3.3.1 - Relato de experiência dos estudantes participantes da gravação do *podcast*

No dia da gravação do *podcast* sobre pluridiversidade religiosa na Escola, os estudantes do Ensino Médio tiveram a oportunidade de participar de uma roda de conversa com representantes de diferentes tradições religiosas. Esse encontro possibilitou reflexões profundas sobre respeito, tolerância e diálogo inter-religioso.

Após a gravação, foi proposto aos participantes que respondessem à seguinte pergunta:

"De que maneira essa experiência contribuiu para o aprofundamento do entendimento de vocês sobre o que é pluridiversidade religiosa, bem como sobre os princípios da tolerância e do diálogo inter-religioso? Quais reflexões e impressões ficaram após a gravação?"

 Raiane (nome fictício), 16 anos:

"Para mim, participar do podcast foi muito importante, porque eu percebi que muitas vezes a gente tem uma ideia errada sobre religiões diferentes da nossa. Aprendi que pluridiversidade religiosa é sobre conviver com as diferenças, sem precisar concordar, mas sempre respeitando."

 Amós (nome fictício), 17 anos:

"Eu nunca tinha parado para pensar no quanto a intolerância ainda está presente no nosso dia a dia. Gravar esse podcast me fez entender que o diálogo é o caminho para quebrar preconceitos e construir uma convivência mais justa na escola e fora dela."

 Thaís(nome fictício), 16 anos:

"Eu achei muito legal ouvir as falas dos representantes das religiões. Antes eu nem sabia direito o que era diálogo inter-religioso. Agora entendo que é sobre ouvir, aprender e respeitar, sem querer mudar o outro. Isso me marcou muito."

 Everton(nome fictício), 17 anos:

"Foi uma experiência diferente e necessária. Muitas vezes a gente só conhece a própria religião e acha que ela é a única certa. O podcast me ensinou que a pluridiversidade é reconhecer que existem várias crenças, e que todas merecem respeito."

 Yasmin(nome fictício), 15 anos:

"Eu saí da gravação refletindo muito. A gente percebe que falta muito esse tipo de conversa na escola. Para mim, agora ficou mais claro que tolerância não é só aceitar, mas também se colocar no lugar do outro, entender suas histórias e tradições."

 Emanuelle(nome fictício), 16 anos:

"Eu percebi que, quando a gente não conhece, a gente julga. E conhecer é libertador. Aprender sobre outras religiões no podcast me fez ver que o mundo é muito maior do que a nossa própria bolha. O respeito começa no conhecimento."

 Clara (nome fictício), 17 anos:

"Sabe, eu achei que fosse só mais uma atividade da escola, mas foi muito mais que isso. Me fez entender que o diálogo inter-religioso é algo que deveria acontecer sempre, não só em projetos, mas no nosso dia a dia, dentro e fora da escola."

 Zilda(nome fictício), 17 anos:

"Eu achei muito legal poder falar sobre isso e ouvir pessoas de religiões diferentes. Nunca tinha pensado tanto sobre a importância do respeito às diferenças. Agora eu vejo que viver a pluridiversidade é fundamental para termos uma sociedade mais justa e sem preconceitos."

As falas desses estudantes mostram que, quando há espaço para o diálogo e o encontro, surgem reflexões que transformam não só a visão de mundo, mas também as relações dentro da escola e na sociedade. Falar sobre pluridiversidade religiosa é, acima de tudo, um exercício de humanidade, empatia e construção de um mundo mais justo e acolhedor.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como propósito refletir sobre os desafios e as possibilidades da presença da pluridiversidade religiosa no ambiente escolar, tomando o Ensino de Filosofia na Educação Básica como espaço privilegiado para o exercício do respeito, do diálogo e da escuta ativa. A partir da filosofia do encontro de Martin Buber, especialmente da noção da relação “Eu-Tu”, buscou-se compreender de que modo as experiências dialógicas podem se constituir como um caminho potente para a construção de práticas educativas comprometidas com o reconhecimento da alteridade religiosa e com a formação ética dos estudantes em uma sociedade tão plural.

Ao longo da pesquisa, foi possível verificar que o pensamento buberiano oferece um referencial ético e pedagógico fecundo para repensar o papel da escola como uma comunidade viva, na qual o encontro entre sujeitos se transforma em possibilidade concreta de aprendizagem e de humanização. A reflexão sobre a trajetória do autor e os fundamentos de sua filosofia evidenciou que o reconhecimento do outro não é apenas um conceito teórico, mas uma exigência existencial e moral que desafia o cotidiano escolar e provoca o educador a assumir uma postura dialógica diante da diferença.

Nesse horizonte, a pluridiversidade religiosa foi compreendida como uma realidade constitutiva no contexto brasileiro e, portanto, da própria escola. A análise das múltiplas manifestações de fé e ateias presentes no ambiente educativo permitiu destacar o papel do Ensino de Filosofia na formação de sujeitos capazes de dialogar com o diverso e de respeitar as distintas expressões do sagrado. Além disso, a consideração dos aspectos legais que sustentam a presença da filosofia no currículo e os dados sobre a diversidade religiosa no país reforçaram a urgência de uma educação que valorize a convivência plural e combata toda forma de intolerância.

As práticas educativas desenvolvidas durante a pesquisa — como as rodas de conversas e a produção do *podcast* com os estudantes do ensino médio — concretizaram, de forma vivencial, os princípios dialógicos discutidos ao longo do trabalho. Essas experiências mostraram que o diálogo, quando vivido autenticamente, é capaz de romper barreiras simbólicas e promover o encontro real entre diferentes formas de compreender o mundo. A escola, nesse sentido, revela-se como um espaço privilegiado de encontro e de construção coletiva do saber, quando se abre para a escutar e reconhecer a singularidade de cada sujeito.

Os resultados obtidos indicam que a filosofia do encontro de Martin Buber oferece uma contribuição significativa ao Ensino de Filosofia, sobretudo diante dos desafios impostos pela pluridiversidade religiosa no contexto escolar. Ao reconhecer o outro como “Tu”, o educador se coloca diante da alteridade de maneira ética e sensível, abrindo-se à possibilidade de relações que transcendem o formalismo curricular e que favorecem a formação integral e cidadã dos estudantes.

Por fim, esta pesquisa não se encerra em si mesma. Ela se apresenta também como um convite à continuidade da reflexão e da prática, na expectativa de que novas experiências possam emergir e aprofundar o diálogo entre Filosofia, Educação e Diversidade, de modo que a escola siga sendo um espaço de encontro com o outro, em sua singularidade e dignidade, permitindo que o aprendizado se converta em crescimento humano, convivência solidária e construção de um mundo mais justo, plural e verdadeiramente humano.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. *Referencial Curricular Amazonense – Ensino Médio*. Manaus: Secretaria de Estado de Educação do Amazonas, 2019. Disponível em: http://www.cee.am.gov.br/?page_id=902 Acesso em: 05 out. 2024.

BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

BARTHOLO JR, Roberto. *Você e eu: Martin Buber, presença palavra*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2001.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). *Pesquisa Qualitativa: segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 abr. 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 09 abr. 2025.

BRASIL. *Lei nº 13.005*, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 09 abr. 2025.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB nº 2*, de 30 de janeiro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 jan. 2012.

BRASIL. *Resolução CNE/CP nº 2*, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implementação da Base Nacional Comum Curricular. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 09 abr. 2025.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben, 10ª Edição Revista. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Encontro: fragmentos autobiográficos*. Trad. de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Do diálogo e do dialógico*. Trad. Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982

_____. *O Caminho do homem: segundo o ensinamento chassídico*. Trad. Claudia Abeling; posfácio Albrecht Góes. São Paulo: É realizações, 2011.

_____. *El humanismo hebreo y nuestro tiempo*. Trad. del hebreo: Abraham Huberman. Trad. del inglês: Eleonora Dorfman. Buenos Aires: AMIA, 1978.

_____. *¿Qué es el hombre?* México: Fondo de Cultura Económica, 1967.

_____. *Sobre Comunidade*. (J. Guinsburg, Ed., & N. A. Zuben, Trad.) São Paulo: Perspectiva S.A., 1987

CENSO 2022. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202312/censo-2022-mostra-que-45-da-populacao-brasileira-e-pardos-e-43-5-branca>. Acesso em 07 de maio de 2025.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, p. 55-70. Buenos Aires: Clacso, 2005.

DUSSEL, Henrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt / Enrique Dussel; tradução Jaime A. Clasen. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.*

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRIEDMAN, Maurice. *Martin Buber's Life and Work*. Wayne State University Press, 1986.

GUILHERME, A.; MORGAN, W. J. *Refletindo sobre o Papel do Professor: Buber, Freire e Gur-Ze'ev*. Traduzido do original inglês por Ananyr Porto Fajardo. Educação & Realidade, 43 (3), 783 – 798.

HOLANDA, A. F. *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo, SP: Lemos, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2022: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 abr. 2025.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Tradução José de Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1961.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *O amor humano: seu sentido e alcance*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Introdução de The darker side of western modernity: global futures, decolonial options. *Revista Brasileira*

de Ciências Sociais [online]. 2017, v. 32, n. 94. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 de outubro, 2024:

MIGNOLO, W. D. *Histórias Locais / Projeto Globais* - Colonialidade, Saberes Subalternos. Editora UFMG. Minas Gerais, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de. *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). *Religião e educação: interfaces contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2013.

NUNES, J. A. O resgate da Epistemologia. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Porto São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290

PIOVEZANI, C. N. Religião e espaço público: o lugar das religiões afro-brasileiras. In: MACHADO, M. D. (Org.). *Religião e sociedade: ensaios sobre o Brasil contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 189-214.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1991.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *A diversidade religiosa brasileira vista sob a ótica do princípio pluralista*. Senso. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/diversidade-religiosa/a-diversidade-religiosa-brasileira-vista-sob-a-otica-do-principio-pluralista>. Acesso em: 05 de outubro de 2024.

RIBEIRO, Cristiane. *Votação em fotos do Censo 2022 está aberta ao público até sexta*: Concurso fotográfico premia imagens feitas pelos recenseadores, 2023. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/votacao-em-fotos-do-censo2022-esta-aberta-ao-publico-ate-sexta>. Acesso em 07 de maio de 2025.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. 1ª edição. Colômbia: Universidad del Cauca, 2010.

SANTIAGO, M Betânia do Nascimento. *Diálogo e Educação: o pensamento pedagógico em Martin Buber*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2008.

SANTOS, Boaventura. de Sousa. *Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro*. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16 set. 2004. 45 p. Disponível em <https://hdl.handle.net/10316/43227> Acesso em: 05 out. 2024.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, M. J., & BAPTISTA, C. S. *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor, 2011.

SOUZA, L. P. de. *Diversidade religiosa e intolerância no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVA, V. da. A pluralidade religiosa no Brasil contemporâneo: entre o respeito e a intolerância. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, n. 72, p. 1-20, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230072>.

SORJ, B. *A Nova Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SORJ, Bernardo. *A democracia inesperada: globalização, pluralismo e liberdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

TAVARES, Manuel. A Universidade e a pluridiversidade epistemológica: a construção do conhecimento em função de outros paradigmas epistemológicos não ocidentocêntricos. *Revista Lusófona de Educação*, 24. Lisboa-Portugal, 2013.

ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução. In: *Eu e Tu*. 10ª Edição Revista. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. São Paulo: EDUSC, 2003.

APÊNDICES

APENDICE A – Rodas de Conversas



Rodas de Conversas com
as turmas do Ensino médio

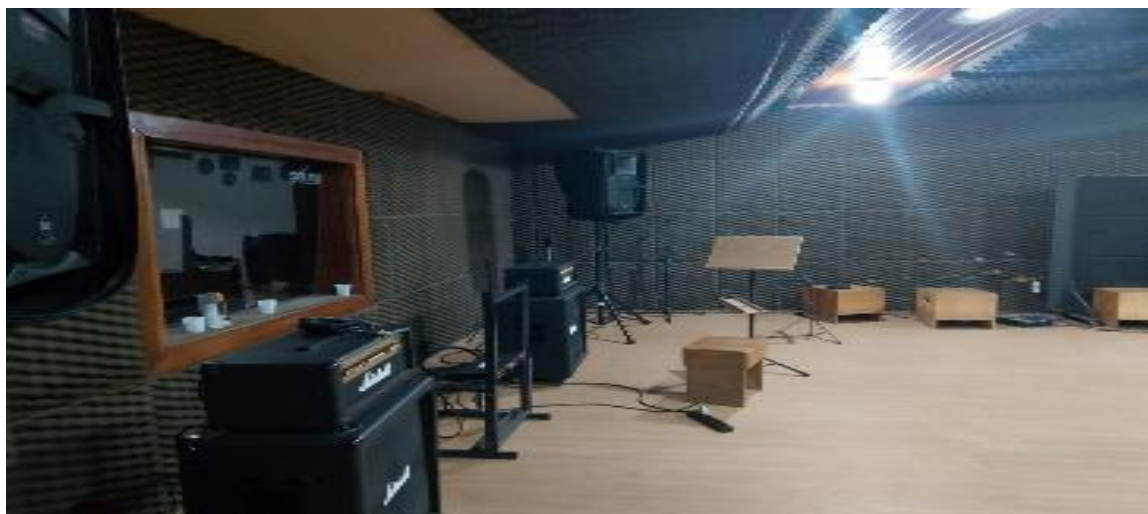


APENDICE B – Escuta Ativa



Fontr: Compilação da autora

APENDICE C – Estúdio de Gravação



Fonte: Compilação da autora

APÊNDICE D – Chegada dos alunos ao estúdio de gravação



Fonte: Compilação da autora

APÊNDICE E – Composição da mesa dos convidados



Fonte: Compilação da autora

APÊNDICE F – Conversa com a mestrandá e o babalorixá



Fonte: Compilação da autora

APÊNDICE G – Conversa com o padre e o pastor



Fonte: Compilação da autora

APÊNDICE H – Os entrevistadores



APÊNDICE I – Equipe que participou da gravação

APÊNDICE J – Convite para a gravação do *podcast*



CONVITE

GRAVAÇÃO DO PODCAST:

"PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO A PARTIR DA FILOSOFIA DO ENCONTRO DE MARTIN BUBER."

A MESTRANDA IRENE SILVA DE SOUSA SILVA TEM O PRAZER DE CONVIDÁ-LO PARA PARTICIPAR DA GRAVAÇÃO DE UM PODCAST QUE VISA PROMOVER UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RESPEITO À PLURALIDADE RELIGIOSA NO AMBIENTE ESCOLAR E O PAPEL DO ENSINO DE FILOSOFIA COMO UMA FERRAMENTA DE DIÁLOGO E ENCONTRO, INSPIRADO NA FILOSOFIA DO ENCONTRO DE MARTIN BUBER.

AS PARTICIPAÇÕES JÁ CONFIRMADAS INCLUEM REPRESENTANTES DE DIVERSAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS, COMO A IGREJA CATÓLICA, IGREJAS EVANGÉLICAS E CANDOMBLÉ. ALÉM DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO, PROFESSORES E OUTROS CONVIDADOS.

ESTE SERÁ UM ESPAÇO DE CONVERSA PAUTADO PELO RESPEITO, PELA ESCUTA ATIVA E PELA PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS, FOCANDO NA DIVERSIDADE DE CRENÇAS E VIVÊNCIAS RELIGIOSAS NO CONTEXTO ESCOLAR. SUA PRESENÇA SERÁ FUNDAMENTAL PARA ENRIQUECER ESTE MOMENTO DE DIÁLOGO E CONSTRUÇÃO COLETIVA!

 **Data:** 30 de maio de 2025

 **Horário:** 14h

 **Local:** Rua I, R. Guimarães Rosa, 208 - Conjunto Nova República, Distrito Industrial, Manaus - AM, 69077-813



MEDIADORA: PAULA BRENDA DE SOUSA SILVA (HISTORIADORA)



MESTRANDA: IRENE SILVA DE SOUSA SILVA



PADRE: JOSÉ REGINADO DE OLIVEIRA
PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO - LESTE



BABALORIXÁ: JURANDIR TY OXUM
ILÉ ASÉ YÁ OMIN' OKÉ



PASTOR: ANTONIO GENIVAL DA SILVA
IGREJA PENTECOSTAL UNIDA DO BRASIL








APÊNDICE K – Roteiro da gravação do *podcast*

Abertura: Música de Abertura: Forja da vitória

 <https://pixabay.com/music/beats-intro-184995/>

 Apresentador(a): Olá, Sejam muito bem-vindo(a)s ao nosso *podcast*!

 Apresentador(a): Hoje, temos um episódio especial com o Tema: 'Pluridiversidade Religiosa na Escola: Uma contribuição para o Ensino de Filosofia no nível médio a partir da Filosofia do Encontro de Martin Buber.'

 Apresentador(a): Nesse episódio, vamos conversar sobre Como o ambiente escolar pode ser um espaço de Convivência entre diferentes crenças, mediado pelo diálogo, respeito mútuo e o pensamento filosófico.

 Apresentador(a): Contamos com a presença de convidados especiais:

 Babalorixá : Jurandir Ty Oxum

 Pastor: Antonio Genival da Silva

 Pároco: José Reginaldo

 Mestranda em Filosofia: Irene Silva de Sousa Silva

APÊNDICE L – Gravação do Podcast

EPISÓDIO/BLOCO 1 – O QUE É PLURIDIVERSIDADE RELIGIOSA?

(Contexto e Fundamento)

 Música: “Forja da vitória 38”

<https://pixabay.com/music/main-title-victory-forge-38seconds-311470/>

 Apresentador(a): Vamos começar entendendo o que é pluridiversidade religiosa e porque ela é importante no espaço escolar.

 Apresentador(a): Por que esse tema precisa estar presente, especialmente nas aulas de Filosofia?

 Convidado(a): Mestranda Irene Silva [Compartilhar perspectiva sobre a importância do tema]

 Apresentador(a): Qual o papel da escola diante da diversidade religiosa dos estudantes?

 Convidado(a): Mestranda Irene Silva

 Apresentador(a): Como educar para o respeito, e não apenas para a tolerância?

 Apresentador(a): Qual a contribuição da Filosofia na formação de um cidadão consciente?

 Convidado(a): Mestranda Irene Silva

EPISÓDIO/ BLOCO 2– A FILOSOFIA DO ENCONTRO DE BUBER

 Música: “Então eu te vi”

<https://pixabay.com/music/modern-classical-then-i-saw-you-relaxing-piano-music-339064/>

 Apresentador(a): Agora vamos entender quem foi Martin Buber e o que Ele nos propôs com sua Filosofia do Encontro.

 Apresentador(a): O que significa a relação 'Eu-Tu'?

 Convidado(a): Mestranda Irene Silva

 Apresentador(a): Como essa filosofia pode inspirar o ensino de Filosofia e o diálogo religioso na escola?

 Convidado(a): Mestranda Irene Silva

 Apresentador(a): Citação: 'O Eu se realiza no Tu.' Você pode comentar essa frase?

 Convidado(a): Mestranda Irene Silva

EPISÓDIO/BLOCO 3 – PRÁTICAS VIVIDAS NA ESCOLA

 Música: “O preço da liberdade”

<https://pixabay.com/music/beautiful-plays-price-of-freedom-33106/>

 Apresentador(a): Vamos agora ouvir experiências práticas.

 Apresentador(a): Em sua tradição, como o conceito de 'amor ao próximo' pode ser aplicado na convivência com pessoas de outras religiões ?"

 Representante religioso:

 Representante de religiões africanas:

 Representante religioso(pároco):

 Apresentador(a): Como você percebe a importância do respeito à diversidade religiosa?

 Representante religioso:

 Representante de religiões africanas:

 Representante religioso(pároco):

 Apresentador(a): Que tipo de aprendizado surge do encontro com outras crenças?

Todos: [Breves respostas]

 Representante religioso:

 Representante de religiões africanas:

 Representante religioso(pároco):

🗣️ Apresentador(a): Quais são os ensinamentos fundamentais de sua religião que poderiam contribuir para a formação de pessoas mais tolerantes ?

👤 Representante religioso:

👤 Representante de religiões africanas:

👤 Representante religioso(pároco):

EPISÓDIO/BLOCO 4 – PERGUNTA DOS ESTUDANTES

🔊 Música: Em direção à batalha!

<https://pixabay.com/music/upbeat-into-battle-15601/>

🗣️ Apresentador(a): Agora vamos ouvir algumas perguntas dos estudantes aqui presentes.

EPISÓDIO/ BLOCO 5 -EDUCAR PARA O ENCONTRO

🔊 Música: África

<https://pixabay.com/music/world-africa-164160/>

🗣️ Apresentador(a): Para encerrar, vamos refletir juntos:

🗣️ Apresentador(a): O que aprendemos quando escutamos o outro de verdade?

🗣️ Apresentador(a): Como podemos transformar a escola em um espaço de encontro e comunidade?

Convidado(a): Mestranda Irene Silva [Reflexões finais]

Encerramento

🗣️ Apresentador(a): Muito obrigado a todos os nossos convidados e ouvintes.

🗣️ Apresentador(a): Esperamos que este episódio tenha despertado reflexões e inspirado novas práticas dentro e fora da sala de aula.

🗣️ Apresentador(a): Frase de encerramento: *'Não há ensino sem encontro. E não há encontro sem escuta.'*

🗣️ Apresentador(a): Siga nosso *podcast* e compartilhe com colegas! Até a próxima!

 Música de Encerramento: **Dançando na Poeira Estelar**

<https://pixabay.com/music/pop-dancing-in-the-stardust-free-music-no-copyright-203603/>

APÊNDICE M – Transcrição do *podcast*

EPISÓDIO 1

Mediadora: Olá! sejam muito bem-vindos ao nosso *podcast*! Eu sou Paula Brenda de Sousa Silva, sou Historiadora formada pela UFAM e hoje temos um episódio muito especial com o tema pluridiversidade religiosa na escola, uma contribuição para o ensino da filosofia no nível médio a partir da filosofia do encontro de Buber. Nesse episódio vamos conversar como o ambiente escolar pode ser um espaço de convivência Entre várias crenças mediado através do Diálogo respeito mútuo e o pensamento filosófico contamos com a presença dos nossos convidados especiais a Mestranda em filosofia Irene Silva pode se apresentar para gente.

Mestranda: Boa tarde a todos que estão presentes nessa roda de conversa é muita satisfação em estar com vocês.

Mediadora: Hoje temos conosco também o padre José Reginaldo da Paróquia São José Operário Leste se apresente para nós Padre por favor Padre:

Padre: Bem, é um prazer meu estar por aqui também e eu atuo como professor também na escola pública Escola Estadual como professor de Filosofia e é um prazer partilhar aqui com vocês.

Mediadora: Bem está aqui o Babalorixá Jurandi de Oxum do Ilê Asé i ao mi babalorixá: Boa tarde a todos me chamo Babalorixá Jurandi de Oxum, é um prazer estar aqui no dia de hoje para comungarmos conversarmos e botarmos algumas pautas e algumas situações que precisamos entender um pouco mais.

Mediadora: E conosco também está o pastor Antônio Genival da Igreja Pentecostal Unida do Brasil seja bem-vindo pastor.

Pastor: Eu sou o pastor Antônio Genival sou pastor a 30 anos a 31 anos e a minha função como o Pastor também sou um profissional na área de vigilante pastor não significa a minha vida e sim eu sou vigilante também estou aqui para dar apoio a essa roda de conversa e a minha opinião daquele quem for solicitado.

EPISODIO 2

Mediadora: Vamos começar entendendo o que que é a pluridiversidade religiosa e porque é tão importante a pluridiversidade dentro do espaço escolar.

Mestranda Irene, você pode falar para a gente um pouco porque esse tema precisa estar presente na filosofia, mas não somente na filosofia?

Mestranda: Eu tenho tratado nos últimos 10 anos sobre a questão de diversidade, principalmente com os alunos do ensino médio num país tão gigantesco que é o Brasil que é o quinto maior país do planeta em extensão territorial, um país que foi invadido por portugueses depois franceses depois holandeses não tem como dizer que esse país tem apenas uma cultura, apenas uma religião; a única coisa que o Brasil tem é um único idioma; e nos últimos como eu citei, 10 anos, em particular nos períodos no corte histórico 2018 a 2022 nós podemos perceber um movimento de uma hegemonização religiosa. Hegemonização é o quê? *“É um pressuposto que uma única religião é superior a outra”* isso me chamou bastante atenção como eu falei, num país miscigenado com várias raças convivendo aqui nele, como ter a pretensão de dizer que o país tem apenas religião! então pesquisei, pensei como trabalhar isso a questão da pluridiversidade, A pluridiversidade ela vai além da diversidade, é estudar as várias religiões num contexto de respeito de alteridade e esse foi a principal motivação para eu começar essa pesquisa de mestrado e estudar em particular na escola porque lá que a gente convive vê os jovens que são o presente o futuro do país e como esses irão se relacionar com os demais em relação a pluridiversidade religiosa.

Mediadora: E qual o papel da escola diante da diversidade religiosa dos Estudantes?

Mestranda: A nossa Constituição diz que o estado é laico. O que é laico? Significa que nenhuma instituição pública ou poder público deve se posicionar em nome de uma única religião né Começa por aí também diz que o estado laico significa que qualquer um de nós que estamos aqui podemos professar uma fé independente qual seja ela ou também dizer eu não sigo religião nenhuma não tenho fé nenhuma e nem por isso ser perseguido por esse posicionamento Então o que instiga essa conversa esse tema e a importância da escola em trabalhar com aluno a gente sabe que não se pode estar na escola e tratar o proselitismo eu vou falar só sobre a religião x ou da religião Y , é falar com os alunos conversar trocar ideias e esclarecer que as religiões estão aí a religião é uma questão pessoal sua você escolhe ter ou não e é aquilo que você acredita ela serve para você o que serve para você talvez não sirva para o outro, e essa conversa do filósofo que me ampara para fazer essa pesquisa ele era um judeu Ele viveu a primeira guerra mundial a Segunda Guerra Mundial ele teve várias perdas e uma coisa que ele percebeu é a questão de olhar a outra pessoa ou outro é com alteridade né se colocar no lugar do outro e não julgar o

outro a partir daquilo que ele acreditava né esse filósofo se chama Martin Buber que vivenciou essas duas tragédias mundiais e ele dizia isso antes de ele falecer em 1965 no livro que respalda minha pesquisa “eu e tu” que o que faltava era você olhar no olho do outro ouvir e entender sem julgá-lo e a escola ela tem esse papel não de querer catequizar ou não de querer evangelizar mas dizer olha jovem existe outras possibilidades existe outras visões de todas elas precisam ser respeitadas.

Mediadora: E como educar para o respeito e não para apenas a tolerância?

Mestranda: O diálogo ele é o principal né ainda falando sobre esse filósofo que ampara a minha pesquisa ele fala que não há uma convivência harmoniosa se não houver uma conversa se não houver um diálogo se não houver um respeito se não houver “Olha eu te ouço né eu te respeito” e a partir daí você não julgá-lo por isso né então a filosofia ela não tem apenas o papel de pressupor mas de pensar a realidade em que os jovens vivem, que eu vivo de uma forma crítica e aberta, aberta ao diálogo a conhecer outras visões além da que eu tenho e a partir dessa desse entendimento desse diálogo desse encontro haver uma convivência harmoniosa tanto no ambiente escolar quanto fora dele, e aí muito se pergunta mas existe professora o diálogo inter-religioso? Às vezes para alguns programas de televisão se convidam alguns líderes religiosos e ali eles eles conversam e dizem que há um diálogo entre religioso mas na prática o que nós vivenciamos o que nós presenciamos é que não há esse diálogo inter-religioso entre os membros entre os filiados entre os seguidores de uma boa parte das religiões aqui no Brasil. Entre os líderes como eu falei há essa conversa, mas entre os membros locais não há e eu vou citar situações por exemplo : você da religião de raiz africana assim ah eu te respeito mas você sabia que você vai para o inferno? então ainda existe essa esse posicionamento inclusive nas rodas de conversa que eu fiz na escola que a gente abre para conversar uma aluna fez isso “mas vai para o inferno” e aí como tratar a escola como a escola trata como a filosofia trata esse pensamento com jovem né. Ele ouviu em algum momento dentro do seu ambiente na sua congregação sobre essa tolerância E aí a filosofia vem diz Mas a partir de que conhecimento de que contexto você acha que o outro vai para o inferno? então o encontro e o diálogo ele é muito necessário para que se haja essa conversa para que aquele outro ouça também a minha visão viver em sociedade num diálogo e respeito para com o outro.

Mediadora: Importante lembrar que nós estamos fazendo um recorte histórico e filosófico de apenas três religiões que são as maiores que temos hoje no Brasil religião evangélica católica e de raiz africana né no caso Umbanda e

candomblé Mas neste caso é importante entender que existe muitas outras religiões e que a maioria delas não crê nem no céu nem no inferno ou não crê no inferno ou só cria no céu ou nenhum nem outro então a questão da tolerância e o respeito ela vai apenas disso aqui então vamos manter isso. Qual é a contribuição da Filosofia na formação de um cidadão consciente que pega um pouquinho o que a gente acabou de falar né?

Mestranda: A função dela é exatamente (eu vou eu vou retificar aliás reforçar o que eu falei) de olhar e ouvir o outro criticamente mas com respeito, a palavra é alteridade eu te aceito com as tuas com as tuas opiniões tuas concepções as tuas visões e não irei julgar te julgar a partir das minhas convicções e a filosofia ela nos faz abrir este leque, este pensamento, do Real respeito antes a filosofia era vista como Aquela que só fica divagando os pensamentos ela vem para a prática né e a prática é conversar a ciência ela evolui assim como a sociedade ela é dinâmica ela se movimenta ela muda os conceitos o estado de relações e a filosofia ela vem acompanhando e para dizer olha ok mas a gente pode ter um outro caminho um outro caminho Claro com uma visão maior, uma mundivisão que nos faz abrir para este leque e não ficar centrada mas abrir a ouvir, a estudar a pesquisar e assim enquanto o indivíduo tomar sua própria decisão. Os alunos do ensino médio eu digo a eles que eles estão em particular Os que estão aqui (estão em particular) terminando essa jornada do ensino médio e a partir do próximo ano se tudo der certinho eles estarão na universidade e aí é outro mundo fora dali do escolar e é como vocês vão chegar lá que é muito importante, é esse senso crítico, esse senso de alteridade, de respeito, de escuta ativa é muito importante; a filosofia vem ajudar nisso daí.

EPISÓDIO 3

Mediadora: Agora vamos entender quem foi Martin Buber e o que ele nos propõe como uma filosofia do encontro (deixando claro que temos outras filosofias de encontro, mas vamos trabalhar em específico a de Buber) pode falar mestranda.

Mestranda: Como eu tinha feito uma introdução Desse filósofo a filosofia dele do encontro é realmente de você quando conversar com a outra pessoa você está centrado no que aquela pessoa está falando para você, às vezes você tá falando com várias pessoas ao seu redor mas você não presta atenção e nenhuma delas e ele vem com essa proposta de que quando você parar para conversar com alguém que você realmente converse com aquela pessoa, que você olhe nos olhos dela, para que os teus ouvidos estejam atentos ao que ela esteja falando, porque existe duas relações do trato com o outro, quem é esse

outro? é outra pessoa quem está à tua frente falando contigo! E Buber já percebia isso pós Segunda Guerra Mundial que as pessoas pararam de olhar no olho do outro, de ouvir o que o outro está falando, e apenas falar ao vento! Eu posso dar um exemplo: “Quando criança chegava em casa e dizia: benção mãe, pegava a mão da minha mãe beijava ela dizia Deus te abençoe. Saía dizia: benção mãe pegava, olhava abençoava, beijava, ia dormir: bença mãe! Depois do almoço: benção mãe! Hoje você não vê isso com os jovens! Não sei nem se ainda pedem bênção e quando chega virou não olha no olho não abraça, não pega na mão e isso ficou muito nítido após a Segunda Guerra Mundial visto por Buber que as pessoas ficaram trancadas no seu mundo sem se abrir para o outro e quando o outro falava era como palavras apenas ao vento então a gente precisa voltar a olhar no olho a ouvir atento e respeitar o outro.

Mediadora: E essa relação do *eu e tu* o que que o Buber traz para gente?

Mestranda: Buber, ele escreveu um livro chamado *Eu e Tu* e ele disse que na relação de cada ser humano existem dois tipos de relações: Uma chamada *eu e tu* e a outra chamada *eu e isso*. A relação *eu tu* é como eu acabei de falar: é quando eu paro diante de você, te ouço, te respeito, estou exclusivamente inteira na nossa conversa, sem distração (eu posso colocar no dia de hoje a distração: você tá falando comigo e eu tô aqui mexendo no celular e você está falando porque que eu estou conversando com você estou mexendo no celular) Então Buber, isso veja só quando ele escreveu esse livro foi em 1923 década de 20, depois da Primeira Guerra Mundial e a segunda foi em 1940 e pouco, e aí ele tá ali escrevendo ele olha as pessoas não estava conversando já naquela época e agora Século 21 que você está falando com outro e o outro está mexendo no celular. Será que ele está te ouvindo? Então ele é tão atual quando era em 1923.

Mediadora: Porque é totalmente bizarro se a gente parar para pensar

Mestranda: Exatamente é muito é muito bizarro. Você tá no grupo de colegas conversando na escola, mas cada um fala no seu celular, e ele dizer para aí! Atenção! Escuta o que o outro tá falando! olha na cara! Aí ele disse que existe uma outra relação também já em 1923, e estamos em 2025: Qual é a relação? a relação *eu-isso*. Eu trato o outro da forma como é que ele pode me beneficiar. Ele disse que essa relação *eu - isso* quer dizer que as pessoas estão tratando a outra pessoa como objeto apenas “Eu vou ser amiga da Taís porque eu sei que a internet dela é muito boa e ela vai sempre me rotar a internet dela. Eu estou falando no contexto escolar. Então, embora eu não goste muito dela, ela tem uma internet que vai me favorecer. Essa relação, esse filósofo fala que é uma relação eu - isso. Outro exemplo dessa relação *eu- isso* é: Eu não sou muito boa em

escrever não, mas o Amós tem todos os conteúdos! Ele não falta na escola ele vai fazer a prova dele e vai passar escondida as questões para mim pelo celular (embora os celulares agora estejam proibidos nas escolas públicas) nas escolas não como tudo isso é muito bom, mas ele é muito inteligente ele tem todos os conteúdos ele não falta ele é muito chatinho também mas ele vai me ajudar. Então essa é uma relação eu-isso e a sociedade (Eu Estou trazendo Claro para o mundo da escola porque eu estou com alunos aqui) mas essa relação eu - isso é a relação que a maioria das sociedades estão tendo para com outro, diz: opa opa opa opa a gente precisa ouvir com atenção o outro deixa ele nem sabia que tinha celular mas eu digo agora deixa o celular de lado e ouça Olhe na cara do outro né esteja com teus ouvidos atentos para que o outro esteja falando como que essa filosofia pode inspirar o ensino da filosofia e o diálogo religioso dentro das escolas parte um pouco disso que você estava falando né exatamente a questão da escuta eu trabalho com essas turmas que estão aqui os alunos que estão formando há três anos aí eu tenho aluno que estudo Desde o ano passado alunos que está chegando este ano os que estão comigo desde o ano passado eu nunca tinha feito uma roda de conversa e fiz este ano 48 minutos e o que eu percebi foi que nesses 48 minutos Ninguém pediu para sair da sala nem para ele beber água nem para ir ao banheiro nada ficaram ouvindo né cara ouvindo alguns perguntando quer dizer e uma roda de conversa é quando a gente olha realmente na cara um do outro né e a filosofia ela vem para abrir esse espaço de conversa de conversa e escuta ativa escuta ativa e conversa ativa é aquela que eu falo você ouve você fala eu ouço e a gente está atento a nossa ao nosso diálogo a nossa conversa agora em relação à situação ou eu se realiza que que você pode me colocar a mais dentro dessa frase essa é uma frase do filósofo entendeu eu se realizando tudo significa que quando realmente a gente tem essa consciência de que a Clara veio conversar comigo eu gostaria de conversar contigo e eu esqueço tudo que está ao meu redor para ouvir ativamente quando eu ouço essa nossa conversa ela nunca vai voltar vazia porque ouvi claramente que ela gostaria de falar comigo e ela também ouviu a minha resposta à conversa então a gente sai dali com transformado de alguma forma né E quando alguém vem conversar contigo é porque ela quer que você escute ela, ela quer conversar ela quer que haja uma troca real de diálogo não a Clara vir conversar comigo eu Ah tá mas espera aí rapidinho deixa eu só atender aqui o telefone não é uma conversa real não é eu não me realizo assim mas eu me realizo quando eu realmente paro escuta e a gente conversa e depois sim que terminar aquela conversa fiquei e você ficar pensando Poxa a gente se transforma quando nós realmente ouvimos outro e quando o outro nos ouve a gente se sente muito bem quando a outra

peessoa deixa o que está fazendo para nos ouvir a gente se sente valorizado a gente se sente acolhido nessa conversa então ele fala isso que quando nós Realmente nós postamos nos posicionamos assim a gente se realiza no tu né lá na escuta do outro quando o outro me ouve quando eu ouço o outro vamos ouvir agora as experiências na prática

EPISÓDIO 4

Mediadora: Vamos ouvir agora as experiências na prática não é Padre o senhor pode falar para a gente essa pergunta eu estou direcionando para ele mas vai para vocês dois tá bom para todo mundo é na sua na sua tradição como o conceito do amor ao próximo pode ser aplicado na convivência com as pessoas de outras religiões?

Padre :Sempre foi o desafio do Cristianismo desde os primórdios mesmo, o cristão foi convidado a avançar a todos os lugares, a visitar todas as pessoas. Ele carrega consigo uma mensagem que é de vida e esta mensagem é bom que não fique apenas com ele, mas que chegue a todas as pessoas. Então, foi assim sempre a mensagem, esta mensagem de vida é mensagem de amor, é mensagem de paz, é mensagem de perdão, é mensagem de ser justo com as pessoas é por isso que o cristianismo verdadeiramente ganhou o mundo se difundiu de verdade, porque em qualquer lugar que você chega, em qualquer povo, cultura em qualquer lugar mesmo é essa mensagem primeira que é passada, então por isso, acaba que as pessoas têm um apreço por esta postura de pessoa, e quem tá falando de paz, quem tá falando de amor é natural que vai ser bem recebido sempre, porque sempre tratou bem, sempre tratou da melhor forma e por isso é que compreendemos mesmo que na verdade por esses mesmos princípios Todos somos irmãos, todos somos filhos do mesmo criador e é por isso que nós assim seguimos, continuamos avançando procurando chegar a todos os corações

Mediadora: Babalorixá, O senhor pode responder como é que dentro da sua religião como esse conceito do amor ao próximo ele pode ser aplicado na convivência com as pessoas de outras religiões?

Babalorixá: Bom É Nós aprendemos né dentro da nossa religião que nós somos uma religião que inclui todo o mundo inclui e geralmente Nós não somos tão incluídos Nós não somos tão incluídos mas fazemos de tudo como uma das ações sociais como visitas o meio ambiente e referente a outras religiões não é o que podemos fazer na verdade o que eu posso fazer sempre a respeitar o respeito acima de tudo os fios que eu uso a roupa que eu uso ela não quer dizer nada como pessoa como um espírito que

eu sou como um babalorixá porque a minha vida e a vida de qualquer religioso ela não se firma só ali naquilo não é, só aquela única situação da região da religião mas o amor a verdade o carinho e o respeito principalmente nós temos por todos por todos e a questão da inclusão como eu falei ela é uma questão que primeiramente como a Irene estava falando escutamos, escutamos primeiro depois aconselhamos e seja quem for seja qualquer pessoa seja do Candomblé seja da Umbanda seja educação Ou seja qualquer pessoa seja do Candomblé seja da Umbanda seja do catolicismo , evangélico e das demais nós paramos e escutamos eu principalmente paro escuto quando alguém me para ah ! aceita um cartãozinho não é que é aquele do dos Evangélicos eu pego aí posso falar com você pode ah Jesus te ama eu sei que ele me ama eu também amo muito ele tá com você tá com todos nós todo tempo eu acredito que isso seja o amor de ser humano além de espiritual o ser humano de respeitar ali o respeito para com o próximo que está falando o próximo que quer também ser ouvido o próximo também que não tá entendendo ainda o que é o amor que é o respeito agora a pessoa você pode falar um pouquinho sobre esse conceito de amor ao próximo dentro aplicado na convivência na religião da religião de outras pessoas de família é para mim falar sobre aquilo de amor meu princípio de família eu fui é criado como na igreja católica eu fiz a crise na primeira comunhão eu fui sacristão é porque minha mãe é uma mulher muito religiosa então quando meus dias cresceram quando eu cresci eu tomei uma direção para mim primeiro lugar religião para mim É Uma Questão de Fé parte desse princípio assim como eu respeito o padre eu respeito você eu respeito qualquer religião para mim cada um tem o seu conceito Porque toda religião ela tem um vamos dizer aqui ela tem um guia que guia ela é o padre tem um princípio Vaticano tem tudo isso vem de lá eu tenho o princípio bíblico da minha forma dele você tem a sua Fomos olhar outras religiões cada um tem o seu princípio mas eu não devo ferir o seu nem o seu e nem você o meu eu tenho que crer no que Na Bíblia da forma que eu creio e que essa educação deve ser colocado na escola para mim começar seu respeitar a sua religião você respeitar a minha nós seremos juntos em um conceito eu não vou lhe ferir nem você vai me ferir agora se você chegar comigo e disser eu queria aprender sobre sua religião um exemplo a mesma coisa é o padre aí nós passamos desse conceito União porque a sua fé é um é minha outra mas o ponto que eu respeito você que você me respeita e que um respeito religião do outro Nós andamos Unidos em amor eu jamais vou pegar aqui rapidinho a Bíblia fala que se o meu inimigo tem um boi caído num buraco Então porque eu não gosto dele eu vou deixar ele morrer não eu tenho que tirar então o amor da religião da para mim ele começa aqui respeitando cada um ao outro e aí nós teremos um

caminho unitário agora no final cada um tem o seu destino dos três representantes sim e Resumindo que eles o que eles disseram tudo é o diálogo é o dia inteiro né o respeito é o principal e a fala do pastor por último é exatamente o que Eu tratei com os meninos nas turma né Cada um tem a sua fé eu perguntei a ele se existia alguma religião verdadeira eles ficaram assim meio digo não existe ou não alguns disseram sim outro não digo deixa eu responder para vocês existe sabe qual é a religião verdadeira é aquela onde você está Porque você não vai estar no Ilê no centro espírita numa igreja evangélica numa Catedral se você não acredita naquilo que é ensinado a você então aquela religião ela é verdadeira para você porque lá onde você estava você jamais iria ficar no local que você não acreditasse naquilo que Eu quero ensinar do pregado para você ali então toda religião ela é verdadeira Desde que te façam ser melhor nesta sociedade né que ela seja realmente para te fazer melhor não superior mas melhor assim mediadora. Acredito eu que essa seja essência de cada religião e fé fazer com que você seja o melhor de você para que ajude você a ser melhor que você. Vamos para a próxima pergunta: Como você percebe a importância do respeito à diversidade religiosa? pode começar padre.

Padre: então nós compreendemos que é o espírito santo ele não fica preso a nada até mesmo dentro da igreja católica existia uma diversidade uma gama de expressões religiosas dentro do catolicismo Tem tantas congregações religiosas femininas masculinas é o espírito santo que vai inspirando a todos então ele não se prende a nada e é e é mesmo expressão Divina de que é para acolher a todos, o espírito de Deus que vai fazendo com que quem não se acomodou em um lugar pode se expressar muito bem e também e tão divinamente bem em outros lugares, em outras expressões, então, é aí que reside o respeito porque é inspiração Divina e todas elas pregam sobre o amor, sobre a Fraternidade, então o respeito segue por este caminho, pela unidade onde todos estão procurando fazer da sua maneira, do seu modo, a sua expressão e sua relação com o Divino em convivência com os irmãos

Mediadora: Babalorixá como o senhor como vê, como é que o senhor percebe a importância da diversidade religiosa?

Babalorixá: a diversidade religiosa ela é para nós candomblecistas é de uma extrema força e poder por quê Nós somos um os que mais acolhem todos os tipos de diversidades todos os tipos seja o homossexual seja lésbica Sérgio transa trans seja quem for pelo respeito Porque infelizmente ou felizmente não sei não é cada um nasce de uma forma de um jeito ninguém Ah o Fulano nasceu virou gay ele nunca viu ele nasceu desta forma ele é deste jeito e nós abraçamos e respeitamos da forma que eles são da forma que

é até porque nós estamos só de passagem então o mínimo que nós podemos ter pelas pessoas são respeito pela forma que se veste pelo cabelo que tem é de todas as formas temos que respeitar e a nossa religião o Candomblé temos o maior foco de abraçar e respeitar é o maior foco é o Candomblé não importa como seja quem seja o que fez ou o que deixou de fazer sempre abraçamos e respeitamos da melhor forma da melhor maneira muito obrigada,

Mediadora: pastor como é que o senhor vê a pessoa percebe a importância do respeito à diversidade religiosa?

Pastor: eu como eu falei cada um tem o seu credo por exemplo eu creio na Bíblia estudou a Bíblia li várias vezes a Bíblia então torna repetir eu não posso ir no conceito de fé porque a minha fé é uma do que eu creio do que está na Bíblia mas eu não posso entrar em nenhum dos demais porque cada um tem o seu mal de crê se você tá aqui a religião budista ele crê em que é qual livro que ele crê isso então ele crê no Buda ele crê naquilo ali então para mim para mim responder o que eu acho da Vamos colocar achar uma palavra para ficar mais prática Eu Jamais irei comentar com nenhuma forma para que venha prejudicar a fé de ninguém Ah não creio eu não concordo Porque como ele citou homossexual ou isso aquilo eu não concordo eu não sou contra o direito cada um tem o seu direito de viver cada um vive como quer agora eu a minha opinião para minha vida é uma né então eu jamais vou entrar na cultura de nenhum desculpa porque cada um tem o seu conceito religioso seu Princípio não é então vou só resumir isso aqui no meu pensamento para deixar claro nós somos Um ser espiritual e vivemos em um corpo material que tem um prazo de validade um dia desse eu tinha 21 anos 15 anos hoje eu tenho 54 não é naquela época o meu a minha matéria aqui era bem fortiezinha eu carregava três sacos de cimento aqui hoje eu não carregava um ano de 42 kg Isso significa que o meu prazo de validade como matéria está se afinando aqui e essa matéria daqui um dia eu vou estar velhinho e tchau já foi como ele falou agora o que se segue daqui para frente vai ser entre eu e o criador saiu da Terra Deus então eu não posso julgar aquela moça ali porque aquela outra ali aquele rapaz olha tu vai para o inferno tu vai para o céu tu vai quem sou eu se eu tenho o mesmo grau de espiritualidade vivo no mesmo corpo material agora eu posso ser mais experiência religiosa né no meu conceito como você não sei você mas do meu modo de crer aonde eu estou conectado que a Bíblia para mim assim então eu não concordo Quem me conhece algumas religiões que faz rodadinha para discutir Bíblia para discutir religião para discutir fé eu acho assim cada um tem que crer e seguir aquilo que Deus colocou no seu coração

Mestranda: eu acho interessante as conversas porque eles vêm e se conectam m é um link que é exatamente a questão do respeito, é exatamente o que eu havia dito, que havia falado com os alunos a questão da fé, ela é realmente individual, eu não posso querer medir a fé do outro a partir daquilo que eu creio, mas o respeito quando eu respeito outro tá tudo certo Tudo certo.

Mediadora: Como que a gente a percepção do respeito a questão da diversidade religiosa ao respeito vai além do que todo mundo já falou aqui o respeito vai de olhar para você eu não concordo mas apesar disso tudo bem é seu é você esse é o respeito e a importância dessa diversidade religiosa é entender que nem todo mundo pensa igual e as religiões elas surgem a partir disso as regiões elas surgem a partir de ideias de divinações Na necessidade de Um ser superior da necessidade de você ter um engajamento para você ser melhor como a gente já falou aqui e que cada um respeita o outro mas também não vai meter o dedo aonde o outro trabalha é o respeito sem julgamento

Mestranda: E isso não é: está bem eu te respeito sem tecer comentários, porque um aluno na sala me perguntou, mas professora e se eu não acreditar que existe céu e inferno? e se eu não acreditar que existe uma vida após eu morrer? Eu respondi o seguinte: se você não acredita que não há inferno, que não há céu e que a sua vida está limitada a esta, é assim que será, porque a fé é consciência é o teu sub, é o que tá ali conectado com o que tu crê ou não crer, se tu não crer em nada a única coisa que você tem é convicção Se você tem a convicção de que a tua vida se acaba a partir do momento que que você morre é assim que será para aquela pessoa naquela concepção dela e eu jamais a partir daquilo que eu creio e vou dizer não mas tu tá errado negativo como pastor Antônio Genival falou Quem Sou Eu para querer julgar o outro né então respeito ele parte disso respeito sem julgamento

Mediadora: Vamos agora para quais são os ensinamentos fundamentais de sua religião que poderia contribuir para a formação de pessoas mais tolerantes?

Padre é o da Fraternidade eu diria que Jesus é Deus mesmo ele veio para conviver conosco mas porque queria ensinar bem de perto e por isso ele veio partilhar da sua vida da sua divindade aqui com a nossa Humanidade para que a gente também não ficasse achando que o Divino estava tão distante mas que o Divino está muito próximo de nós e que nós abraçando o Divino podemos viver a humanidade de uma forma muito digna e das primeiras lições é esta eu quero ser irmãos de todos e fazer o impossível para que a gente possa continuar sendo irmãos possamos continuar unidos e isso é o que vence

Barreiras não é o divino para dizer o sagrado também e que se aproxima de nós que tantas vezes quando nós olhamos para nossa humanidade nos sentimos tão pequeno mas Deus não olha para isso Deus não vê a diferença, quer mesmo estar conosco quer ser Deus conosco e essa lição que a gente passa a todos

Mediadora: Babalorixá, o que a sua religião tem para nos ensinar na formação de pessoas mais tolerantes?

Babalorixá : Primeiramente é o respeito e Respeitar o espaço do outro a opinião do outro sim eu costumo falar muito lá em casa no meu centro religioso que nós vamos ali comungar a nossa fé nós ali não vamos comentar da vida do irmão da irmã nós vamos comungar da nossa fé O que é comunga da nossa fé você está para aprender para dar o seu melhor à Oxum a Oxossi porque são uns seres os Deuses para a gente, que são seres da natureza, e nós estamos ali para comungar, Vamos ali para comungar para nos tornarmos pessoas melhores tanto para a gente quanto para o próximo e é isso sim é pastor pode que que é a sua religião tem para nos dar aí para formação de pessoas mais tolerantes oferecer a primeira coisa é tentar criar na mente humana o que ele é o que ele está fazendo aqui para mim todos têm uma missão Esse é um pensamento meu/ então eu preciso ensinar a cada um hoje em dia o mundo religioso(falando da minha parte) o cristianismo hoje em dia se tornou muito individual você chega numa igreja por exemplo eu tô lá em casa e chega alguém lá (e aquele um povo que sempre estão de porta em porta vocês conhecem) eles chegam lá e vai falar para mim da religião dele eu tenho meu conceito religioso, mas eu não vou chegar lá tratar mal eu vou chegar a dizer: amigo eu sou evangélico Vai em frente fazendo sua missão no momento pode levar sua mensagem a outro que eu já tenho. No meu conhecimento educadamente, então eu creio o seguinte: se eu consigo colocar dentro da igreja a educação religiosa e não colocar a minha religião (porque eu não acredito) todos os anos de evangélico eu estudei muito sobre isso. eu não acredito que é Igreja salva ninguém. a placa não salva. Nada salva, o que salva é a fé, o respeito e a comunhão. Hoje em dia o mundo religioso se estendeu. de uns 20 anos para cá muitas religiões vão surgindo por falta de diálogo (Como é o assunto) aí eu não acredito em você eu vou abrir a minha igreja eu não acredito Em você Vou abrir a minha igreja vai Semeando tantas sementes de é de pensamentos próprios e não bíblicos como eu digo eu creio na Bíblia então eu não posso julgar nem condenar mas eu tenho que manter a minha fé Então o que eu tenho a ensinar para que venha melhorar vamos dizer assim modo é dizer assim o teu respeito para comigo eu respeito para contigo e que vai mandar a vida eu vou dar só um exemplo para você na minha casa é eu tenho eu tenho um

pensamento dentro da minha casa na hora de nós nos refeições almoço janta se tá todo mundo em casa e ninguém come na frente e outro atrás todo mundo tem que sentar na mesa aí junto se alimentar junto e terminar junto e outra coisa a questão do celular na hora da comida o celular não senta na mesa viu padre não senta na mesa o celular é guardado é hora de refeição o que eu quero dizer isso se nós passamos as demais pessoas se a minha religião passa para as pessoas o amor a hora da comunhão A Hora Do respeito para com outro aí a vida segue-se mas quando se torna um individualismo eu pego o meu prato eu vou comer aqui eu não quero comer agora eu já vou comer não vou esperar o Fulano eu tô falando isso dentro de casa dentro das religiões Se cada um pegar o seu prato e se alimentar espiritualmente respeitando o princípio do outro então aí sim nós temos uma boa comunhão para o crescimento espiritual da humanidade porque hoje em dia realmente tá meio que diferenciado né Cada um corre atrás do seu E se eu não conseguir eu vou tomar o teu eu não acredito nisso o que

Mediadora: Mestranda, você poderia comentar também O que que o que que na sua opinião pode ser agregado na formação de pessoas mais tolerantes não necessariamente de um cunho religioso. Mas a partir da filosofia O que que a filosofia pode fazer para tornar essas pessoas tolerantes além a mais do diálogo a filosofia?

Mestranda: Como eu disse além de ajudar no pensamento crítico de promover a escuta o respeito ela pode ajudar e deve ajudar através da conversa Às vezes você só quer falar mas não quero ouvir e a filosofia como como uma disciplina uma ciência do pensamento ela proporciona e ela tem essa capacidade essa potência de trabalhar com jovens em especial que estão numa fase de conhecimento de autoconhecimento também de abrir o pensamento principalmente em relação a respeito né um dos representantes falou que hoje realmente as religiões no contexto geral estão muito individual individualismo né ah é só eu aqui mas como é que essas religiões estão vendo os seus membros os seus adeptos e os seus seguidores está vendo os seus membros como o outro ou como isso né e a filosofia ela vem para ajudar a conversar com jovens e que esse jovem vem através da conversa abre a sua visão e Opa é verdade né e fazer seus questionamentos porque se você não perguntar você não vai saber a resposta a filosofia ela tem esse poder sim de instigar o outro a pensar e a pensar de uma forma humana de uma forma respeitosa,

EPISÓDIO 5

Mediadora: Agora vamos ouvir algumas perguntas dos Estudantes aqui presentes O estudante Amós (nome fictício)

Mestranda: esse momento que os alunos vão fazer pergunta é muito importante é interessante às vezes nós estamos numa sala de aula com 40 a 45 alunos e só a gente fala né Padre só a gente fala a gente fala porque se abrir para os alunos falarem aí um fala outro fala acabou o tempo 48 minutos e aí quando a gente abre o momento para eles falarem é muito é muito produtivo.

Amós (nome fictício): Boa tarde A minha pergunta seria para o pastor né, pastor o senhor já viveu alguma situação em que teve que lidar com preconceito religioso?

Pastor: Sim, muitas! hoje em dia coisa que mais existe é o preconceito de religião com religião aproveitando, aqui nós temos a questão dele né que é o Candomblé hoje em dia é uma das religiões que mais se tem conceito de lançar com todo respeito no inferno de julgar disso daquilo outro é o espiritismo outras religiões. Então para mim eu já vi muitas pessoas sofrerem podemos usar o bullying seria a palavra mais correta Já tá no inferno tu é isso tu é que a tua é católico tu crê numa imagem Então tu não crer em Deus isso para mim é a responder a sua pergunta eu não acredito que isso seria uma forma certa de se tratar um diálogo eu ter preconceito do modo de crer eu posso usar aquela jovem se ela ficar brava para nós conversa o cabelo dela hoje em dia é uns conceito e dizer porque esse cabelo é o coração dela é o que ela vive é o que ela quer entendeu então o que eu digo assim hoje dentro da área escolar dos colégios existe muita essa questão de preconceitos e hoje na igreja onde eu sou pastor sou um pastor diária passou superintendente né até eu sou vigilante eu trabalho na área de vigilante e também eu cuido de uma área de uma igreja eu sou um pastor local tem uma igreja grande e eu já vi muito isso a pessoa chegar e dizer pastor eu fui na igreja tal e alguém me olhou com os olhos de atravessado só por causa do meu corte de cabelo só por causa da minha roupa então resumindo pra sua pergunta eu creio o seguinte se eu quero melhorar a sociedade religiosa e a educação eu tenho que entender se você está assim é porque você conhece assim eu como um pastor eu tenho que levar para ele o meu conhecimento do Evangelho de Cristo o como Deus quer aquela pessoa o quanto aquela pessoa ama e Colocar diante de Deus o que ele tem que fazer né para teu amor próprio nunca aceitar eu não aceito nem na igreja nem lugar nenhum alguém tratar mal alguém só por causa de religião eu acredito que o modo de crê então não existe Respondendo a sua pergunta para mim não existe nenhum modo de crer errado o que existe é ensinamentos né diálogo errado eu queria perguntar

também como isso pode ser tratado dentro da escola como isso pode estar dentro da escola isso é muito importante como é que se deve tratar isso na escola a educação na escola Desculpa não é educação na escola a escola não está para educar a escola ela está para ensinar o professor ele é um educador assim mas ele tem que ensinar a educação ela tem que começar dentro de casa eu acredito o seguinte se a criança tem um bom uma boa educação dentro da sua casa pelos seus pais muitas vezes temos aí a professora Irene Muitos anos a Paula teve me informado disso muitas vezes o pai manda a criança para escola Professor educar ele mas na realidade o professor ele tem que ensinar ele a ler a escrever aí se aquilo outro a educação ela tem que vir de casa como isso deve melhorar na escola para mim deve ser um diálogo entre professores ou pedagogos e pai né um assistente social que deve ser que era dentro da escola para que a criança vai para escola já sendo educada né esse é o meu pensamento né aí se eu joga meu filho de qualquer jeito lá eu quero que ele venha educado isso nunca vai acontecer então resumo princípio família Educação na certa então aí preconceito religioso se meu filho vai te agradecer a minha professora olhou para mim e disse que eu sou feio aí o pai já vai falar por que que meu filho é feio entendeu na realidade a vida em si né não existe o preconceito já começou dentro de casa para educar Então para mim para uma boa educação tem que começar dentro de casa e quando chegar na escola aquela criança vai ali para aprender o que ela foi para aprender não para aprender o que o pai tem que ensinar então preconceito acaba nesse lugar.

Mestranda: Exatamente é isso! Ah! como eu gostaria que os pais tivessem esse pensamento! seria muito bom.

Mediadora maravilhoso próximo aluno próximo aluno próximo aluno ta próximo aluno Taís (nome fictício)

Taís (nome fictício) :Primeiramente eu quero fazer tem duas perguntas aqui, uma para o padre e outra para o Babalorixá. Primeiramente eu vou perguntar para o padre: como o senhor acha que a igreja pode ajudar os jovens a respeitarem religiões diferentes no ambiente escolar?

Padre: a questão de que eu sou melhor existe uma palavra técnica para isso que a gente chama de etnocentrismo é achar que sempre o melhor é o meu é a melhor religião é a minha o melhor time é o meu a melhor cultura é a minha é a gente tem que conversar sobre essas coisas né para poder superar este e começar a fazer um outro caminho que existe também a palavra técnica é um pouco maior mas é importante a gente saber das palavras para poder saber usar elas também né que é da interculturalidade é aprender com

os outros conviver com os outros então eu posso ensinar a minha e eu posso aprender dos outros também e assim que a gente vai superando essas qualquer indiferença que possa ouvir para a gente poder comungar com todos com todas as pessoas sabendo conviver partilhando a vida com todos.

Babalorixá: E aprender sobre os diferentes religiões pode melhorar a convivência entre os alunos com toda certeza e até melhorar o respeito uns para com os outros é como o padre acabou de falar precisamos entender que o meu não é melhor o dele não é melhor todos somos é estamos nos tornando pessoas melhores com aprendizado dentro da escola ah vamos entender somente um lado e esquecer o outro porque não vale a pena tudo vale a pena numa hora Você precisa aprender um pouco de cada coisa a gente morre não leva tudo mas as nossas palavras os nossos ensinamentos uma palavra que possamos falar depois da nossa parte da vai ser lembrada aí ele me ensinou tal coisa eu aprendi tal coisa e com tudo isso gera o respeito entre um entre o outro não é que só eu Babalorixá o que eu falo o que eu prego dentro do o que eu ensino dentro do meu terreiro que é válido você não pode aprender o evangélico você não pode numa igreja católica não de forma nenhuma eu sou o primeiro a sempre procurar respeitar e aprender um pouco mais só não fico questionando porque não faz parte não é mais se eu tiver curioso porque essa passagem na Bíblia porque que essa imagem assim eu acho que perguntar é o princípio de tudo para você ter o entendimento de que não é só aquilo que você pensa o que você acha que já só no seu atinge uma não é em prova já você tá errado já pegou um zero.

Mediadora: Zilda (nome fictício) pode fazer

Zilda (nome fictício) :Essa pergunta vai para o padre. Padre como o senhor vê a filosofia com uma aliada da fé na hora de promover o respeito entre os alunos?

Padre: A filosofia ela é muito antiga e ela cresceu na aceitação com a população porque ela busca a verdade é o princípio da filosofia é conquistar chegar a verdade que a gente chega a um elemento então foi assim que foi espalhando ao mundo outras formas de ver o mundo os filósofos com seu pensamento que nós podemos citar sobre este assunto aí mesmo John Locke o inglês do século XVIII Ele percebeu e começou a falar para todos dizer nós estamos tendo no momento aquele histórico o surgimento de várias religiões e a gente tem que ser tolerante que é uma expressão nova uma nova manifestação Religiosa e a gente tem que aprender a conviver com eles então É nesse sentido que a filosofia vai divulgando nova forma de pensar e assim vai cativando as pessoas a tomarem novas posturas na sua convivência com os outros onde quer que esteja é assim que a filosofia vai ajudar a gente a pensar e ter novos argumentos

Mediadora aluna (C)

Aluna C: Bom primeiramente boa tarde né A minha pergunta vai para o Babalorixá :O senhor já percebeu algum tipo de preconceito contra religiões de Matriz africanas na escola se sim o que o senhor o que o senhor e a gente pode fazer para mandar isso?

Babalorixá :É com toda certeza era uma pergunta que eu sabia que ia ser feita Eu sabia que ia ser feita recentemente vou contar uma história rapidinho recentemente eu tenho uma filha de santo que ela deve ter uns 5 anos uns cinco uns cinco seis anos não seis anos eu acho é 6 anos chamada Ivi e ela estava na escola aí começou um culto um culto né na sala dela referente a religião e a mãe dela que também minha filha de santo não permitiu não permitiu Porque será que eles permitem que eu não sou formado não tenho formação de professor de religião mas no meu culto eu entendo bem será que eles podem deixar que eu vá na escola ensinar o que significa orixá Será que nós podemos mostrar nossa cultura dentro da escola? porque a professora ela é evangélica, Lá dentro da escola e isso não pode até o meu conhecimento isso não pode você pregar somente a sua fé Ah eu sou professor e eu sou do Candomblé eu vou pregar só o Candomblé não posso eu acho que as escolas elas devem fazer a diversidade toda não digo que deve ser feito de fato mas se eu pudesse naquele mês ensinar isso ensinar o evangélico aí no outro mês ensinar o Candomblé no outro mês ensinar o catolicismo no outro mês ensinar e a cada mês durante o ano letivo ensinar cada religião óbvio que tem milhares muitas Religiosa e cada dia nasce mais mas se um pouquinho de cada uma tivesse durante todo o ano letivo isso seria de muita ajuda para até mesmo todo mundo se respeitar que aí aprendeu um pouco mínimo do mínimo ali que no final de tudo o Divino está com todos no final Divino está com todos mas que eu procuro Divino de uma outra forma você de uma outra forma ele de uma outra forma e cada um de uma outra forma mas incluir inclui todas as religiões não só o Candomblé não só nós de matrizes africana mas toda uma religião não só o evangelho que a maioria das vezes eu já estudei Óbvio e a professora de ensino religioso passava tarefa da Bíblia nada contra mas tem gente que não gosta não é eu, e assim nada contra, mas tem gente que não gosta não é eu acho que inclui todas as religiões durante o ano letivo Seria uma boa um pouco pelo menos .

Mestranda: E isso é muito interessante a fala do Babalorixá que nós vamos em dois pontos primeiro a laicidade do Estado porque a escola pública é uma instituição do estado e a constituição fala que o estado é Laico ou seja se a escola é pública ela não é profissional profissional que professam a fé então não pode haver e eu vou contar um

episódio de anteontem na escola também veio um grupo de alunos pela parte da manhã gostaria de perguntar pedir permissão da senhora para fazer um evento aqui no horário da merenda pode digo mais que evento é isso jovem a gente gostaria de fazer um culto no intervalo fazer uma panfletagem aí eu ouvi eu disse bom você pode desde que a gente entre no acordo com Acordo eu tenho vários alunos aqui pela parte da manhã também que eles participam de Candomblé e da Umbanda vocês se sentiram à vontade se eu permitisse esses alunos também é utilizarem o momento aqui na escola do intervalo para fazer uma roda de Pomba Gira ou de Preto Velho eles ficaram mais aqui dentro eu digo sim não, pois é você sabe o que que é Laico não aí rapidinho no intervalo fui explicar o que era estado evangelizar que eles poderiam fazer isso individualmente na sala deles mas não é vento para toda a escola sem dar precedente para que outros alunos de outras religiões o fizessem também né então hoje eu já tenho 25 anos de educação eu já evito de trabalhando na educação já tem certas situações na escola que eu tenho evitado por exemplo vamos para uma reunião Vamos fazer uma oração tem gente que é de outras religiões e que fazem outros tipos de orações então não há necessidade né então a gente tem que ter esse cuidado esse olhar respeitoso para todas as religiões.

Mediadora :Vamos passar para Emanuelle (nome fictício)

Emanuelle (nome fictício): Boa tarde gente então eu tenho duas perguntas que uma é para o pastor e a outra é para os três pode fazer assim tá eu vou começar primeiro pelo do pastor a filosofia fala muito sobre o diálogo o senhor acha que ela pode ajudar os jovens a conversar melhor com quem pensa diferente?

Pastor: Creio que sim é como já foi citado várias vezes a formação o que que leva uma criança a ao Crime né eu creio que a educação a qual ele recebeu né então é para mudar a situação hoje e temos dentro da escola uma como é que eu posso falar É uma disciplina né para mudar a questão diálogo entre você tem a sua religião você tem a sua religião é não você ferir a religião do rapaz eu creio isso então eu como pastor eu ensino o seguinte é muita das vezes eu como vigilante trabalho muito no distrito você conhece todo tipo de situações né de pessoas exemplo o diretor passa por você Ele diz bom dia tudo bem com você diz bom dia aí vem o zelador ele passa por você com a cabeça empinada e não dá bom dia então isso aqui não é um princípio de educação para religião para que haja respeito entre você e você tem que respeitar o teu limite e o seu limites respeitado por ele não ferir a integridade do que você pensa do que você aprendeu E então havendo isso aí pode haver um diálogo muito bem eu ir na tua igreja você vive na minha só que quando eu for na sua igreja olha eu tenho aqui o Fulano da igreja e tal lá ele cria

assim lá e não acredito nisso ele não concorda com aquilo e com aquilo outro então aí nunca vai ter um diálogo mas quando você chegar lá eu tenho uma colega por exemplo eu tenho um filho de 18 anos que hoje na igreja ele me ajuda muito é músico cuida dessas coisas e hoje ele tá fazendo uma faculdade então ele trouxe duas colegas da faculdade para que tem um outro princípio de religião e quando chegou lá ele pegou uma oportunidade de eu tenho duas colegas aqui que sou amiga de faculdade e que ela tinha um princípio de fecheis mas é um prazer ter aqui pronto para mim foi um diálogo ele continua assim sem dormir quem chegou Pai ela me convidou para ir na igreja dela porque o senhor fala eu digo ela que você vai porque o princípio de como ele ela foi tratada aqui ele vai lá e lá você seja você então para mim o diálogo entre religião pessoa de religião diferente dentro da escola Depende muito da educação e do limite de respeito de um pai com o outro agora eu quero te trazer para minha religião posso dar um exemplo rapidinho eu creio assim como eu falei do meu filho tem 18 anos e eu creio que ele não pode namorar uma menina de uma outra religião ele não pode namorar esse é o meu conceito de uma outra religião Porque vai ferir a religião um do outro por exemplo você é eu sou Você é da sua É assim religião tem uma filha e vem namorar com meu filho de outra religião não vai dar certo porque ele vai para igreja dele Ela vai para sua e de noite quando chegar como é que vai ser respeitar limites então ele chegou a jovem querendo namorar com ele é um fato isso aqui e ele chegou e disse para ela bom para mim namorar eu não vou deixar a região do meu pai eu cresci aqui para você namorar comigo você teria que vir para minha religião e você comeu senão não vamos namorar vamos ser amigos porque não vai dar certo isso é um princípio que você tá me perguntando eu não vou ferir tua religião mas também não vou entrar acabar com a minha vida e com ator por um somente por um pensamento de casar vou casar mas não vai dar certo dá daqui um dia vai separar por causa de conselho de religião agora se eu te respeitar vamos continuar sendo amigo que é muito melhor e vamos ver anos e anos como amigo seria mais esse é o meu pensamento e o que deve acontecer na escola um bom diálogo respeito e limites.

Emanuelle(nome fictício): Pergunta é assim não é diretamente da escola tirando um pouco o foco da escola não sei se pode mas é entrando mais no foco da igreja em cima dentro da igreja e dentro do terreiro eu já participei um bons anos da minha vida na Igreja Católica Eu sou batizada eu fui coroinha e eu fiz a isso e eu participei durante 5 anos da minha vida na evangélica também ainda não tive a oportunidade de conhecer a umbanda ou candomblé mas eu tenho muita vontade também assim eu tenho uma uns momentos assim bem ruins que uma certa forma nas duas religiões Então eu queria saber o que que

vocês três acham sobre o que as pessoas de fora que dizem que são de dentro trazem porque assim a gente vê de fora é uma coisa muito linda né mas dentro tem muitas fofocas muitas brigas intrigas então eu creio que não seja só na evangélica Não é só na Católica Então eu queria saber um pouquinho de fora assim não tem nada a ver com a escola né mas eu queria saber dúvida minha tá

Padre: Nós falamos na igreja de coisa de Deus das coisas divinas Mas nós somos humanos Então somos igreja formada por pessoas humanas e a gente não pode Pretender verdadeiramente assim a gente já acompanha a história e a gente não pode Pretender que seja perfeito em todos os lugares mas essa é uma visão que a gente tem que ter consciência que é assim né todas as pessoas todos os membros devem perceber isto que a gente vai para igreja para se encontrar com o Divino e aí tem as pessoas que intermedeiam este caminho né são ponte para este caminho é ajudam apoiam E ali a gente vai seguindo né então em todas as organizações humanas têm os seus as suas indiferenças tem as coisas que a gente reprova algumas a gente pode dizer mas eu posso melhorar eu posso ajudar nesse ponto né Então as pessoas começam a se dedicar a superar essa dificuldade e assim que a gente vai seguindo o nosso caminho né então a gente deve diferenciar as coisas é procurar ver que ali a questão pessoal de alguém que está ali mas que ele não tá compreendendo bem qual é o seu papel Qual é a sua função e para poder a gente dizer eu vou para outro lugar eu vou congregar ali em outra igreja para poder eu viver aquilo que eu gostaria de viver né que isso não implica propriamente tem que mudar de religião né diria até que agora estamos aqui entre jovens é um risco ficar mudando de religião porque senão daqui a pouco você vai estar em várias e não vai se encontrar em nenhuma porque você vai procurar perfeição e não vai encontrar em nenhuma então você procura ver os princípios desta e procura seguir o caminho dela que ela vai te conduzir por bons caminhos Que ela vai te sentir conduzir para o bons caminhos sem ter que mudar é para mim a visão que eu costumo dizer recomendar

Babalarixá: Eu já fui evangélico já fui e não é que foi ruim para mim não foi de forma nenhuma foi muito bom muito muito bom mesmo mas eu me encontrei dentro do candomblé Eu me encontrei dentro do Candomblé nós nascemos com chamado você já passou pelo catolicismo pelo evangélico e você teve experiências ruins isso não quer dizer que não sirva entendeu Você vai para igreja você vai ali para escutar o que o pastor tá falando que o padre tá falando você vai aprendendo um terreiro você vai lá para saber o que o seu sacerdote mas no final de tudo é só você como comentou mais cedo mais cedo comentamos mais cedo que a fé é a sua Ah mas a fofoca que a gente costuma falar dentro

do candomblé que quando a pessoa faz muita fofoca mas se você se importar tanto com que os outros falam você não tá indo atrás da sua fé Você tá indo atrás de escutar o que o povo diz o que é falada Ah porque a tua cara porque a tua camisa porque teu cabelo de nada do que eles falam interessa de fato a você porque é detalhes o interessante vai ser o pastor tá pregando tá falando lá e você tem a certeza que aquilo que ele tá falando não aquilo que o outro tá falando de você não aquilo que eu estava fofocando de você tá dizendo porque o pai de santo tá lhe falando aquilo sim realmente é interessante para você porque nós como sacerdote nós jamais vamos querer o mal de ninguém que nos procura agora infelizmente a fofoca ela existe em todo canto aí eu sempre prego assim lá dentro normal dentro do Candomblé vou te falar que é o que mais tem eu falo para os meninos é engraçado se no teu trabalho tão fofocando de tu vai sair de lá só porque estão falando mal de você quer ter sustenta o teu pão de cada dia e por que de dentro da minha casa de tentar religião você quer sair por causa de fofoca a tua fé não te alimenta de coisas boas não a tua fé está se alimentando somente dessa fofoca somente porque eu tenho uma convicção comigo que as pessoas só falam mal da sua vida se você começar a comentar com elas o que você tá passando o que que tá acontecendo se você entrar na igreja muda louvar Deus entrar num Candomblé e depois sair você cumpriu seu papel acabou ninguém vai ter o que falar vamos dizer que você entre a muda faz o seu papel e sai muda novamente e acabou entendeu mas toda a religião ela é muito boa mas você precisa se encontrar ou se reencontrar novamente entendeu e não ligar para o que falam deixam de falar o importante é a palavra do seu sacerdote ou da sacerdotisa é o que vale mais porque ele está ali indicar o caminho que ele também está E aí vai de cada um porque seguir ou não Tá bom meu anjo

Pastor: Você tem irmãos irmã tem um irmão de 8 anos de 8 anos então não dá para ver minha pergunta né muitas vezes uma casa você tem dois três irmãos e entre si sempre há brigas discórdia disse daquilo outro irmãos mesmo eu tenho só 12 nós somos uma família um pouco grande não é mas a questão é bem assim o meu irmão pode brigar comigo nas crianças brigar que isso não acontece entre eu e eles que existe um respeito mas eu jamais quero que alguém toque no meu irmão porque ele é meu irmão né e voltar para você entender eu sou filho meu pai era pai de santo né eu cresci nesse aí cresci vendo meu pai recebendo espíritos vendo meu pai tirar espírito vendo meu pai benzer e fui para igreja católica estive lá até 14 anos e hoje estou aqui então o mundo de religião religioso eu tenho uma fruta que eu não como mamão para mim não existe né meu estômago não aceita mas eu tenho uma mesa composta de várias frutas e lá está o senhor

mamão eu vou deixar de comer aquelas frutas por causa do mamão não eu vou comer as que eu via que eu gosto e o mamão deixa lá só tem um detalhe a salada de fruta tem mamão eu não sou muito porque eu não tenho como tirar uma mão religião é um alimento espiritual que estão dizendo na igreja que se eu vou para a igreja eu tenho que me alimentar espiritualmente a minha alma eu não tenho que olhar o que o Fulano está vestindo que o Fulano penteou o cabelo se é uma roupa nova então não estou participando eu estou sendo mexerico ali eu tenho que entrar minha adoração é para Deus então na igreja Essas barreiras que você encontra que você encontrou lá na igreja católica que você encontrou na igreja evangélica são coisas que você viu que o seu eu não aceitou E se você for a outra religião você também pode encontrar a mesma coisa mas a partir do momento que você disser o meu foco aqui na igreja não é o pastor não é o padre não é o pai de santo meu o meu o meu alvo aqui se chama céu porque eu creio no céu creio no inferno sei que eles existe pensei que a minha vida aqui um dia ela vai ter fim como dizer eu uso esse problema baixar eu não sei o que tem do outro lado ninguém sabe mas aí eu tenho um guia que eu me espelho que é a Bíblia e a Bíblia me ensina que para mim me encontrar do outro lado eu preciso seguir esse caminho então a minha fé tem que ser focada aqui nesse caminho se você for lá no espiritismo Ele vai lhe ensinar eu conheço um pouco sobre as religiões estudei isso aí você vai encontrar que é lá no outro lado você vai lá e se você não tiver preparado você vai retornar uma nova vida aqui né até você se achar então hoje a religião ela é um foco que você tem que ter não para eu vou para igreja por causa do meu amigo como eu falei do meu filho Ah tô gostando da menina eu vou lá por causa dela se não existe eu tenho que ir porque eu preciso eu me achei aqui está a minha essência eu jamais vou dizer a Meu filho se ele chegar comigo e dizer eu escolhi esse caminho eu vou chorar meu coração vai doer mas eu vou dizer assim Deus te abençoe eu não posso decidir por ele por ela eu tenho que decidir por mim então diga a você como é que você tem que se achar na igreja o que você não gostou na igreja né Eu não gostei disso não gostei daquilo é aquela questão porque uma mão tava lá e aí você comia o mamão porque os outros comiam não você tem que deixar uma mão de lado e vamos lá comer a melancia que eu gosto banana mas a mamãe vai ficar então a religião para mim é isso ok muito.

Mediadora: obrigada muito esclarecedor, tá dúvida foi então Sucesso

Rayane (nome fictício): Boa tarde! A minha pergunta é para o Babalorixá:

Como o senhor vê a filosofia ajudando a gente a pensar e entender mais as tradições religiosas diferentes da nossa?

Babalarixá: é a filosofia ela mostra que você precisa abrir a sua mente não é você precisa entender que o seu eu é você e o seu eu também pode ser nós porque se tu se você disser bem assim eu posso falar um pouco da minha pode mas eu também posso falar um pouco da minha você vai querer escutar o que eu tenho a falar você vai querer entender você vai querer se aprofundar primeiramente que nós precisamos Respeitar o espaço se você não quer não vou insistir a filosofia ela tá aí para expandir o nosso conhecimento religioso não só religioso na verdade mas como no total no total se você tiver uma dúvida eu falei ainda agora se você tiver alguma dúvida pergunte mas se você tiver um medo de perguntar e de saber a realidade daquela pessoa é melhor que fique para você entendeu fique para você porque nós temos que estar a filosofia ela ensina que a gente tem que estar tudo a tudo mesmo ao que tu acha certo ou que tu não acha ou que deve ser o que não deve você tem que estar preparado ou preparada para entender que o seu eu é para você mas o seu eu também pode ser para todos nós entender.

Rayane (nome fictício): Pergunta para o padre: padre o que o senhor diria para um estudante que tem dificuldade de conviver com um colega de outra religião?

Padre então na verdade essa diferença de religião a gente tantas vezes já tem isto em casa na nossa família hoje em dia é difícil que uma família inteira seja só de uma religião agora quando nós estamos no lugar público com uma escola aí a gente já vai com o espírito mais aberto a compreender que lá vai ter pessoas da maior diversidade mas olhando bem com o coração aberto a gente percebe que a diversidade é que faz o mundo ser mais bonito é muito mais belo é muito mais rico se nós tivéssemos só uma cultura no mundo ele seria muito triste é só uma coisa é só uma música que eu tenho que ouvir não então a Gama de ritmos é tão grande as expressões culturais são infinitas assim a gente vai compreendendo também as expressões religiosas então é uma riqueza da humanidade e eu com o coração aberto ainda a gente se aproxima dos colegas e procura saber deles como é que você vive como é que você vive a sua fé porque esta assim é uma dimensão muito importante da vida humana é uma chance que você dá para sua vida deslanchar é ter a fé é cultivar sua fé é ter religião isso faz uma diferença muito grande na vida de uma pessoa né então é importante sim viver a fé a sua fé cultivar sua fé tem a sua religião e interagir também com os outros e procurar saber como que os outros vivem e expressam A sua também é essa partilha é importante ajuda muito na convivência.

Mediadora: muito bom. Iasmim (nome fictício)

Iasmim (nome fictício): Boa tarde minha pergunta é para o pastor ,Pastor na sua opinião como a sua fé pode ajudar a gente a ter mais respeito pelas diferenças religiões dentro da escola?

Pastor: Ter mais respeito! Palavra bem bonita continua a citar quando você se coloca no seu limite respeita o limite do outro o território do outro dentro da escola ou até em qualquer lugar no trabalho aquela questão que hoje se chama bullying né hoje em dia o ser humano é o que que o ser humano tem o ser humano só acredita que ele é certo um exemplo não indo migrar para a questão por que que o nosso país hoje afunda politicamente porque o ser humano ele não respeita o limite do outro é hoje em dia nós temos dois partidos que Reina no país né E aí não importa se o Fulano presta não presta mas é o que eu quero então eu ou eu dentro de casa dentro da escola no trabalho em qualquer lugar que você vai então o respeito para de uma religião para com a outra é aquela vai fazer com que se todos tivessem limite de respeito a sociedade era bem diferente então acredito que dentro da escola como Cada um olhando o seu limite né na questão você esse é o teu limite Esse é o meu vamos prosseguir Ah mas a Bíblia fala assim ah não mas eu acredito assim então nunca vai haver respeito a opinião diferente cria confusão cria Contenda cria tantas e tantas coisas então se você gosta você vê a pergunta se você gosta do seu cabelo assim e a moça já gosta cortado assim você não tem que se meter com o cabelo dela tem que continuar com o seu né então religião é a mesma coisa eu tenho que me alimentar espiritualmente da forma que eu preciso sabendo que for falar a Bíblia a Bíblia ela fala que a salvação é individual cada um vai prestar conta de si próprio eu não posso prestar conta do meu filho eu não posso prestar conta da minha filha não vou prestar conta de mim então se todo mundo tivesse pensamento dentro de uma escola dentro de qualquer instituição a respeito de religião não existe aquela guerra tua não serve a tua não salva a tua Nice a tua aquilo não você tem a sua vamos em frente somos amigos entendeu isso para mim é a parte essencial se isso acontecer dentro da escola e a educação mudará 10 vezes mais

Mestranda: isso isso é isso é reciprocidade esse Trato como tu me trata né E se eu te trato com respeito eu espero que você me trate com respeito também né o diálogo em prática.

EPISODIO 6

Mediadora: Para encerrar a gente vai refletir juntos: O que a gente aprendeu quando escuta o outro? Como podemos transformar a escola em um espaço de

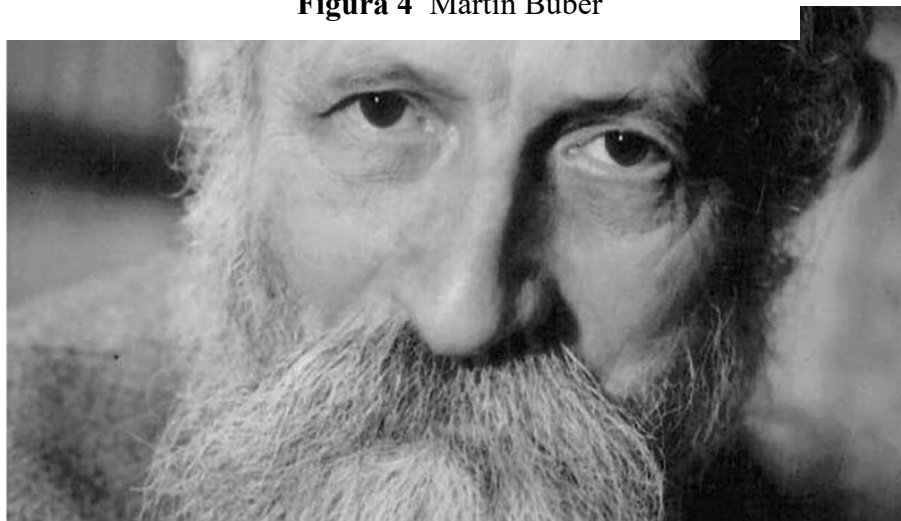
encontro e comunidade também? Mestranda você pode falar um pouco sobre a importância do diálogo que a gente teve com esses representantes e com os alunos também? comente pra gente um pouco sobre.

Mestranda: Essa roda de conversa hoje aqui seria muito interessante se todos os segmentos fizessem e que os alunos que aqui estão nesse *podcast*, nessa roda de conversa possam ser multiplicadores do que ouviram, do que falaram porque começa aí, na realidade, nós que somos da do chão da escola que recebemos os jovens, nós recebemos jovens diferentes de como a escola nos recebeu quando estudávamos! Uma fala do pastor é muito atual quando diz que “a escola está para ensinar não para educar” a princípio é isso, no entanto, a realidade é que os alunos realmente chegam na escola sem aquela educação básica: aquela educação doméstica de respeito ao próximo, do respeito ao mais velho, do respeito a hierarquia, e aí os educadores se desdobram em duas missões: Ensinar e Educar que é difícil exercer as duas funções mas o espaço de diálogo do encontro da escuta de fazer com que a escola não seja só um lugar que o aluno chega lá fiquei 3 horas e meia e vá embora mas que seja uma comunidade realmente uma comunidade do encontro, uma comunidade da escuta, uma comunidade de respeito. Quando eu estava na gestão da escola que os alunos são meus alunos, eu tentava fazer um ambiente da escola que eles gostassem de estar lá e tanto que, quando terminava as aulas eles não iam embora, eles queriam ficar lá porque o ambiente era acolhedor, o ambiente era respeitoso, eles se sentiam à vontade de conversar e ser ouvido, de falar e ser ouvido e isso a gente percebe a ausência na maioria das escolas. Então esse momento foi muito importante, espero que a gente possa ter outros episódios em que a gente possa conversar ouvir mais, outros jovens também.

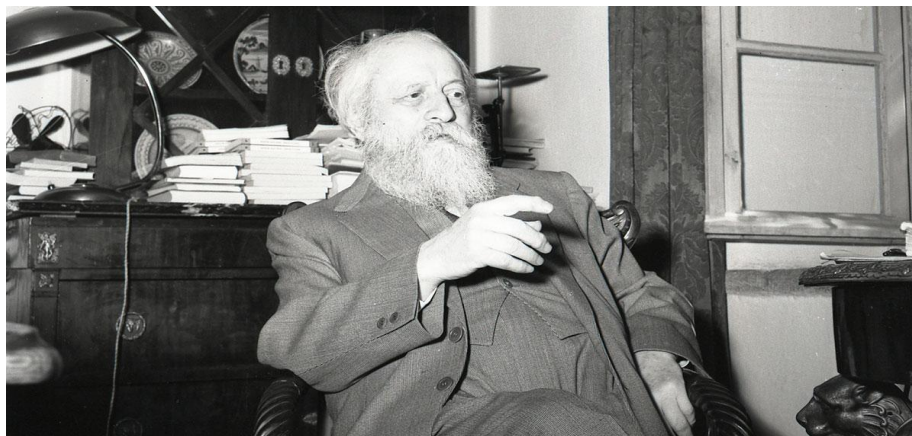
Mediadora: Com certeza! E trago aqui que o que a gente aprende quando a gente ouve os outros que na verdade não somos tão diferentes assim: A gente tem pequenas diferenças, a gente tá falando especificamente de religiões. Temos algumas diferenças, mas no final (como foi colocado por todos aqui) sempre queremos encontrar o nosso ser superior colocando dessa forma, então, muito, muito obrigada a todos os nossos convidados e aos ouvintes, esperamos que esse episódio tenha despertado reflexões, inspirado novas práticas dentro e fora da sala de aula.

“Não há ensino sem encontro e não há encontro sem escuta” Siga o nosso *podcast* e compartilhe com os colegas até a próxima.

ANEXOS

Figura 4 Martin Buber

Fonte: *The David B. Keidan Collection / Domínio Público via Wikimedia Commons*³²

Figura 6 O Caminho do Homem

Fonte: Martin Buber em Jerusalém. Foto © Boris Carmi /Meitar Collection / National Library of Israel / The Pritzker Family National Photography Collection / CC BY 4.0³³

³² Prado, Luiz. <https://jornal.usp.br/cultura/martin-buber-filosofo-do-dialogo-e-tema-de-evento-na-usp/>. acesso em 16 de junho de 2025.

³³ Vasconcelos, Rui. <https://setemargens.com/um-livro-singular-para-uma-leitura-pausada/>: acesso em 16 de maio de 2025.